



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH IV
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
(MPED)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

**CARTOGRAFIAS DE UMA NEOLINGUAGEM INCLUSIVA: OUTRAS
GRAMÁTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA NA CIBERCULTURA**

Jacobina – Bahia

2023

JADLA MORAIS MENEZES

**CARTOGRAFIAS DA NEOLINGUAGEM INCLUSIVA: OUTRAS
GRAMÁTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA NA CIBERCULTURA**

Cartografias da Neolinguagem Inclusiva: outras gramáticas na Língua Portuguesa na Ciberultura apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação e Diversidade, no curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação Campus IV - Jacobina – BA, vinculado à linha de pesquisa I Educação, linguagens e identidades e ao Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior – DIFEBA, como pré-requisito para o título de mestra.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Gomes da Silva

Jacobina – Bahia

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

"CARTOGRAFIAS DE UMA NEOLINGUAGEM INCLUSIVA: OUTRAS GRAMÁTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA NA CIBERCULTURA"

JADLA MORAIS MENEZES

Trabalho final de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, em 09 de setembro de 2023, para obtenção do grau de Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor(a) Dr.(a) ANA LUCIA GOMES DA SILVA

Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Professor(a) Dr.(a) DINA MARIA ROSARIO DOS SANTOS

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Examinador(a) Interno



Professor(a) Dra JULIANA SALVADORI

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Examinador(a) Interno



Professor(a) Dr.(a) EDMÉA OLIVEIRA DOS SANTOS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Examinador(a) Externo



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV/JACOBINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE.
COLEGIADO DO PROGRAMA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE



Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TDE)

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TDE) Na qualidade de titular dos direitos autorais de autor da publicação abaixo referenciada autorizo à Universidade do Estado da Bahia, a disponibilizar através do site www.mped.uneb.br, sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissões assinaladas, do trabalho final de conclusão de curso (TFCC) em meio eletrônico, no formato especificado, para fins de leitura, impressão e/ou download pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

1. Identificação do Documento/autor: Jadla Morais Menezes

Título: CARTOGRAFIAS DE UMA NEOLINGUAGEM INCLUSIVA: OUTRAS GRAMÁTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA NA CIBERCULTURA".

Autor: Jadla Morais Menezes RG:1477062971 _____ CPF: 06871896597 _____

E-mail: jadlinha@hotmail.com _____

Orientadora: Ana Lúcia Gomes da Silva _____

E-mail: analucias12@gmail.com _____

Membros da banca

DINA MARIA ROSARIO DOS SANTOS; EDMÉA OLIVEIRA DOS SANTOS; JULIANA SALVADORI _____

Instituição de defesa: UNEB _____

Data da defesa: 06/09/2023 _____

Titulação: Mestre _____

Número de Páginas: 114 Data de entrega à biblioteca: / / _____

Área do conhecimento (Tabela CNPq): EDUCAÇÃO _____

Palavras chaves: Neoliguagem. Língua portuguesa. Cartografia. Linguagem. Cibercultura. _____

2. Informações de acesso a documento:

Este trabalho é confidencial? () Sim (X) Não

Ocasionará registro de patente? () Sim () Não

Pode ser liberado para publicação? (X) Sim () Parcial

Em caso de publicação parcial, assina-lhe as permissões:

Sumário

Capítulos. Especifique: _____

Bibliografia

Outras Restrições

Jacobina, 12 / 11 / 23 _____

Assinatura do Jadla Morais Menezes Autor

RESUMO

Esta pesquisa toma como tema de estudo a Neolinguagem Inclusiva assumida em sua perspectiva não binária, que abriga uma cartografia sobre os sujeitos dissidentes a linguagem e visibilização em redes na Cibercultura e nos ambientes educacionais, em especial, na educação básica. Tem como objetivo central: analisar como a Neolinguagem interroga a linguagem através da diferença, pelo diverso, dissidente e heterogêneo, a fim de afirmar a inclusão da mesma no ensino da Língua Portuguesa de modo que os/as/es sujeitos se sintam visibilizados/as/es como sujeitos de linguagem. Como objetivos específicos definimos: a) Produzir uma genealogia da linguagem dita neutra, performatizando outra história que descontinua formas de se ver o gênero binário na LP, considerando o sujeito como um efeito de linguagens, discursos. b) Enredar cartograficamente as disputas de narrativas na cibercultura sobre a Neolinguagem e o seu uso como forma de uma comunicação não-binária. c) Apresentar estratégias cartografadas para a inserção da neolinguagem no ensino da Língua Portuguesa na educação básica, a fim de produzir cartografias da diferença de modo a visibilizar os sujeitos/eis. Adota como método a cartografia, que se faz como um mapa aberto, objetivando trazer uma história outra para essa cortinagem binária que a Língua Portuguesa implantou e defende. Os/as/es sujeitos coautores/as/ies da pesquisa foram os/as usuários/as/ies na *Cibercultura e o Ciberespaço* através dos *corpus* de análise: *Youtube e Twitter* Como procedimento de análise o próprio método cartográfico. Na primeira fase da pesquisa realizou-se a revisão sistemática do tema em estudo no recorte temporal de 2015 até 2021 na base de dados *SciELO e Google Acadêmico* cujos resultados apontaram para a escassez de pesquisas devido a atualidade do tema, ampliando-se assim, o escopo da revisão para uma cartografia na cibercultura. Como resultados centrais a pesquisa destaca: embates emergentes e coexistentes na cibercultura e seus jogos de força que cambiam entre um discurso impositivo sobre a Neolinguagem gerando a informação, a desinformação e/ou a propagação de *fake news* nesses espaços, assim como discursos defensores da Neoliguagem como movimento de inclusão e desvinvisibilização dos sujeitos; cartografia da neoliguagem com estratégias de promoção, espaço de visibilidade, respeitando a forma como cada pessoa deseja ser identificada; NI, visa desconstruir as normas binárias tradicionais e reconhecer a multiplicidade de identidades de gênero e orientações sexuais, encontra tanto apoio entusiástico quanto resistência firme na cibercultura do *Instagram, Youtube e Twitter*, conforme (*corpus* de análise cartografados). Os/as/es usuários/as que abraçam essa forma de linguagem frequentemente enxergam-na como uma oportunidade de respeitar a autodeterminação das pessoas, promovendo inclusão e desconstruindo estereótipos de gênero. Eles veem o uso de pronomes inclusivos e outras adaptações linguísticas como um ato de inclusão social e linguística, uma maneira de afirmar o direito de cada falante.

Palavras-chave: Neoliguagem. Língua portuguesa. Cartografia. Linguagem. Cibercultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Curso Livre: Linguagem Inclusiva de Gênero.....	20
Figura 2 - Vídeo sobre linguagem neutra de Cíntia Chagas	77
Figura 3 - Vídeo sobre gênero neutro de Jana Viscardi	78
Figura 4: Roda-cartográfica I.....	79
Figura 5: Roda-cartográfica II.....	80
Figura 6: Roda-cartográfica III.....	81
Figura 6 - Um rizoma, (des)caminhos e inventividades	87
Figura 7 – Captura de tela	91
Figura 8 – Interação da pesquisadora com os sujeitos cartografados.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Transcrição.....	21
Quadro 2 – Transcrição.....	21
Quadro 3 - Posicionamentos de usuáries	50
Quadro 5 - Transcrição da fala de usuárie “a” e “b”	59
Quadro 6 - Transcrição da fala de usuárie “c”, “d” e “e”.....	62
Quadro 7 - Transcrição da fala de usuárie “f”	65
Quadro 8 - Transcrição da fala de usuária “g”	69

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

EB – Educação básica

LAPPE - Laboratório de Prática e Pesquisa Educacional

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais...

NI – Neolinguagem Inclusiva

NI – Neolinguagem Inclusiva

LP – Língua portuguesa

MPE - Mestrados Profissionais em Educação

MPED – Mestrado Profissional em Educação e Diversidade

PB – Português brasileiro

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação  Docência

RS – Revisão Sistemática

RSL – Revisão Sistemática da Literatura

TCC – Trabalho de conclusão de curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDR - Territorialização, desterritorialização e reterritorialização

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1. TEIA TARÂNTULA - FIOS DE UM DEVIR	
ARANHA.....	9
1.1 Web-teia I - A genealogia de uma outra gramática: sobre uma Neolinguagem Inclusiva	20
1.2 Web-teia II - Rastros de uma Revisão Sistemática	41
1.3 Web-teia III - Corpos-territórios: uma experimentação cartográfica nas narrativas da Neolinguagem Inclusiva em redes.....	44
2. TEIA CARANGUEJEIRA – PRODUÇÃO DE FIANDEIRAS	71
2.1 Fiandeira I - Experimento do método cartográfico: (des)locamentos iniciais de uma imersão.....	72
2.2 Fiandeira II - Notas sobre a dimensão ética em uma pesquisa cartográfica	84
2.4 Fiandeira III – Teias-cast: Proliferação de aracnídeas e a cartografia das conexões e desejos.....	87
5.REFERÊNCIAS.....	99

O que procuro aqui: desejo. O desejo – processo de produção de universos psicossociais; o próprio movimento de produção desses universos. Procuro esse movimento, que se desdobra em três, simultâneos. Nessa procura, você me acompanha.
(SUELY ROLNIK, 2006)

TEIA TARÂNTULA- FIOS DE UM DEVIR-ARANHA¹

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias!

Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia-as, mas não lhe dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre inacabava as suas obras.

Ao fio e ao cabo, ela já amealhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.

E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo o bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraícoeriras funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranhica não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

- Não faço teias por instinto.

- Então, faz por quê?

- Faço por arte
(COUTO, 2009a, p. 73-75).

A teia: uma rede de fios interconectados. Escrevo como quem enreda-teias. Percorrendo em linhas e rachaduras como pede essa pesquisa cartográfica. O trecho do conto *Infinita fiadeira*, de Mia Couto, traz uma aranha que tece por prazer de tecer, por arte, modo-existência de vida, essa pesquisa é um modo-existência de vida que acaba produzindo teias-outras para/com a língua, linguagem, linguagens.

Nesses fios iniciais, vou conectando-os sobre as minhas brechas-experiências. E em alguma dessas brechas, irá aparecer o que me move e move essa pesquisa. Movo-me como um

¹Escreverei em um gênero neutro. Utilizando de dispositivos de não demarcação como forma de incluir sujeitos no tema de estudo, mas também como exercício epistêmico de visibilizar e fazer circular a adoção da neolinguagem inclusiva que defendo na pesquisa-vida-formação.

devir-aranha, que em seus rastros vai produzindo teias para que possam se mover sobre elas como uma forma de existência e na coragem do enfrentamento pela vida, assim como tem sido essa pesquisa.

Para Jorge Larrosa (2002) o sujeito da experiência é o sujeito da exposição. [...] “mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.”. O tempo passa rápido, não paramos, corremos e deixamos assim de lado às interferências, as pausas, as experiências. Larrosa (2002) diz que precisamos encontrar o fio que nos mova para o estar sendo sujeito-território-passageiro, que abriga acontecimentos e que possa, acima de tudo, sentir as experiências.

Esses fios e entranhas que estou indo ao encontro ou (des) encontro serão erguidos por um povoamento de experiências e ex-po-sições de uma: feminilidade, estudante, professora e pesquisadora. O que é uma pesquisa sem as escolhas éticas e políticas de quem pesquisa e se pesquisa diante das suas experiências e subjetividades? Autorizo-me a deixar uma teiacast *Exposed: Vozes feministas que se desordenam em suas professoralidades*, em que, trago minhas ex-po-sições e que acompanha esse texto. Link para acesso:



O não-começo [abdômen da aranha]. Mulher, no interior da Bahia, sertão nordestino, no território do município de Irecê. Saindo do ninho da educação básica e aprendendo a voar em um novo ambiente da educação: a universidade. Algumas pessoas entraram em minha vida como uma espécie de passagem. Tenho acreditado que a minha construção na universidade foi feita por produções de passagens. Estar sendo uma pesquisadora das questões que envolvem teoria feminista, sexualidade, gênero, performance de feminilidade, foram reflexos dessas passagens até então recebidas. Os primeiros sinais, no entanto, não ocorrem nas incumbências ao meu envolvimento com o ensino superior. Mas, com o ensino básico. Acredito que seja um

dos primeiros indicativos pela minha escolha em pesquisar a Neolinguagem Inclusiva² na Língua Portuguesa na Cibercultura³.

O que o silenciamento proposital faz com estudantes de uma escola da normatização. Ressoa uma sobrevivência institucional. Isso começa lá na educação básica, onde se sustenta a escolha desta pesquisa pela pesquisadora. Este movimento de lembrar-se da escola me faz lembrar da minha vida em colégios como aluna. Estudei em escolas sempre perambulando de uma à outra. Talvez essas mudanças rotineiras fossem uma consequência de uma não adaptação às instituições de ensino. Sempre fui uma receptora ou talvez uma receptora silenciada. Sentada em fileiras, de frente para o quadro e para professoras/ies que sempre faziam exposições conteudistas. A quebra de um ensino na educação básica (cultura da transmissão) para o ensino superior (cultura dialógica) foi um grande desequilíbrio. Sair de um ato passivo de estudante para um ato participativo, nunca é fácil. Por isso, trago em mim, algumas marcas subjetivas dessas mudanças.

Angélica Vier (2022) me recoloca, no sentido que hoje compreendo melhor como os processos da docência, quando diz [...] “De fato, nada está dado na docência. Talvez se trate mesmo de uma experiência em gestos que nos permite abandonar o que somos para nos tornarmos outro. Um exercício de experimentar-se a si mesmo como dissolução de uma identidade docente em defesa de um modo de existir no mundo. E novamente, nada está dado...” Esta passagem reflete sobre a natureza da docência e a ideia de que nada está pré-determinado nesse campo. A docência é descrita como uma experiência em gestos, um exercício de se experimentar como dissolução da identidade docente em favor de um modo de existir no mundo.

Revejo hoje, a docência como ocupar um lugar no mundo e compartilhá-lo. A escolha desse lugar é uma escolha de existência. A existência docente está ligada não apenas a práticas de ensino e aprendizagens, mas também a modos inéditos de ser e agir em um espaço comum. Um modo de existir que está constantemente em processo de subjetivação, não se confundindo com um sujeito fixo. Tenho tentado existir como docente-mulher nesse estar fora de si, experimentando e produzindo novos modos de e-xis-tir.

² Aproprio-me do termo Neolinguagem Inclusiva e não Linguagem Neutra. Defendendo a ideia de uma não neutralidade na língua.

³ Usarei em alguns momentos da minha escrita abreviações para os termos: Neolinguagem Inclusiva (NL); Língua Portuguesa (LP); Educação Básica (EB).

As glândulas no interior da aranha. Volto para as marcas da estudante no ensino básico, e, destaco primeiramente, questionar e negar as nossas relações de comunicação dentro de uma perspectiva do espectador, ou seja, aquele que vê/escuta instruções passivamente e sem interferências com o meio. Preciso acrescentar: historicamente e culturalmente fomos ensinadas a sermos receptoras. Falo como feminilidade. Nós-mulheres, por muito tempo, fomos ensinadas através das instituições de poder (igrejas, escolas, família) a uma não participação colaborativa e coletiva. O que se tem como padrão, principalmente, nos muros das instituições de ensino em uma sociedade nunca me representou.

Então, quando um estudante do oitavo ano me perguntou o porquê da nossa escola não aderir a *Linguagem Neutra*, apropriando-me atualmente como Neolinguagem Inclusiva, despertou imediatamente em mim o desejo e espanto. A partir dele, deu-se o contato pela primeira vez com meu tema de estudo, isto é, o primeiro contato em sala de aula e no início do ano de 2019. Foi o “abrir a chave”. O questionamento me fez repensar os paradigmas do nosso tempo, refletindo o corpo, a língua, as normas, a política e a sociedade. Pois, a Neolinguagem Inclusiva refere-se a um conjunto de práticas e estratégias linguísticas que buscam promover a inclusão de pessoas de diferentes identidades de gênero, orientações sexuais e experiências de vida na linguagem escrita e falada. Superando a linguagem sexista e binária, que muitas vezes exclui ou marginaliza certos grupos. A Neolinguagem Inclusiva envolve o uso de termos e expressões que não reforcem estereótipos de gênero, além de evitar o uso de linguagem que assuma uma dicotomia estrita entre masculino e feminino. Em vez disso, busca-se adotar formas de expressão que sejam mais abrangentes, respeitando e reconhecendo a diversidade de identidades de gênero e experiências.

Reflico a Neolinguagem Inclusiva como o que se caracteriza pela: inclusão, performatividade linguística, uma política linguística outra, que não tolera a morte do sujeito pela linguagem. E sim, como um terreno no qual o sujeito se constrói e se constitui e vai deixando as marcas desse processo. Artigo-a diante dos estudos pós-críticos e da diferença. E, já demarco aqui, a diferença que há entre a Neolinguagem (dita como linguagem neutra) e uma linguagem inclusiva. De acordo com pesquisadoras a seguir:

No contexto social atual brasileiro, em relação a Linguagem Inclusiva de Gênero, corriqueiramente chamada de “Linguagem Neutra” ou que teria um pressuposto ideológico de neutralidade, lembramos, que quando discutimos constructos sociais, e estes são amparados pela língua e pela linguagem, não existe neutralidade. A intenção sobre a própria discussão do tema nos convoca a uma não neutralidade. Entretanto, parece que o tema saiu do desconhecimento e agora está em posição de destaque no debate político, ético, estético e social, consequentemente alterando

nossa percepção epistemológica, além de mobilizar pessoas e discursos. (VICENTE; XAVIER; FIDELIS; YORK, 2022).

É importante ainda, evidenciar sobre a questão da neutralidade, uma problemática nos estudos da “língua neutra”. O termo neutro é questionável. Sabemos que a língua não é neutra, muito pelo contrário, é política, é formação de uma cultura. A língua é viva e mutável.

Sara York, pesquisadora, ativista e professora, vem levantando muito isso em seus estudos, ela diz que não existe Linguagem Neutra, uma vez que a Linguagem não produz/reproduz neutralidades; é sempre uma tomada de posição e está relacionada à disputa de poder e de narrativa. E se apropria do termo: Linguagem Inclusiva de Gênero.

O tema “Linguagem Neutra” sai de pressuposto ideológico de neutralidade, lembrando, que quando discutimos constructos sociais, e estes são amparados pela língua e pela linguagem, não existe neutralidade. Logo, concebo nessa pesquisa o termo Neolinguagem, que questiona e surge através da Língua Portuguesa em suas definições e representações binárias para mencionar algo/alguém, através dos artigos, preposições e pronomes classificatórios, além de delimitar o gênero gramatical masculino como representante geral e como um signo de uma cultura de subjugação ao domínio masculino. A Neolinguagem repensa a LP de modo a ter pronomes neutros e novas grafias no idioma para que sujeitos fora do binarismo da língua tenham o direito à visibilidade linguística em sua performatividade no meio social.

Já uma Linguagem Inclusiva traça uma comunicação para que não haja exclusão a um grupo de pessoas e sem que haja alterações no nosso idioma. É uma linguagem que adota práticas políticas de inclusão ao usar a língua como prática discursiva social concreta de comunicação social. Apropriando de palavras que já existem na LP, mas que, incluem todas as pessoas falantes.

Ambas as linguagens possuem uma possibilidade de pensar o social em heterogeneidade, ou seja, o conjunto social formado, paradoxalmente, por modos de vidas distintas, afastando-se da ideia de homogeneização popular, na qual, os corpos devem seguir uma lógica programada. Ao contrário, se desprendem de uma fixidez instaurada pelo discurso do poder e nos mostra outra relação com a história, pois nega as formas tradicionais de vida em sua linguagem. Existem várias maneiras de adotar a Neolinguagem Inclusiva, ao conversar com pessoas que não se sentem visibilizados/as/es com o masculino/feminino. Alguns exemplos incluem: 1. Uso de pronomes não demarcadores: Além dos pronomes tradicionais "ele" e "ela", adotam-se pronomes neutros, como "elu", "delu", "ile", entre outros, que podem ser utilizados para referir-se a pessoas de forma mais inclusiva. 2. Uso de formas genéricas e coletivas: Em

vez de utilizar termos que presumem um gênero específico, opta-se por formas mais genéricas, como "pessoas", "indivíduos" ou "seres humanos". Também se utiliza o uso de formas coletivas como, "todes" ou "todas e todos", para englobar todos os gêneros. 3. Flexibilização da linguagem: Evita-se o uso de expressões que reforcem estereótipos de gênero ou papéis tradicionais, buscando formas mais neutras e inclusivas. Isso inclui evitar o uso de palavras como "homem/mulher" como sinônimos de ser humano e preferir termos mais amplos, como "pessoas".

Busco oferecer uma compreensão abrangente das diversas manifestações de sexualidades representadas pela sigla LGBTQIAPN+. É importante ressaltar que a linguagem desempenha um papel fundamental na inclusão e no respeito aos sujeitos individuais. Portanto, ao nos referirmos a cada um dos grupos, devemos fazê-lo de maneira a promover espaço de visibilidade, respeitando a forma como cada pessoa deseja ser identificada. A sigla em questão é usada para abranger uma ampla gama de sujeitos e experiências, e a compreensão desses termos é imprescindível para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora. Trago aqui a minha experiência de construção colaborativa de um glossário coletivo para uma comunicação inclusiva com a turma de Letras da UNEB, ainda em andamento, a partir também da minha participação e da professora/orientadora Dra. Ana Lúcia Gomes em uma roda de conversa com o componente Seminários Temáticos Interdisciplinares dos estudantes do Curso de Letras do DCH 4⁴. A seguir o *Qr Code* para visualização.



É importante ressaltar que a Neolinguagem Inclusiva é um campo em constante evolução, e diferentes pessoas e comunidades podem adotar práticas linguísticas variadas. A intenção é

⁴ A convite do professor Antenor Rita Gomes participei da aula aberta com estudantes, convidados/as apresentando a minha pesquisa, tendo como mediadora a prof^a orientadora, dr^a Ana Lúcia Gomes da Silva, bem como da produção colaborativa do Glossário inclusivo em andamento com a graduação.

promover a igualdade, respeito e inclusão, reconhecendo a diversidade de identidades de gênero, buscando tornar a linguagem mais inclusiva para todos/as/es. Trazendo à tona a singularidade do real, demonstrando aspectos que a linguagem binária não está mais dando conta, pois, há outros modos de afetividade, outras formas de pensar e agir politicamente e de se relacionar com o próprio momento e meio. Ou seja, a linguagem é aquela que também fornece outros modos de vida. Modos, que não se prendem a um ato individual e sim, coletivo, e que acabam movimentando uma pista para uma revolução aos aspectos tradicionais linguísticos. Até porque,

A linguagem é concebida como a capacidade humana de expressar significados coletivos por meio de sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. O objetivo principal de qualquer ato linguístico é a criação de sentido. (BRASIL, 1996).

A saída da glândula pelas fiandeiras. Saí então dos movimentos nas escolas e cheguei nas vivências da universidade e do PIBID. Lá no meu terceiro semestre da graduação de Letras, em que, fazem-me lembrar das tartarugas e seus percursos até o mar. O PIBID foi como um percurso. Eu, aproximando-me, na teia de alteridade da docência. Primeiros passos. A clara e gema, dentro do ninho. Saindo, ou melhor, querendo sair. Perambulando pelas salas dos/das/des professores, escutando as histórias da minha supervisora de como ser professora a tinha afetado psicologicamente - o processo mercadológico (TARDIF; LESSARD, 2008) se fez presente e foi uma grande parte das suas contações experienciadas para mim. E eu estava, ali, sendo estudante, em um rearranjo diante daquela descoberta da docência. Uma clara e gema. Hoje, talvez, eu seja um pássaro que esteja ainda no caminho das farpas, como diria PEREIRA (2016) em suas tartarugas: na força que vem de fora e interfere em tudo. Mas em um caminho.

E nesse caminho me vejo sendo professora da EB e pesquisadora da NI. E ao pesquisar, investigo: O que pensam sobre gênero nos acordos da escola onde trabalho? Primeiro que, há poucas falas, poucas discussões, ainda faltam gestos e movimentos sobre isso, pelo menos até pouco tempo. Gênero para 80% dos meus colegas professorias/as é o binário homem/mulher. Eles/elas/elus me mostraram a importância de entender o discurso da igualdade (homogêneo) como um dispositivo silenciador da diversidade. O mito da igualdade fere, limita. As diferenças estão postas e precisamos saber dialogar sem hierarquizar.

Essa pesquisa em seu trilha, talvez esteja sendo uma das possíveis respostas ao que já me questionei muito e questiono: O que o meu corpo de pesquisadora e mulher tem levado para a escola (ainda vista e compreendida majoritariamente como um lugar de falta) diante da diferença e diversidade? Lembro-me do que PEREIRA (2016) traz: "Estou no mundo, e o

mundo é um caos, uma grande trama de forças vivas em constante movimento e rearranjo.” Estar sendo professora da educação básica é um mundo dentro do caos. Mas, refiro-me ao “caos” dessas forças vivas que explodem em seus movimentos e discontinuidades. Como um caminho autoral de desfazer-se e refazer diante das tribulações cotidianas de estar sendo professora, que gosta de falar sobre gênero, sexualidade e diversidade em sala de aula e é nesse amparo do gostar que fui descobrindo.

O líquido das glândulas entra em contato com o ar. Descobri-me em meus questionamentos. Por que pesquiso a Neolinguagem Inclusiva (NI)? Por que gosto de levar questões de gênero e sexualidades para meu contexto de educação e para as minhas escritas? Por que sou tão afetada por falas que não transitam pelo essencialismo biológico e pelo binarismo de gênero? Hoje, tenho percebido com mais nitidez, que a minha produção de diferenças é exercida através dos meus próprios questionamentos. Compreender minhas inquietudes de uma professoralidade mulher, que se interessa por discussões de gênero, linguagem e sexualidades no ambiente escolar e fora dele, é uma marca que atravessa a minha escolha diante do tema. Escolha essa, por entender que a diversidade humana é, ainda, muitas vezes, negligenciada. A escolha do meu tema se faz pelo meu estudante do oitavo ano, aos meus estudantes em suas diferenças (pretos/as/es, indígenas, ciganos/as/es, transgêneros, lésbicas, viados, bissexuais...), a estudante Jadla do ensino básico e outras mais silenciadas, em que, as minhas memórias das imposições do fazer e do que é ser estudante perambulam e povoam a marca subjetiva apontada anteriormente que PEREIRA (2016) traz a partir de (ROLNIK, 1993): A marca é um estado, uma diferença produzida na superfície de sua subjetividade que contamina suas formas de ser. Não determina. Contamina, interfere. Talvez eu tenha sido contaminada na minha escola do interior. Quando o falar não era permitido e as formas de expressão também não. Quando falavam, mas, não abriam espaços, ocupações.

E, a minha escolha se deu também aos diferentes sujeitos que buscam formas de inclusão para e com a língua na Cibercultura e que constroem essa pesquisa comigo.

Para isso, assumo diante dessa pesquisa que abriga uma cartografia sobre a NI em sua perspectiva não binária, pensando os sujeitos, a linguagem e visibilização dentro do Ciberespaço ou fora dele. Alguns objetivos foram definidos como pistas para percorrer caminhos tateantes nos fios da aranha, entre eles: 1. produzir uma genealogia de uma outra gramática, a da Neolinguagem Inclusiva, performatizando outra história que descontinua formas de se ver o gênero binário na LP, considerando o sujeito como um efeito de linguagens, discursos. 2. Enredar cartograficamente as disputas de narrativas na cibercultura sobre a NI e o

seu uso como forma de uma comunicação inclusiva. 3. Cartografar a produção da NI atravessada pelas/nas/com as experiências dos/das/des participantes dentro de uma web-teia a fim de contribuir para a visibilidade dos/das/des sujeitos em suas diferenças e diversidades.

Neste espaço em que as diferenças são marcadas pela diversidade emergente em seus marcadores de raça, classe social, sexualidades, gênero, podem ser lidos e tomados como potência, mas, que na escola ainda produzimos uma análise marcada pela homogeneidade. Surge a questão problema desta pesquisa: como a Neolinguagem Inclusiva interroga a linguagem pelo diverso, dissidente e heterogêneo no pensamento da diferença, de modo que os/as/es sujeitos se sintam visibilizados/as/es como sujeitos de linguagem?

Interpretamos o mundo através da língua. Somos, através de um processo *devenir*, sendo construídas/os/es e desconstruídas/os/es por um movimento social diante da linguagem. A Língua Portuguesa, pensada em uma esfera linguística, acaba demarcando o gênero. Sendo-a nesse sentido, binária (homem x mulher). Este trabalho, neste sentido, busca refletir alguns caminhos teóricos, rizomáticos e pensamentos nômades como possibilidades de produzir o uso da NI em sociedade.

Para isso, tensiono a necessidade do exercício de uma pesquisa sensível às escutas de uma inclusão e que seja possível dentro de um mundo ainda complexo, que sofre com os processos de uma pós-colonização. Falo de uma pesquisa militante dentro da docência que pede o desmonte do gênero dicotômico como um organizador sociocultural e que tende incluir e/ou excluir por meio da escrita e da fala.

E esse conjunto de forças se transformam em fios. Este trabalho não só sai de uma particularidade minha como alguém que pesquisa e quer falar ou poder pensar questões performáticas de sujeitos/as/es em suas potencialidades dentro de espaços normativos, através de uma língua. A nossa língua. Mas, está para além disso. Essa pesquisa também é feita através dos/das/des meus estudantes e de ativistas que lutam nas redes para terem visibilidade em suas próprias comunicações. E, são para eles/elas/elus que aqui escrevo. Eu não estaria pesquisando a NI se não houvesse uma interferência. Se um sujeito afetado em seu discurso não tivesse chegado até a mim. Se eu não tivesse entendido que “Ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos.” (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 31).

Nessa teia textual tento proliferar rizomas em entradas diferentes de discussões. São fios que trazem um estudo cartográfico referente à Neolinguagem Inclusiva na Língua Portuguesa dentro da Cibercultura. Compreendendo as novas possibilidades sobre essa linguagem, os sujeitos em suas construções sociais, visando abrigar novas possibilidades sobre a língua. É

sobre um *todes* que emerge construções discursivas, sociais, culturais e políticas.

As teias neste capítulo e nos demais não possuem uma ordem para leitura. Como nos diz uma escrita rizomática, não há entradas ou saídas e nem um início ou fim, mas, conexões. Os fios desse trabalho se conectam e, ao mesmo tempo, pulsam para uma não linearidade num movimento de vida-nômade-pesquisa.

A escrita deste texto se organiza por fios na teia textual. No fio intitulado *Rastros de uma revisão sistemática* realizo a primeira etapa da pesquisa sistematizando o que já se tem posto e discutido diante de uma não demarcação de gênero da língua portuguesa. Abordo também quais proximidades e distanciamentos em relação a minha temática diante dos resultados obtidos e tensiono assim, uma investigação nas produções científicas já realizadas para que a minha escrita não seja uma repetição daquilo que já se tem. Mas, um trabalho que possa ser um resultado-produto para outras entradas discursivas, principalmente, como um amparo pedagógico para professorias/as do ensino básico e demais pesquisadoras/as.

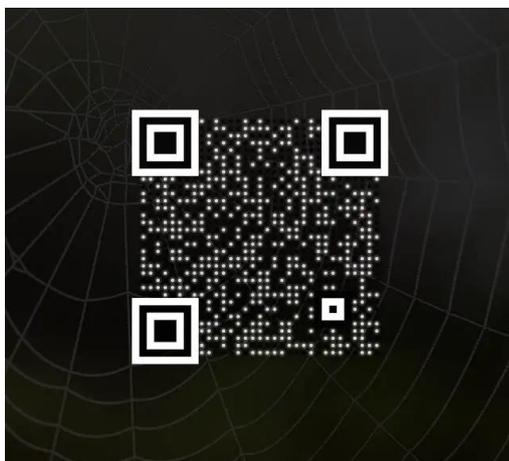
Em *A genealogia de uma outra gramática: sobre uma Neolinguagem Inclusiva*, conduzo uma escrita que perpassa sobre a linguagem em um caminho inventivo. Atravessando-me em uma genealogia. Refletindo a NI, a linguagem e a língua na perspectiva de uma nova história, uma nova possibilidade diante da língua portuguesa que é viva, mutável e, acima de tudo, performativa, desconstruindo conceitos e concebendo outros. Ao chegar em *Corpos-territórios em Web-teias: uma experimentação cartográfica nas narrativas da Neolinguagem Inclusiva na cibercultura*, trago uma cartografia diante de um recorte de 10 (dez) narrativas de sujeitos no *corpus* de análise *Youtube* e 15 (quinze) falas de sujeitos conectados no *Twitter* como uma experimentação-experimento e também para uma escuta-território. Tendo como compreensão a experiência como [...] a possibilidade de que algo nos toque e a forma como atribuímos ou não um sentido para tal. (SANTOS, Eliziane Santana dos.; FREIXO, Alessandra. 2021). São experiências que se conectam com emoções e sentidos. Larrosa (1994) ainda diz que “[...] a experiência de si está constituída, em grande parte, a partir das narrações. O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos”. São as narrações de cada sujeito nos *corpus* de análise que trarão suas próprias experiências sendo, até então, construídas ou (des)construídas.

Essa produção, em seu íntimo, soa e soará como o início de novas teias que se interconectam, embatem-se, encontram-se e recriam-se em suas tramas diante da Língua Portuguesa na Cibercultura, atravessadas pelos sujeitos em suas linguagens. Como diria (SILVA; COSTA; PEREIRA. 2020), deixo os fios como pontos de areias.

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais-velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos – chamados de obras de arte – tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.
(COUTO, 2009a, p. 73-75)

E, assim, joguemos os fios como as aranhas tecem teias-artes na pesquisa para realizar a análise nessa cibercartografia. As aranhas “transmutadas” que aqui jazem, criam outras gramáticas para [...] dar língua para afetos que pedem passagem”. (ROLNIK, 2006, p. 23)

E, ao falar em afetos que pedem passagem, remeto esse capítulo inicial a um conto chamado *Aranha, a artista* (2020) da escritora africanfuturista Nnedi Okorafor. Pois, são nessas teias-cartográficas em que experimento, sinto e vivo o processo de produção de pesquisa. A seguir, o *Qr Code* para dar acesso a leitura do conto.



WEB-TEIA I - A GENEALOGIA DE UMA OUTRA GRAMÁTICA: SOBRE UMA NEOLINGUAGEM INCLUSIVA

*É necessário abrir as gramáticas. Cavouca-las.*⁵

(Ana Lúcia Gomes da Silva, 2022)

Desenvolvo nesta primeira brecha uma espécie de amplificador acerca da Neolinguagem Inclusiva. Em que, adentrar-me-ei em questões conceituais, éticas, políticas e sociais na condição de gênero, sexualidade e diversidades que essa linguagem exerce. Tento nessa teia-brecha genealogizar essa linguagem, em que, insurge no nosso mundo contemporâneo, principalmente, no ciberespaço.

Começo cartografando o conceito de Linguagem Inclusiva/altruísta de gênero, Linguagem disruptiva de gênero, Linguagem neutra, Linguagem não-binária e por fim, Neolinguagem Inclusiva, a partir do *corpus* de análise *Youtube*. No *Curso Livre - Linguagem Inclusiva de Gênero*.⁶ Trazendo a hipermídia para o movimento dessa pesquisa.

Figura 1 - Curso Livre: Linguagem Inclusiva de Gênero

Linguagem Inclusiva de Gênero

Linguagem inclusiva de gênero

Conjunto de mecanismos de linguagem que construa sentidos de gênero além das dominações masculinista e binária.

- Linguagem **inclusiva / altruísta de gênero** (Educação, Direito)
- Linguagem **disruptiva de gênero** (pesquisas queer / cuir)
- Linguagem **neutra** (ativistas nb e pessoas em geral)
- Linguagem **não-binária** (ativistas nb e teorias críticas)
- **Neolinguagem** (ativistas nb)

Curso Livre - Linguagem Inclusiva de Gênero

Realize Eventos Científicos e Editora
1,82 mil inscritos

Inscrever-se

38

Compartilhar

Download

Para o conceito de hipermídia, Marco Silva, em sua obra "Hipermídia: Linguagem, Tecnologia e Educação", aborda tal conceito como uma forma de linguagem que se caracteriza

⁵ Fala apresentada pela orientadora da pesquisa (Ana Lúcia Gomes da Silva) e refletida pela orientanda, em uma das sessões de orientação no ano de 2022.

⁶ Link para o curso: https://www.youtube.com/watch?v=hsy_KnGgEsk

pela interconexão de diferentes tipos de mídias, como textos, imagens, áudio e vídeo, permitindo a navegação não linear e não sequencial pelos conteúdos. A hipermídia possibilita a construção de ambientes interativos, nos quais os/as/es usuários podem explorar e acessar informações de forma não linear, seguindo seus próprios interesses e necessidades. A interatividade é um elemento essencial da hipermídia, permitindo que o usuário participe ativamente da construção do conhecimento e da navegação pelos conteúdos.

A conectividade, por sua vez, refere-se à capacidade de estar conectado em rede, permitindo a troca de informações e o acesso a recursos online. Com a evolução das tecnologias digitais e a popularização da internet, a conectividade se tornou cada vez mais presente em nosso cotidiano, possibilitando a comunicação instantânea, o compartilhamento de conteúdos e o acesso a uma vasta gama de informações. No contexto educacional, Silva destaca que a hipermídia, a interatividade e a conectividade proporcionam novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Elas permitem a construção de ambientes de aprendizagem mais dinâmicos, colaborativos e personalizados, nos quais os alunos podem explorar diferentes recursos, interagir com o conteúdo, colaborar com colegas e acessar informações de diversas fontes.

Assim sendo, faço uma interação-hiperlink conceitual com o professor Iran Melo, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que é doutor em Linguística pela USP, no Curso Livre - Linguagem Inclusiva de Gênero, transcrevendo as suas conceituações, pois, a pesquisa em si é trazer os sujeitos circulantes e seus pronunciamentos nas web-teias-redes.

Quadro 1 - Transcrição⁷

[...] Vá de encontro a eles. Bom, a primeira coisa que a gente pode perceber, pessoal é que, o que seria algo que eu tô chamando aqui como **linguagem inclusiva de gênero**. É um conjunto de mecanismos de linguagem como um todo, não só como linguagem da língua, mas pense aí em linguagem bem ampla, linguagem inclusive do corpo, das cores etc. Que construa sentidos de gênero além das dominações masculinistas, que a gente sabe que é predominante numa cultura como a nossa, ocidental, urbana. Masculinista e binária, ou seja, é algo que vai romper com a dominação do masculino, sobretudo pensando além da língua, da nossa língua e outras línguas que o masculino gramatical serve como forma de representar os grupos heterogêneos, os grupos diversos, é uma forma usada para isso, chamada de “não marcada”. Não é uma forma de gênero, de uma forma não marcada, que aglutina todas as possibilidades de formas de gêneros e a visão binária de mundo, aquela visão de mundo entre masculino e feminino e outras dimensões. Tudo aquilo que vá propor uma nova linguagem para além dessas duas denominações, desses dois discursos, de práticas a gente chama de “**linguagem inclusiva de gênero**”, e isso na língua e em outros sistemas de linguagem.

Fonte: Youtube, 2023.

Quadro 2 - Transcrição

A gente tem usado várias formas de nomear, algumas delas, não são todas, a gente tá tentando fazer um uso ostensivo aqui, mas, algumas delas, a gente percebe que tem se intercambiado entre linguagem inclusiva de

⁷ Os conceitos na transcrição que são tomadas como similares estão em azul e os conceitos que são diferenciados em preto. De modo a visualizar os distanciamentos e aproximações teóricas de cada termo.

gênero e outras formas. Então, por exemplo, temos ouvido muito usarem linguagem inclusiva ou linguagem altruísta de gênero, muito vindo da área do direito, da área da educação, dos direitos humanos, e, portanto, **linguagem inclusiva** e **linguagem altruísta** seriam sinônimos com essa caracterização: um conjunto de mecanismos de linguagem que construa sentidos de gêneros além das dominações masculinistas e binária. Essa forma de ser uma representação de uma linguagem de gênero, de construção de gênero tem sido chamado na ciência principalmente nos estudos queer, que são estudos que vão olhar para a construção das identidades que são abjetificadas, identidades que são marginalizadas, mas que são estranhas e ameaça à ordem. Os estudos queer fazem isso. Essas áreas de estudo de gênero e sexualidade mais contemporâneos têm também chamado, e, eu gosto, inclusive, na minha pesquisa de chamar assim, da **linguagem inclusiva** também ser uma linguagem disruptiva de gênero. A palavra disruptiva vem muito desse lugar, dessa formação discursiva de pensar a **linguagem como inclusiva de gênero** como uma forma de romper as normas dominantes masculinista e binária. Dentre as possibilidades, existe a **linguagem neutra**, é uma possibilidade da linguagem inclusiva. Geralmente quem usa essa forma são ativistas não binários ou não binárias, por isso coloquei aqui “nb” e pessoas no geral. Eu não costumo utilizar essa palavra “neutra” porque eu venho de uma percepção sobre a língua e sobre a realidade em que essa palavra pode até confundir as pessoas, é uma palavra que muito significa pra gente a ideia de insenção, não participação, não intencionalidade política. Ainda que eu entenda que essa palavra é usada no contexto por que é um termo técnico na descrição das línguas, trata muito daquilo que não é masculino, nem feminino em relação às línguas, propicia um novo uso e a gente tem usado bastante na descrição de línguas estrangeiras principalmente. No nosso caso, aqui no Brasil não temos essa forma dentro de uma construção de sistema como forma, como morfologia nas palavras, naquilo que a gente tem chamado de designação neutra. A gente tem a possibilidades de não “binarizar”, mas não tem uma classificação para isso na gramática do português.

Então, a gente tem pensado muito sobre línguas estrangeiras e visto, por exemplo, a realidade da França, dos Estados Unidos, etc e usado bastante essa palavrinha neutro/ neutra para tratar essa realidade.

Também tem o uso bastante comum aqui no Brasil, chamado de “**Neolinguagem**” usado por pessoas ativistas, não binárias também para focar aqui a linguagem não binária, é uma forma de linguagem nova, têm muitas características de novidade ali. Nem todas as possibilidades e a cartografia que a gente tá fazendo diz isso pra gente- nem todas as possibilidades de linguagem não binárias são completamente novas. Mas como muita coisa é um registro emergente, é data de final de século XX, ou seja, do final dos anos 1990 pra cá, principalmente do século XXI, com influência do universo digital a gente tem uma caracterização de uma nova linguagem, de um conjunto de neologismos.

Mas eu queria mostrar pra vocês que **linguagem neutra não binária** e **neolinguagens** são formas diferentes e foco que a gente dá para o mesmo fenômeno, que é um tipo de **linguagem disruptiva de gênero**.

Fonte: Youtube, 2023.

Ao cartografar nas redes é possível encontrar muitas entradas conceituais para o estudo aqui em questão. E, como diz a pesquisa cartográfica, [...] a cartografia na pesquisa é empreendida com o caminhar, o seguir, o mapear, o fenômeno investigado. Deve-se cartografar o campo, o território, seus elementos, como um agrimensor, que risca e traça contornos, limites, sendeiros e clareiras, produzindo múltiplos sentidos. (HUR, 2021). A cartografia, nesse sentido, não é entendida apenas como um processo de mapeamento geográfico tradicional, mas sim, como uma metodologia que enfatiza o movimento, as relações e as dinâmicas dos fenômenos em estudo. Estou imersa no campo, implicada nas ações e recebendo influência dos coletivos investigados.

O professor Iran Melo diz: *eu queria mostrar pra vocês que linguagem neutra não binária e neolinguagens são formas diferentes e foco que a gente dá para o mesmo fenômeno, que é um tipo de linguagem disruptiva de gênero*. E, esse mesmo fenômeno é que se instaura como o foco dessa pesquisa que se interessa pelas virtualidades e máquinas abstratas, ou seja,

as potencialidades e as dinâmicas subjacentes às manifestações concretas.

E que cartografa esse fenômeno não se restringe apenas à lógica do ser, mas também abraça a lógica do devir, que é a noção de transformação contínua e autoalteração. Assim, tal pesquisa cartográfica não procura apenas padrões e constantes, mas também se interessa pelas diferenças, variações e acontecimentos que surgem no decorrer do processo investigativo.

Gilles Deleuze, filósofo francês, juntamente com Félix Guattari, filósofo, psicanalista, psiquiatra, desenvolveu o conceito de rizoma, que é frequentemente utilizado na pesquisa cartográfica. O rizoma é uma metáfora que representa uma estrutura não linear, sem centro ou hierarquia, na qual os elementos estão conectados de maneira múltipla e entrelaçada. Ao contrário da árvore hierárquica tradicional, o rizoma permite múltiplos caminhos de conexão e pode crescer e se expandir de maneira não previsível.

Essa pesquisa cartográfica não se propõe a representar uma realidade preexistente de forma objetiva, mas busca mapear as multiplicidades e complexidades inerentes ao fenômeno estudado que é a Neolinguagem Inclusiva através dos/das/des usuários/es. É uma abordagem e método que valoriza a minha subjetividade de pesquisadora e a imersão no campo de estudo (ciberespaço) e que reconhece que essa posição de pesquisadora influencia no processo de pesquisa e na produção de conhecimento.

Busco ainda fazer um aprofundamento de maneira genealógica aos dispositivos: linguagem, língua. E, para a compreensão desse sentido genealógico que fizemos uso, se faz necessário uma inclusão ao texto *Microfísica do poder* (1979) em que aproveito do conceito (genealogia) produzido por Michel Foucault/Nietzsche. Nesse momento inicial, preciso compartilhar que é importante que haja também uma dissociação ao que se entende por *genealogia* a um modo senso comum. A genealogia foucaultiana, não se baseia em uma procedência cronológica, mas sim, em uma genealogia que permite pensar “às discontinuidades que nos atravessam”.

O genealógico, nessa lógica, se instaura não no sentido semântico da nomenclatura, mas, trata de uma perspectiva que não busca uma solução e uma verdade incondicional, assim como não busca uma origem dos fatos, datas e outras formas de cronologizar. O próprio método da genealogia não quer ir atrás de uma história verdadeira onde tudo começa. E, faz com que assim, a esfinge com a questão dessas outras gramáticas sejam uma nova possibilidade de emergir e rasgar com uma origem preservada da LP.

Foucault (1979), precisamente no segundo capítulo *Nietzsche, a genealogia e a história*,

traz essa questão da origem de forma adversa a da grande tradição metafísica, tanto que ele inicia o capítulo com o seguinte dizer: “A genealogia é cinza.” Ou seja, ele não vem dizer a respeito de uma genealogia que procura uma essência e sim, sobre a busca da proveniência, do surgimento e da invenção dos nossos conceitos, juízos e sentimentos morais. Como podemos ver na citação seguinte.

[...] Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua “origem”, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos casos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir procura-las lá onde elas estão, escavando os bas-fond; deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade se manteve jamais sob sua guarda. (FOUCAULT, 1979, p.14)

A metafísica, portanto, busca reencontrar o que era, o ser. E, com isso, acaba tirando todas as camuflagens para desvelar uma identidade inicial. Para Nietzsche, o que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem, mas a diferença, o disparate, o acaso, o devir. E assim, faz com que ele tenha como prioridade ouvir a história ao invés de acreditar na metafísica.

Deixa claro então, que essa performatividade em escrever outra história que descontinua formas de se ver o gênero na LP já é uma forma de criar uma nova história genealogicamente em torno dos modos de viver e existir em sociedade. É como se refere na citação seguinte:

A história, genealogicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam. (FOUCAULT, 1979, p.21)

Portanto, a genealogia exige um olhar em detalhes. Deve ser uma história como emergência de interpretações distintas. É a entrada em cena das forças não como um lugar da verdade ou uma de uma raiz e, sim, como surgimento e de um princípio que não buscam um fundamento, mas, que fazem reverência ao corpo, a língua e ao seu espaço. Isto porque, o corpo em si é a superfície de inscrição das ocorrências, dos casos e acontecimentos.

E, tanto para Nietzsche quanto para Foucault, o método genealógico não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, ela pretende, especificamente, fazer aparecer todos os acordes que nos cruzam. Então, posso dizer que encontrar as origens de um corpo fluido é algo impossível de efetivamente acontecer, visto que, a identidade é tão paradoxal e flexível quanto o próprio conceito de tempo e espaço. A identidade é criada a partir de uma ideia de

ética social para organizar as vidas em espaços predeterminados: a invenção de modos de agir e pensar o corpo, a cultura e a sociedade. Assim como pensamos que a moral é um dado performático⁸ porque ela é calculada para seguir uma determinada racionalidade. A sociedade contemporânea passa por uma crise, já que, mulheres, transexuais, putas, travestis, homossexuais e outras minorias não aceitam atuar dentro da lógica dos paradigmas erguidos em prol do capitalismo e da tradição normativa do Estado. Ao contrário, os corpos desses sujeitos são a prova viva de que o conceito de identidade fixa não pode ser operado hoje. Como o próprio Foucault diz:

[...] As disciplinas do corpo e as regulações das populações constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização de poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizada e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracterizando um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo. Velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. (FOUCAULT, 1988, p. 131).

Diante da citação apresentada, vemos que é nítida a relação do poder sobre a vida com a manipulação do próprio modo de se vestir, agir e pensar. Por esse motivo, a transgressão, neste capítulo, já começa desde o momento que buscamos encontrar em uma genealogia que não é presa a um padrão e a uma origem, mas, sim, em um reflexo de desorganização do poder pela própria forma como a *linguagem não binária* se destoa da normatividade social.

Logo, debruçar sobre a genealogia dessa outra linguagem nessa perspectiva, é fugir de todos os padrões estabelecidos que pensam a língua no modo normativo. É ir de encontro aos pontos que fazem deles semelhantes e diferentes, é pensar as lutas e as quebras de paradigmas que este proporciona diante de uma sociedade, e que, diante de sua própria escolha pôde romper com um ideal de sociedade que é regida por um falso moralismo. É uma linguagem que, antes de tudo, acolhe.

Então, trazemos essas outras gramáticas como uma forma de movimentar uma história outra do que lhe foi imposta e que mesmo diante de uma sociedade que insiste em definir o binarismo da língua como o padrão, o gênero não binário e inclusivo se torna um dispositivo que não fica estagnado no tempo como algo cronológico. É uma máquina que diante do caos de uma sociedade que busca impor normas, que se solta das amarras e entende que a língua e

⁸Quando me refiro à moral como um dado performático seria algo que move e mobiliza os pensamentos norteados pela sociedade. A moral é movida performaticamente pelos sujeitos sociais.

es falantes são vivos e que se modificam com o seu tempo, o seu meio e sua cultura.

Temos tentado refletir sobre um giro genealógico em torno da questão de como funciona a linguagem em nosso cotidiano, pensando a articulação principalmente da visibilidade da língua como um dos fatores de marcação ideológica e, por vezes, de exclusão social. Tendo isso em vista, pelo ponto de partida de uma linguagem interacionista, em um pensamento com o teórico Bakhtin (1997). Isto quer dizer que estamos pensando a língua e linguagem como fatores de uso social e como suas tendências ocorrem em conjunto com a vontade da comunidade. Desse modo, os eixos que norteiam a linguagem são de funcionamento intrínseco ao sujeito e não internos ou externos.

Há, neste sentido, três grandes concepções da linguagem a serem destacadas, a primeira vem do modo iluminista que inicia no século XVII, como afirma uma das concepções mais tradicionais da linguagem, que é “penso, logo existo”, frase pronunciada por René Descartes. Neste sentido, a linguagem não opera dentro de uma lógica realista, já que apenas por pensar, como afirmaria Descartes, o uso da linguagem propriamente dita não teria êxito, já que linguagem é expressão e, para além disso, pessoas com alguma deficiência, em casos específicos, não poderiam usufruir da linguagem, mas sabemos há múltiplos modos de expressar o pensamento e que não se atrela ao fato de falar, ou somente escrever, ou somente gesticular: o seu uso vai além disso. Dentro dessa ótica, a linguagem seria uma projeção do nosso interior, sem considerar os fatores externos que nos afetam diariamente.

Outra concepção é o modo estruturalista de analisar a linguagem como código, o que por sua vez não é uma verdade fechada, já que a linguagem é fluída e mutável. Dentro dessa ótica, por exemplo, a figura autoral não teria muita importância na análise do discurso, como bem anunciou Barthes na década de 1960, com seu escrito intitulado *A morte do autor* (2004). Desse ponto de vista, a linguagem e, principalmente a língua, seria um dado externo e imutável de enunciação, com seus códigos fixos.

Mas, nessa pesquisa cartográfica busco analisar a linguagem e a língua dentro de uma composição complexa de arranjos oriundos da interação entre os sujeitos, assim é um movimento mais amplo do que as duas afirmações anteriores, já que possibilita uma análise tanto individual quanto uma percepção coletiva do uso da linguagem. E além disso, articulo um diálogo de como a língua pode ser uma possibilidade de inclusão social, a começar pela aplicabilidade dessa outra gramática, a Neolinguagem, trazida, principalmente na cibercultura, como linguagem neutra ora como linguagem inclusiva, como destacamos nos excertos das transcrições 1 e 2 supracitadas.

No cerne de um aprendizado eficiente, temos que saber que o uso da língua falada, da produção textual e a utilização de outros modos de linguagem, não somente no ensino de língua portuguesa, mas em comunidades e Nações diversas são questões amplamente discutidas e que há varias referências acerca do assunto, assumindo posições diversas acerca disso, mas, neste artigo, assumimos a linguagem como forma de interação social antes de mais nada. Ou seja, assumimos que a língua, bem como outros mecanismos da linguagem, se refere ao modo como os sujeitos manifestam seus desejos em uma comunicação na qual receptor e emissor devem compreender a mensagem e, além disso, de forma a respeitar o outro dentro dessa interação.

Bakhtin (1997) alerta que a linguagem e seus usos se fundam em atos ideológicos, o que quer dizer que somos condicionados a agir e pronunciar certas palavras e gestos. Entendemos que a linguagem é um fator que perpassa em todos os setores da vida e não é diferente na escrita, no diálogo entre duas pessoas e na dança, por exemplo. Ao se pensar em questão, o uso de termos não binários para referir-se aos indivíduos que não compactuam com a definição de gênero dualista, masculino ou feminino. No trecho abaixo, lemos o seguinte:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1997, p.99).

Como o próprio teórico afirma, a pronunciar uma palavra, ou além disso, fazer algum gesto, por exemplo, pode ter uma carga ofensiva para a outra pessoa. Lembrando que a linguagem é um ato social e que projeta aquilo que a sociedade tem de bom ou ruim. Por isso, é um produto social que deve contemplar as diversas camadas coletivas e individuais. Neste sentido, devemos pensar essas outras gramáticas (**Neolinguagem Inclusiva, Linguagem Inclusiva, Não Binária**) como uma possibilidade de aquisição e ampliação no respeito às diferenças.

Na Constituição Federal Brasileira de 1988, no Plano Nacional de Educação, na Lei de Diretrizes e Bases (1996) e, por fim, a Base Nacional Comum Curricular (2018), tem-se a apresentação de disposições acerca da discussão em torno dos temas da diversidade inclusão e de como os assuntos devem percorrer no ensino básico brasileiro. No último documento citado, podemos notar tais ações através das descrições que há nas competências, ao discorrer sobre a ênfase em um ensino focado no contexto social, político e linguístico dos sujeitos. Contudo, pensamos que tais projeções estão longe de serem trabalhadas de modo adequado somente com

as informações dispostas nas referidas documentações, uma vez que não ilustra como isso deve ser implantado na prática, o que torna as propostas acerca dos assuntos rasas e genéricas.

Sendo assim, um dos maiores desafios para o/a/e professor/a/ie de língua portuguesa, bem como outros educadores que lidam com os recursos da linguagem, é abrir portas para um ensino irrestrito no sentido de que a língua, o corpo, a cultura e a política possuem diversas performatividades, um multiculturalismo inerente à sociedade. Para tanto, compreendemos que o ensino deve seguir uma certa autonomia orgânica, pensando a diversidade cultural e linguística dos sujeitos que fazem parte do contexto educacional. Ou seja, o ensino linguístico como um dos pilares para a sociedade, e esta concepção precisa de um entendimento abrangente, porque o discurso e a comunicação são de suma importância na vida social, considerando que somos sujeitos de linguagem, produtores de cultura.

Entendemos que a linguagem e a língua são duas instituições que formam a imagem das nossas representações culturais, por isso, no decorrer da jornada educacional nas escolas e na sociedade, devemos sempre refletir que o Brasil não é um país monolíngue ou homogêneo, pelo contrário, é multilíngue e multicultural, e há uma urgência para com o respeito a essa característica heterogênea.

Não somente isso, a língua e a linguagem atravessam à vida de uma forma ampla, sendo apresentadas no corpo, por meio de gesto, nas roupas, nas tatuagens, nos livros, cinema e outras composições da cultura. Dessa forma, refletimos que o ensino de língua tem um papel fundamental para que haja uma compreensão do próprio escopo social em que estamos inseridos. Não há uma única história, como afirma a escritora Chimamanda Ngozi Adiche (2019), muito menos uma única forma de linguagem ou língua. Pois,

A linguagem desempenha um papel fundamental na comunicação humana e na expressão de pensamentos, emoções e ideias. É um sistema complexo e dinâmico que permite que as pessoas se conectem, compartilhem conhecimentos e construam relacionamentos. A linguagem é uma ferramenta vital para expressar nossa identidade, cultura e valores (SCHELLES, 2008).

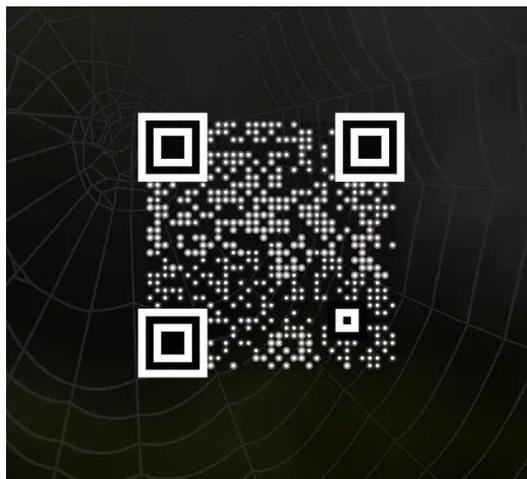
Neste sentido, reafirmamos que o ensino de língua também deve andar ao lado daqueles que são oprimidos, porque na história oficial do Brasil e para o senso comum, apenas existe o português como forma padrão e expressão possível: uma língua única. Contudo, não é uma verdade essa construção e essa falsa memória imposta aos sujeitos brasileiros/as/ies. Neste caso, o profissional de letras e outros sujeitos engajados devem reverter esse projeto retrógrado no ensino de língua. E mais: “A Linguagem Inclusiva também se refere à forma de comunicação isenta de discursos reveladores de preconceitos ou recursos exclusivos. A referida variante

engloba os grupos marginalizados supramencionados, ou seja, trata-se de uma linguagem não sexista, antirracista, anticapacitista e antiLGBTIfóbica” (VICENTE et al., 2002, p. 15).

Para além disso, no Artigo 3 da Lei de Diretrizes e Base, no seu inciso XII, há uma determinação sobre o ensino e sua disposição em estabelecer focos na diversidade, principalmente, ao tratar das questões que envolve etnia e raça. A diversidade em que tomamos nesse estudo é pensada como dissidente, plural. Tal conceito está profundamente ligado ao compromisso com a educação como um movimento de transformação. Enfatizando a importância de questionar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e discriminações, ao mesmo tempo em que defende uma educação inclusiva e sensível aos diferentes sujeitos e suas experiências. Uma diversidade que não se limita apenas a diferenças culturais, étnicas ou raciais, mas engloba também uma variedade de pessoas, incluindo gênero, orientação sexual, religião, classe social, idade e habilidades. Entendendo a diversidade como uma dimensão fundamental da vida e suas relações e que permeia todas as esferas da sociedade, incluindo a educação.

Contextualizando ao que foi dito, Vera Maria Candau (2017) em entrevista para TV UNEB traz uma reflexão sobre desigualdades e diferenças no contexto escolar. Faço esse hipertexto com o direcionamento do *Qr Code* a sua fala no vídeo disponível no *Youtube*, fazendo uma hipertextualidade-cartográfica. Pois, “[...] o hipertexto eletrônico é um conjunto de textos interligados por elos, chamados de links. Esses textos podem ser apresentados em diversas linguagens: textos, imagens estáticas e dinâmicas, sons e gráficos.”

Um dos conceitos abordados por Edméa Santos é a ideia de "hipertextualidade", que se refere à capacidade de conectar diferentes elementos de informação por meio de links, formando uma teia de conexões. Ela explora como essa estrutura não linear e não sequencial da hipermídia permite aos usuários explorar o conteúdo de maneiras personalizadas, seguindo caminhos próprios e criando experiências individuais. Essa pesquisa cartográfica ampara-se em teias que se interligam e se conectam. Vamos para mais uma conexão.



A diversidade, nesse sentido, vai além das discussões e que não pode ser reduzida a um marcador social. Analisamos que já é um avanço no corpo educacional tais problematizações. Mas, dentro dessa mesma ótica, não se apresenta uma reflexão sobre sexualidades, por exemplo. Portanto, nossos estudos ainda precisam ser revisitados e reelaborados.

Esse é um assunto discutido entre educadores/as/ies, documentos legislativos norteadores da área e teóricos, assim, tomamos como exemplo a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) que em suas competências informa sobre um ensino contextualizado. Nesta concepção, analisamos que os conhecimentos, as habilidades e atitudes dos sujeitos necessitam de uma consolidação firme no sentido de que o domínio acerca das três categorias citadas facilitará na produção de sujeitos responsáveis em qualquer esfera. Dessa forma, a escrita, a fala e outras manifestações da linguagem são práticas além do que se conhece estruturalmente, já que ela é uma forma de externalizar alguns fatos sociais e preconceituosos por vezes.

Pensamos que, em consonância com os documentos legislativos, guias e análises teóricas em torno do uso da linguagem, um viés dialógico deve ser estabelecido, já que o próprio Michel Foucault, em seu texto *O que é um autor?* (1992), mencionava que a autoria está ligada com os paradigmas sociais e culturais que nos cercam. Neste sentido, o teórico afirma que qualquer discurso possui um posicionamento político ou filosófico sobre o que se fala, uma vez que a produção e o autor são construções de uma sociedade e não conseguem se desvincular das instituições que fundam nossas identidades culturais.

Tomando isso como ponto de partida, refletimos que tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 quanto a Base Nacional Comum Curricular de 2018 apontam para um ensino que possa conceber a linguagem e a língua em seu uso social. Tendo isso em vista, os discursos

de modo geral devem ser entendidos como um produto de comunicação entre interlocutores que não querem ser ofendidos por usarem formas inadequadas de linguagem preconceituosa. Ou seja, nas escolas, o/a/e profissional de letras pode fazer um alerta para seus estudantes sobre algumas questões que envolvem as produções do discurso na forma de perguntas, que são as seguintes: para quem está sendo dito isso? qual o contexto e a finalidade de tal diálogo? Dessa forma, a enunciação terá um melhor impacto de interatividade social e, por isso, não se trata de uma estrutura ou códigos que podem ser aprendidos de modo descontextualizado.

Bakthin (1997) foi um dos protagonistas acerca do método interacionista da linguagem e, por meio desse pensamento, surgiram muitas das propostas que temos acesso até os dias atuais, uma vez que essa concepção de linguagem permeia os documentos oficiais que norteiam a educação no Brasil. Portanto, devemos discutir mais sobre o assunto da figuração da linguagem nos espaços escolares e outros.

Entendemos que o método de ensino de língua que privilegia um determinado grupo dentro de uma organização social heterogênea e orgânica, possibilita uma maior compreensão de que nossa sociedade ainda não consegue alcançar uma equidade neste sentido. Desse modo, refletimos que há uma necessidade sobre o entendimento de que existem os interlocutores na composição comunicativa, isto é, essa interação deve ser analisada ao escrever ou ao falar, com o objetivo sempre de se questionar sobre a construção discursiva e se ela está sendo efetiva no sentido da comunicatividade e do respeito para com o outro.

Com isso, a discussão, em sala de aula, precisa ser organizada de modo que os educandos produzam reflexões eficazes no que diz respeito a compreensão de que o texto, o gesto e a fala não são feitos apenas para uma só sujeito, seguindo um método tradicional de ensino, mas pensar a linguagem além dos muros mencionados neste artigo e essa análise deve começar na escola. cremos que essa é uma abordagem nômade do funcionamento da linguagem, uma vez que:

[...] Esses saberes nômades se manifestam extrinsecamente em relação ao aparelho estatal, ainda que não parem de ser barrados, disciplinados, inibidos ou proibidos pelas ciências de Estado. Perante essa linha fugidia, os conhecimentos de Estado agem, preferencialmente, por meio da estratificação, administração e seleção, enquanto as ciências nômades operam linhas de fuga, colocando-se como matéria desestratificada e desterritorializada. (MAÇÃO; ALVIN, 2019, p. 3).

Diante do trecho acima, notamos que há sim, uma linha de fuga no discurso que estamos estabelecendo nesta pesquisa, o que gera uma tensão contra fatores pré-estabelecidos na nossa sociedade, como o fato da língua ter na maioria das vezes o seu uso de forma agressiva perante

alguns grupos marginalizados. E não podemos esquecer que nossos representantes governamentais discutem essas questões, levando em consideração a inclusão por meio da linguagem, mas alguns sujeitos tomam isso como uma ofensa, criando projetos de leis que impedem a utilização.

Nesta concepção dentro dos espaços escolares, podemos utilizar a literatura como um meio de discussão sobre esses problemas abordados e outros mais. O ensino de literatura é um processo de aprendizado sobre estilos de escrita, tipo e gêneros textuais diversos, modos discursivos, mas, para além disso, professores/as/ies e estudantes devem compreender a literatura como esse espaço de enunciação que diz respeito às histórias dos povos, porque o ensino literário necessita de uma abordagem que reflita os textos como aspectos da nossa cultura e modos de comunicação.

Dessa forma, a arte ganha um outro viés que não se restringe ao uso do texto para analisar apenas sua estrutura ou pensar sobre “o que o/a/e autor/a/e quis dizer”. No cenário atual, por exemplo, temos as *fanfics* que abrangem uma outra roupagem de estilo e formas outras de escrita e discurso que, inclusive, englobam aspectos da vida de vários jovens, tratando de temas como sexismo, machismo, racismo e outros. Vejamos, que através desse ato de ler discursos em redes sociais, já notamos um grande compilado de questões que podemos trabalhar em torno da linguagem e ainda saber sobre o que as crianças e jovens estão pensando. A cibercultura/ciberespaço nos mostra como o processo de concepção de linguagem e dessas novas gramáticas se instauram e se modificam.

O ensino de literatura constrói uma explanação em torno da pergunta “para que ser quer literatura? Logicamente, ao trazer um panorama sobre o que se pensava acerca do assunto há décadas atrás e como podemos tomar essa problemática hoje, fazendo uma reflexão sobre analisar os textos de modo interdisciplinar, pensando a literatura em suas composições históricas, políticas, filosóficas, culturais, linguísticas e sociais.

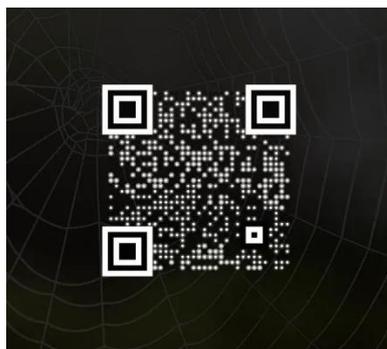
Neste sentido, se abordarmos os Parâmetros Curriculares Nacionais e seu foco nos conceitos de interlocutor e dialogismo, vemos uma discussão em torno da literatura de modo mais efetivo, contemplando outros aspectos da linguagem, como citamos ao tomar o conceito de interdisciplinaridade dentro dessa lógica. Com isso, a visão do ensino de literatura é expandida, isto é, o documento mencionado faz essa crítica sobre os caminhos de analisar apenas a história da arte, incentivando a imersão de uma leitura efetiva dos textos e seus discursos e não apenas seus fragmentos, pois se trata uma interligação entre literatura e vida.

Nesta Concepção, o ensino de literatura ganha dimensões que vai além do trabalho com gramática, leitura e escrita: se trata de interação entre leitor/a/e, autor/a/e e práticas sociais.

O ensino de literatura é um desses meios de democratização de uma educação mais crítica e inclusiva dentro desse aspecto da neolinguagem ou inclusiva. Por exemplo, o trabalho com várias formas de textos ficcionais, como literatura *gay*, negra, feminina, queer e etc., poderia ajudar na formação de um entendimento sobre as demandas desses grupos, já que:

Dentro do Movimento LGBTIAPN [grifo nosso]+, há a reivindicação pelo estabelecimento de uma nova categoria de Linguagem Inclusiva, a Linguagem “Neutra” – aqui já entendida como Linguagem Inclusiva de Gênero -, que objetiva a inclusão daqueles que não se identificam nem com o gênero feminino nem com o masculino (burlando padrão binário da sociedade)¹⁵, utilizando alteração nas grafias e na língua. (VICENTE et al., 2002, p. 15).

Essa citação aponta uma demanda de muitas que rondam a figuração da linguagem inclusiva na sociedade e fica evidente que um dos modos mais potentes de discussão sobre o assunto é por meio da literatura nas escolas. Possibilidades essas, que ao cartografar pela experiência na docência e na imersão no tema de estudo, inventariaríamos um conjunto de possibilidades de exercitar a Neolinguagem nos espaços escolares e não escolares, nas universidades e formação docente. A começar esse enlace, por exemplo, com a música criada por um grupo musical de rock “Velhas Virgens” e que trouxeram para a música a própria Neolinguagem. O título da música é “Namorade” e segue o seu acesso pelo *Qr code*.

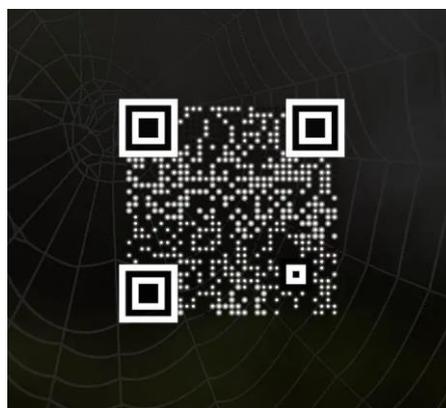


É possível perceber que a linguagem inclusiva na música envolve a consideração das letras das músicas, bem como a representação de diferentes grupos sociais nas performances e na indústria musical em geral. Músicas podem abordar temas de diversidade, inclusão e justiça social, promovendo a conscientização sobre questões relevantes. O que nos leva a canção “Namorade” que já aborda a inclusão da linguagem e promove uma conscientização atual dos movimentos de mudança linguísticas e sociais.

O texto literário faz parte da identidade cultural de uma Nação ou de um local específico, como os estudos de literaturas africanas, afro-descendentes, homoafetivas, indígenas e outras tantas. Por isso, a instituição literária e a articulação traz este lugar de pensar a própria heterogeneidade dos povos e suas histórias. Para além disso, pensamos também essas linguagens inclusivas através das outras artes: Música; Dança; Pintura; Escultura; Teatro; Literatura; Fotografia.

Neste sentido, ensino de literatura, arte, música, teatro também ajudam no desenvolvimento de leitores/as/ies mais críticos, já que trabalha com a relação entre texto, estética, cultura e identidade. Podemos notar que até os suportes e disseminação dos textos estão passando por mudanças, a exemplo do grande número de artistas que fazem das redes sociais suas editoras, seus teatros e suas fontes de propagação de conteúdos em geral.

É o caso da canção a seguir, denominada “Triste, louca ou má”. Em que traz como plano de fundo uma denúncia da crise com a hegemonia masculina. Abordando temas de empoderamento, independência e rejeição de estereótipos de gênero. A música é uma afirmação da individualidade e da autossuficiência, rejeitando a ideia de que uma pessoa, especialmente uma mulher, seja definida por um homem, sua casa ou sua aparência física. Para apreciação, segue o *Qr code*.

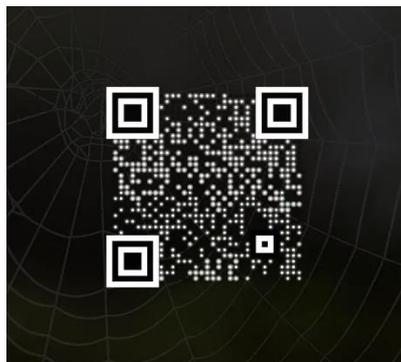


A letra fala sobre uma mulher que não se encaixa nos padrões culturais tradicionais e que recusa seguir uma receita pré-estabelecida para seu papel na sociedade. Ela questiona a definição de seu valor com base nas expectativas sociais, desafiando a ideia de que sua individualidade é determinada por um homem, sua casa ou sua aparência física. Ela opta por trilhar seu próprio caminho, rejeitando esses estereótipos e reivindicando sua independência. Há aqui, um outro modo de ensinar. O estudo do feminismo através da música.

Assim, as redes sociais também refletem um novo *modus operandi* no comportamento das sociedades e, dentro disso, a escrita literária, o teatro e as artes em geral, ganham uma roupagem expandida, trazendo a ideia de uma ressignificação constante da arte e da

manifestação da linguagem. Temos grandes escritores/as/ies no Brasil que usam as diversas plataformas como meio de propagação dos seus escritos. Esses conteúdos podem ser apresentados aos estudantes, até porque fazem críticas acerca de assuntos relevantes na atualidade e também podem ser pensados dentro de uma ótica interdisciplinar.

Parece-nos que essa perspectiva do uso das redes sociais para entender um aspecto mais global de mudanças na linguagem e comportamentos sociais é de suma relevância, pois é nos meios de comunicação em massa que se mostram várias questões já levantadas aqui. Ou seja, os mecanismos tecnológicos são, dentro do sistema de ensino e aprendizado, instrumentos auxiliares que facilitam na dinâmica da aula e no entendimento de como os jovens se comunicam nessas plataformas. Percebe-se o envolvimento de sujeitos trazendo conhecimento em massa através de vídeos publicados na internet. É o caso de @dimitravulcana, Produtora de conteúdo, Drag Queen, Marxista, professora e palestrante. Doutora em ciências da saúde. Ela aborda temas como: Neolinguagem, feminismo, comunidade LGBTQIAPN+, marxismo, identidade de gênero, política. Segue o *Qr Code* para uma de suas produções autorais de propagação de informação em massa.



A produção de conhecimento no *Instagram* é uma prática cada vez mais comum, permitindo que indivíduos e organizações compartilhem informações, ideias e conhecimentos com um público amplo e diversificado. Dentro do nosso contexto histórico, principalmente, a partir dos anos de 2020 e 2021, as instituições, ligadas a educação ou não, aderiram de forma amplificada a essas interfaces tecnológicas da comunicação e informação, tentando driblar o transtorno causado pelo distanciamento social gerado pelo Corona vírus⁹ e fica nítido que a preocupação com a questão do uso da tecnologia nas escolas ganham proporções outras a partir

⁹ O coronavírus é uma família de vírus que pode causar doenças em animais e seres humanos. A doença causada pelo coronavírus foi denominada COVID-19, que é a abreviação de "Coronavirus Disease 2019" (Doença do Coronavírus 2019). A COVID-19 é causada por um novo tipo de coronavírus conhecido como SARS-CoV-2, que foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. A rápida disseminação da COVID-19 transformou-se em uma pandemia global, afetando quase todos os países do mundo. Para saber mais, acessar: <https://www.paho.org/pt>. Acesso em 22.08.23.

desse momento. Contudo, antes mesmo desse acontecimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já alertam para a importância do uso da tecnologia na prática educacional, bem como afirmam sobre a apropriação efetiva de aparelhos e softwares diversos por parte dos/das/des educandos/as/es e dos/as/es professores. Lógico que também o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola deve estar em consonância com tais objetivos.

Em 1997, no Brasil, o Ministério da Educação implantou o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) para que os/as/es profissionais da área tivessem como enriquecer suas práticas pedagógicas nas escolas de ensino fundamental e médio. Em 2007, o programa foi redefinido de modo a ampliar o uso de equipamentos de informática e comunicação na rede pública. Contudo, quando transitamos por espaços de instituições públicas, os computadores e salas equipadas adquiridas com este programa citado ou com outros, estão em desuso, porque não tem internet ou os aparelhos eletrônicos estão quebrados.

Diante dos apontamentos, temos a certeza de que a realidade das TICs é intrínseca às comunidades mais jovens, na verdade, a toda a população brasileira. Não há como desvincular ensino de língua dos meios de comunicação global, o que já é revisto na BNCC e outros documentos norteadores. E é através das redes sociais que vemos algumas questões sendo discutidas primeiro do que nos próprios ambientes acadêmicos, como é o caso da Neolinguagem inclusiva (linguagem neutra, termo em que não somos favoráveis e apontamos isso no capítulo *Teia tarântula- fios de um dever-aranha*). Deixamos como mais uma sugestão de leitura, o link da entrevista concedida pelas pesquisadoras dessa cartografia a Revista SPECTRUM - 1ª Edição, Outubro 2022. Acessando o *Qr Code* a seguir.



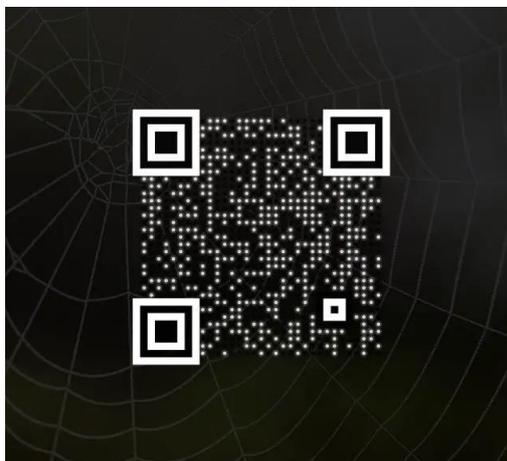
Ainda nesse capítulo, no tópico *Corpos-territórios: uma experimentação cartográfica nas narrativas da Neolinguagem* abordaremos os movimentos das narrativas sobre a Neolinguagem no ciberespaço.

Por isso, além do incentivo a essa propagação da informática e outras tecnologias como suporte para que nossas aulas possam atingir novas proporções educacionais, o Ministério da Educação, junto a outros órgãos da área, precisa promover uma rede de formação em novas tecnologias para os professores do ensino básico. A área de linguagens e suas tecnologias teria recursos para avançar no que diz respeito ao entendimento dessas outras demandas comunicacionais.

Neste sentido, a pandemia nos deu uma visão mais ampla sobre a desigualdade social acerca do acesso ao conhecimento, as tecnologias e a economia, visto que muitos não estavam tendo dinheiro nem para comer. Neste período, alguns programas por parte do Governo Federal e Governos Estaduais foram implantados ou ampliados, como o Programa Internet Brasil para que crianças de escolas públicas tivessem acesso aos meios de comunicação e informação. Inclusive, o Estado da Bahia aderiu ao Bolsa Presença, que dava um suporte financeiro as crianças e adolescentes carentes, bem como outros incentivos, como a doação de chips para ter internet gratuita, mas sabemos que isso não chegou para todos. Desse modo, alguns municípios foram abandonados na crise pandêmica, visto o grande desafio que o ensino remoto forneceu em termos da própria estrutura desigual que há no Brasil, no qual, alguns tiveram aulas e outros não.

Creemos que é exatamente por isso que as pessoas não compreendem certas demandas sociais, pela carência de informação e parte disso se deve ao fato de que muitos não possuem acesso a determinados conteúdos justamente pela falta de aparatos tecnológicos que facilitariam essa chegada da informação. Lógico que a questão é mais complicada, já que devemos também discernir informações verdadeiras de falsas e, para tanto, a educação de base tem que ter o papel mediador. O perigo das *Fake News* (notícias falsas) é um claro exemplo e de como contribuem e contribuíram para disseminar preconceitos, ódios, retrocesso a ciência, ao poder de cátedra docente, sobretudo na crise sanitária e política do mundo e do país. São informações deliberadamente falsificadas ou distorcidas que são divulgadas como se fossem fatos verdadeiros. O impacto das *fake news* no processo educacional tem se tornado preocupante, pois elas podem prejudicar a qualidade da aprendizagem e a formação crítica de cada sujeito. As *fake news* frequentemente têm motivações políticas, econômicas ou sociais por trás delas. Elas podem ser usadas para manipular as opiniões das pessoas, levando-as a adotar visões distorcidas da realidade. São [...] relatos que inventam ou alteram os fatos disseminados em larga escala nas mídias sociais por sujeitos interessados nos efeitos que estes tipos de mensagens podem produzir nas pessoas. (ROCHA, Telma; SILVA, Ana Lúcia Gomes da.; FERNANDES,

Terezinha). Como podemos ver na fala da Deputada Federal PT-RS Reginete Bispo sobre os discursos de ódio nas mídias e a propagação de fake News, resultando impactos negativos na educação brasileira. O acesso ao vídeo está no ciberespaço do *Instagram*, lendo Qr Code a seguir.



Uma das questões da não aceitação de alguns sujeitos em torno do tema língua inclusiva, neutra, não binária é a falta de conhecimento sobre o que é uma língua ou linguagem. Notamos que na sociedade em ampla escala:

A nostalgia alimenta atitudes passadistas facilmente encampadas pela ideologia. Por essa razão, purismo parece rimar com conservadorismo. A língua envelhece, aparentemente, com aquele que a fala e que se identifica com ela. Mas o homem não quer envelhecer; ele lê na evolução da língua sua própria decadência. Assim, ele deseja conservar a língua na pureza, na integridade de sua juventude. [...] Aceitar a mudança é se sentir, de certo modo, despossuído, é perder um poder sobre e pela língua, ainda que a condenação seja formulada no mais das vezes sob forma de juízos estéticos: a língua tão bela e tão pura de outrora se tornou vulgar, feia, trivial, pobre e sem matizes. E é por isso que a língua é um desafio tamanho no conflito das gerações tanto quanto no das classes sociais. Pois o juízo sobre a língua se estende aos falantes que a falam. Um homem distinto fala um francês admirável, um marginal só poderia falar um francês deplorável. (YAGUELLO, 2011, p. 272-273).

Temos em torno dessa citação uma palavra chave para entendermos a revolta de alguns acerca da mudança no direcionamento de uma linguagem mais apropriada para os dias atuais, que é o conservadorismo. Este termo que não possibilita a caminhada em direção ao futuro da língua e de outros modos e modelos de uso para ela. E, em um mundo globalizado, essas diferenças nos comportamentos dos falantes virão ainda com mais potência, já que as TICs fazem o papel de disseminar a língua e seus variações com mais amplitude que antes.

Desde os anos de 1960 para cá, as TICs, ou Tecnologias da Informação e Comunicação, vêm tomando espaço nas nossas relações cotidianas e, por isso, modificando os cenários geopolíticos no mundo inteiro, causando uma redefinição dos modos culturais nas sociedades,

o que é um desafio para o campo da educação. As redes sociais de massa, principalmente, fazem com que os sujeitos tenham novas visões sobre o que é comunicação, ciência, política e sociedade. A cibercultura pode funcionar como esse objeto de pesquisa, ensino e aprendizagem sobre línguas, literatura, linguagem e qualquer forma de conhecimento.

Desse modo, por meio das redes sociais, já vemos que é de interesse popular que haja uma modificação na língua e isso é possível, uma vez que:

Se as soluções atualmente propostas para uma linguagem inclusiva, não-sexista, terão sucesso ou não, tudo depende das dinâmicas sociais. Mulheres, pessoas negras, LGBTQI+¹⁰, indígenas etc. estivemos sempre em posição subalterna, debaixo do tacho da dominância masculina, branca e (supostamente) heterossexual. Por isso, para muita gente, as propostas de linguagem inclusiva são “aberrações”, “irracionalidades”, “inutilidades” etc. Mas quando um professor de português branco famoso na mídia diz que o certo é “alugam-se salas” e não “aluga-se salas”, todo mundo se prostra e corre para obedecer. Tudo depende, enfim, de quem diz o quê e a quem, do lugar que a pessoa que fala ocupa na ordem do discurso (um conceito que acho mais interessante do que o enxovalhado “lugar de fala”). Se essa pessoa é mulher, negra, indígena, pobre, LGBTQI+ etc., seu lugar nessa ordem não lhe permite lançar propostas que sejam de imediato aceitas por todo mundo. Afinal, não basta ter o que dizer: é preciso poder dizer. (BAGNO, 2020, s/p, online)

Bagno (2020) resume o que estamos tentando formular neste escrito, já que a linguagem é dentro desse processo de interseção, um produto manipulável. Mesmo gêneros textuais, com finalidades, estruturas e linguagens próprias dentro de um contexto, podem sofrer modificações de acordo com o interesse social. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), principalmente, a parte que trata do ensino de língua portuguesa, já não entende mais a composição do texto ou da língua como uma prática gramatical e estrutural apenas, mas como a escrita e fala se adaptam de acordo com as necessidades de cada contexto, um contrato social e comunicacional. Nesta concepção, o trabalho com a construção escrita e falada deve ser, antes de mais nada, focado no uso e na composição discursiva que o gênero verbal ou não verbal tem na sociedade.

Os PCNs têm essa discussão do trabalho com o enfoque na articulação entre produção e significação. Isto é, os educandos e a sociedade de forma geral precisam compreender quais são as implicações políticas, culturais e sociais por trás dessa Neolinguagem Inclusiva, como entender que uma Carteira de Identificação (RG) é um gênero, assim como o conto, como um manual, uma resenha, uma redação e outros tantos: a linguagem e a língua como ferramentas de comunicação entre os sujeitos. Desta forma, os PCNs também problematizam sobre o entendimento e interesse da produção textual e do discurso para com a/a/e educando/a/e, porque o ensino precisa ter um viés contextualizado, interdisciplinar. O sentido do discurso, a

¹⁰ LGBTQIAPN+.

compreensão estruturante da linguagem usada e a finalidade da enunciação ganham lugar de destaque dentro dessa perspectiva.

Necessitamos de um posicionamento que está para além do uso da análise morfológica ou sintática da língua, inclusive, intensificando a leitura de texto formais e não formais, como o gênero causa (que nasce da oralidade), pois são todos modos operantes da comunicação. Assim, o domínio dos sujeitos deve girar em torno do aprendizado da linguagem como fator discursivo e cognitivo, não separando essas duas categorias. Ou seja, devemos nos preparar para um mundo no qual as formas de linguagens e seus usos sejam inúmeros e para termos habilidades e competências para transitar entre essas produções discursivas padronizadas ou não.

Os sujeitos necessitam da compreensão de que a linguagem e seus diversos modos de concretização na sociedade são instrumentos fundamentais para o convívio. No século XXI, faz-se necessário uma redefinição dos nossos métodos de comunicação, pensando o lado eficaz da língua como instrumento de interação social, bem como de outras formas de linguagem. Devemos atender as demandas sociais, contemplando uma nova forma de expressar, que hoje se estende em nosso cotidiano, refletido no impulsionamento de novas tecnologias da informação e comunicação que expandem as noções do que é língua e linguagem e discursos.

Diante do que vimos, a mobilização do discurso, em sala de aula, na vida pública ou privada, deve englobar modos significativos e respeitosos para com os sujeitos, refletindo em uma prática sociointerativa eficaz. Neste sentido, o diálogo, a escrita e outras formas de linguagem são construções que levam os sujeitos a uma maior potencialidade nas atitudes e nas habilidades comunicacionais. A neolinguagem inclusiva significa compreender uma outra vertente da demanda que a sociedade contemporânea exige.

A linguagem é produzida e alterada de acordo com as necessidades dos seus usuários e, de algum modo, os multiletramentos são respostas a essa concepção dialógica, visto que, os sujeitos precisam de novas formas para apreenderem o discurso e seus usos, bem como entender que a língua e a linguagem são processos de um meio e são modificáveis. A Pedagogia dos Multiletramentos é uma abordagem educacional que reconhece a diversidade de práticas de comunicação e a multiplicidade de linguagens presentes na sociedade contemporânea. Ela promove a compreensão e a utilização de várias formas de visibilidades, incluindo as linguagens escritas, visuais, sonoras, digitais e hipermediáticas. Uma pedagogia crucial para promover a inclusão, combater o capacitismo (discriminação contra pessoas com deficiência) e permitir formas alternativas de comunicação. Assim, as competências, habilidades e atitudes são

construídas dentro dessa nova ordem de aprendizados acerca do que é texto e discurso e afirmando a composição de novos métodos de comunicação que, neste caso, se direciona a uma Neolinguagem Inclusiva.

WEB-TEIA II – RASTROS DE UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Começo esse subtópico dizendo que a contextualização da RS, encontra-se no link do texto produzido de minha autoria e de pares: *Formação de professorias para a inclusão do uso do gênero neutro no ninho da escola: por uma educação em direitos humanos*. Acessando o Qr code a seguir.



Ao se pensar a linguagem como uma ação política, social e cultural é ainda possível perceber uma construção diante à normatividade linguística, sendo uma regulação da sociedade. Diante disso, os estudos sobre a linguagem neutra, ainda incipiente, está sendo pensada como um dispositivo que viabiliza e inclui pessoas, que se torna uma relação de manifestação sociolinguística através das noções de Gênero e Sexualidade e que discute o papel da linguagem na construção e afirmação da performance fluída do/da/de indivíduo. Já que os sujeitos são constituídos pelos discursos. E, quando há a apropriação dos sistemas neutralizadores (vogal temática - e / Elu, Ile, Ilu, El e etc) e de palavras que já são neutras na LP, assume-se uma posição política referente à equidade de gênero. Partindo do pressuposto que a língua é uma atuação social, sujeita a mudanças realizada pelos/as/es falantes, mas, que há controvérsias na sua adesão e sendo-a lenta nesse processo de modificação dos fonemas, pois implica em aspectos multifatoriais. O estudo dessa linguagem é construído como uma tentativa de romper com o processo dicotômico e contribuir para que haja uma representação linguística fora da nomeação essencialista. Essa linguagem para (CAÊ, 2020, p. 6) [...] aplica-se a pessoas não-

binárias, bebês intersexo, ao nos referirmos a um grupo de pessoas com mais de um gênero ou quando não sabemos quais pronomes usar com determinada(s) pessoa(s).

Além de (CAÊ, 2020) há alguns teóricos/as/es que já discutem sobre o contexto de um gênero neutro na LP, como é o caso de Héilton Lau (2020); Pri Bertucci (2020); Jana Viscardi (2020), embora, ainda tenha um número pequeno de pesquisadores/as/ís dentro dessa área, como será possível observar nos resultados obtidos com a revisão sistemática, doravante RS.

Pude observar, portanto, a necessidade de se realizar essa RS diante da importância que ela exerce para compreender um objeto de investigação ainda recente e que toma como centralidade mudanças na língua, nas relações de poder e que vai permitir aos atuais e próximos/as/es pesquisadores/as/es a uma possibilidade de abordagem investigativa mais objetiva. Na citação a seguir, é possível entender sobre esse processo de revisão de pesquisa que se torna relevante.

Portanto, a revisão da literatura ajuda: (a) delimitar o problema da pesquisa, (b) auxiliar na busca de novas linhas de investigação para o problema que o pesquisador pretende investigar, (c) evitar abordagens infrutíferas, ou seja, através da revisão da literatura o pesquisador pode procurar caminhos nunca percorridos, (d) identificar trabalhos já realizados, já escritos e partir para outra abordagem e (e) evitar que o pesquisador faça mais do mesmo, que diga o que já foi dito, tornando a sua pesquisa irrelevante.(BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia, 2016)

Cabe ainda dizer que os processos de uma *Revisão Sistemática da Literatura*, na qual, foi realizada neste trabalho, vai para além de uma busca simples de evidências científicas. Há um rigor maior [...] é uma pesquisa científica composta por seus próprios objetivos, problemas de pesquisa, metodologia, resultados e conclusão (GALVÃO; RICARTE, p. 58, 2020) e acaba sendo, [...] uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto. (GALVÃO; RICARTE, p. 58, 2020)

Diante desses apontamentos iniciais, considero que esse trabalho de RSL tem como questão principal: há produções científicas sobre a Linguagem Neutra nas relações da docência e aprendizagem no contexto da educação básica? Como investigação para o encontro de uma possível resposta, foi produzido alguns aspectos: 1) uma metodologia dividida em três buscas. 2) os resultados obtidos. 3) uma análise sobre alguns descritores que buscam de forma específica trabalhos que trazem a aprendizagem da Linguagem Neutra no ensino de Língua Portuguesa na educação básica.

Por fim, o objetivo deste momento é analisar e sintetizar produções que venham trazer alguns aspectos ou similaridades a esse campo de estudo, se apropriando de evidências teóricas

e empíricas. Buscando analisar, principalmente, pesquisas que tragam como foco investigativo a possibilidade de uma neutralidade na língua.

Procedimentos metodológicos

Com a finalidade de selecionar pesquisas diante da temática central desse estudo, foi realizado um levantamento científico nas seguintes fontes de buscas: Biblioteca Eletrônica Científica Online - SciELO e o *Google Acadêmico*, desenvolvendo essa busca diante da listagem dos respectivos descritores abaixo e suas combinações em três etapas, conforme o quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Descritores e suas etapas

Etapa 01: 01 descritor - <i>Categorias conceituais</i>	Etapa 02: 02 ou mais descritores	Etapa 03: <i>Filtragem de aproximação com o campo de estudo.</i>
“Linguagem neutra”	“Linguagem neutra” AND “Queer” AND “Sexualidade” AND “Gênero”	“Linguagem neutra” AND gênero NOT textual AND sexualidade AND ensino AND diversidade AND “língua portuguesa”
“Gênero neutro”	"Linguagem neutra" OR "não binária" OR "gênero neutro" OR "pronomes neutro" AND “não sexista”	"Linguagem neutra" OR "não binária" OR "gênero neutro" OR "pronomes neutro" AND “não sexista” AND ensino AND língua portuguesa
“Pronome neutro”	“Pronome neutro” AND “não sexista”	“Linguagem neutra” AND gênero NOT textual AND ensino AND língua portuguesa AND educação básica
“Linguagem não-binária”	“Linguagem neutra” AND “Queer” AND diversidade AND sexualidade	—
“Linguagem não sexista”	“Linguagem Neutra” OR "Gênero “Neutro” OR “Pronome Neutro” OR .”Linguagem não binária” AND gênero NOT textual AND sexualidade AND diversidade	—
Gênero NOT textual	—	
Sexualidade		
“Teoria Queer”		
Diversidade		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O processo metodológico presente nessa RS se atenta ainda, ao pouco número de, trabalhos diante do campo de estudo que é a linguagem neutra. Portanto, se dividiu em três etapas de buscas, organizadas no quadro apresentado.

A primeira busca é desenvolvida com apenas um descritor para encontrar trabalhos a partir de uma amplitude geral sobre a temática e as categorias conceituais, para fazer assim, uma comparação quantitativa das produções nas duas fontes de busca. A segunda com a combinação de dois ou mais descritores para uma filtragem específica ao objeto de estudo e a terceira que só foi possível realizar apenas no *Google Acadêmico* por não encontrar nenhum trabalho no banco de dados do *SciELO* com os descritores utilizados, pois, fazem uma procura mais objetiva no levantamento de trabalhos que busquem sobre a LN diante do ensino da Língua Portuguesa nas escolas da educação básica.

Para as estratégias de buscas foi necessário o uso dos “AND”, “NOT”, “OR”, delimitando um filtro na data, área temática e na combinação de descritores, como é possível ver nos resultados obtidos do tópico seguinte.

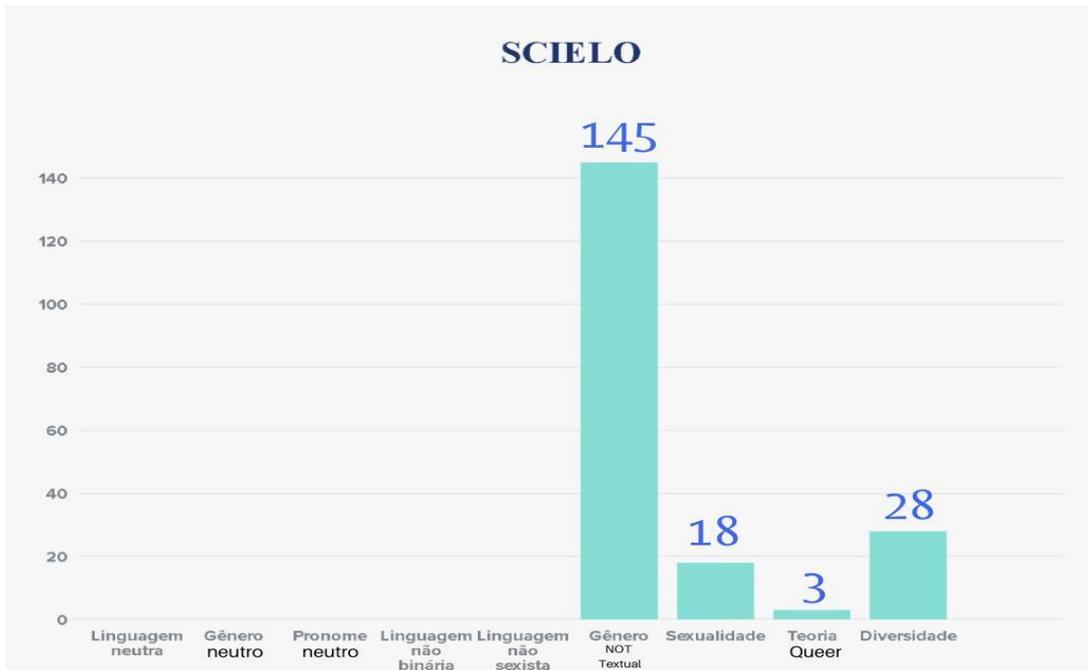
As etapas de buscas são atravessadas pelos critérios de inclusão e exclusão, isto é, os trabalhos precisam estar publicados e disponíveis na íntegra em bases de dados científicas ou em versões impressas, o recorte foi feito pelas áreas de conhecimento: Linguística, Letras, Artes, Literatura, Linguística e Linguagem e com o idioma em Português e Espanhol. Definimos ainda artigos atuais pelo objeto de estudo ser recente, ou seja, publicados a partir de 2015 e que possuam aprovação pela comunidade científica. Teses e dissertações poderão ser consideradas, mas, não são o foco desta RS pela temporalidade atual da pesquisa e sua escassez ainda nos bancos de dados.

Resultados obtidos

Os resultados dessa Revisão Sistemática são apresentados em três processos. Cada processo corresponde a uma busca. Dessa forma, cada gráfico e quadro apresentados a seguir é relevante para compreender o problema norteador do estudo e das palavras-chave.

A seguir encontram-se dois gráficos com o quantitativo de trabalhos encontrados, cada um corresponde a uma fonte (*SciELO/ Google Acadêmico*). No banco de dados *SciELO* foi feita a primeira busca com apenas um descritor e com os estudos datados entre os anos de 2015 até 2021, filtrado com as áreas temáticas: Linguística, Letras, Artes, Literatura, Linguística e Linguagem e com o idioma em Português e Espanhol.

Figura 1 - Gráfico com o quantitativo dos trabalhos encontrados (*SCIELO*)

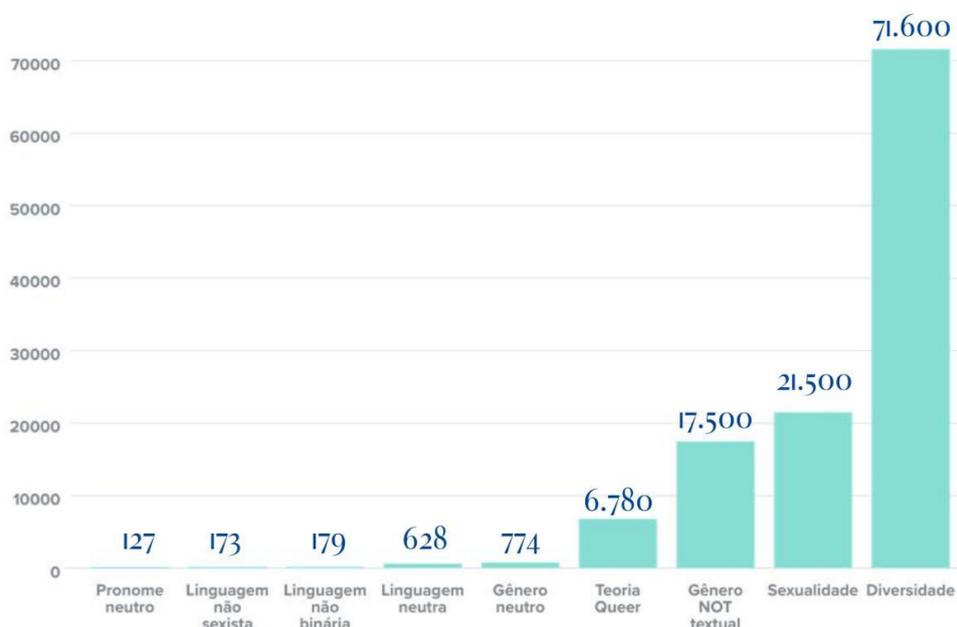


Fonte: elaborado pela autora, 2021

Na plataforma do Google Acadêmico, não foi possível colocar os mesmos filtros do *SciELO*. Ficando apenas a filtragem nas datas entre 2015 até 2021 e com apenas um descritor. Com isso, houve um grande número de trabalhos encontrados. Podendo perceber no gráfico a seguir

Figura 2 - Gráfico com o quantitativo dos trabalhos encontrados (*GoogleAcadêmico*)

Google Acadêmico



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

O foco então, nessa primeira busca, foi trazer um aparato quantitativo geral das categorias conceituais (Teoria *Queer*, Gênero, Sexualidade, Diversidade) e o dispositivo central a partir do descritor “Linguagem neutra”, no qual, só foram encontrados apenas 11 trabalhos, considerados relevantes diante do enfoque que é a não demarcação de gênero na língua. Sendo explícito também que não houve nenhum trabalho encontrado no banco de dados do *SciELO*.

No segundo processo, em que houve uma segunda busca e que corresponde à combinação de descritores presente na tabela apresentada a seguir, previamente nos procedimentos metodológicos dessa RS, o banco de dados *SciELO*, novamente, não encontrou nenhum trabalho. O que acaba demonstrando uma falta de inclusão de pesquisas no que tange a referida temática. Fica evidente que, ao se fazer uma comparação entre as duas plataformas e ao pesquisar no *Google Acadêmico*, se identifica que há trabalhos, porém, ainda não foram incluídos na biblioteca eletrônica científica online. Por conseguinte, nesta segunda busca, o *Google Acadêmico* apresentou os seguintes resultados diante de dois ou mais descritores, conforme o quadro 2 a seguir:

Quadro 2-Bases de dados e descritores utilizados na Revisão sistemática

BASE DE DADOS	DESCRIPTOR UTILIZADO	RESULTADOS ENCONTRADOS	TRABALHOS RELEVANTES
Google Acadêmico	"Linguagem neutra" OR "não binária" OR "gênero neutro" OR "pronome neutro" OR AND "não sexista"	109	9
Google Acadêmico	"Linguagem neutra" AND "Queer" AND "Sexualidade" AND "Gênero"	86	4
Google Acadêmico	"Pronome neutro" AND "não sexista"	13	3
Google Acadêmico	"Linguagem neutra" AND "Queer" AND diversidade AND sexualidade	79	3
Google Acadêmico	"Linguagem Neutra" OR "Gênero "Neuro" OR "Pronome Neutro" OR ."Linguagem não binária" AND gênero NOT textual AND sexualidade AND diversidade	34	4

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Dentre os trabalhos, considerados relevantes através de informações das partes eleitas na RS para análise: título, palavras-chave e resumo e demais informações que estão sinalizadas nos quadros realizados pela pesquisadora e que constam nos apêndices deste trabalho. O descritor "Linguagem neutra" OR "não binária" OR "gênero neutro" OR "pronome neutro" AND "não sexista" foram encontradas duas produções com o título *Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+* (2021) de autoria de Fabíola Sucasas Negrão Covas e Lucas Martins Bergamini e *Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva* (2021) de Ana Lúcia Pessoto dos Santos, sendo-os únicos, entre 109 trabalhos que faz apontamentos importantes sobre a Linguagem Neutra como um dispositivo para representação de sujeitos e que trata a partir de uma perspectiva de análise linguística em sua neutralização de gênero gramatical.

Foi também possível perceber que alguns textos datados entre 2015 até metade do ano de 2018 como é o caso *O ensino de pronomes em aulas de português como língua adicional:*

ampliando discussões (2016) de Graziela Andrighetti, Cristina Perna e *Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasura a normatividade da língua portuguesa* (2018) de Tânia Rezende e Daniel Marra e outros, que possuem um estudo desatualizado em relação a essa linguagem que é inclusiva, trazem uma discussão para o uso dos grafemas (@, X,) aspectos linguístico que hoje, não são mais considerados pela não pronunciabilidade e pela não possibilidade de inclusão por pessoas cegas e ainda por não ser possível recuperar a informação na RS. Fica claro então, que os estudos relacionados à Linguagem Neutra/Gênero Neutro/Pronome Neutro/ Linguagem não binária, só são encontrados a partir do ano de 2019, indicando assim, um campo de estudo novo, que aponta para a importância e relevância do estudo do tema na educação.

Já no descritor “Linguagem neutra” AND “Queer” AND “Sexualidade” AND “Gênero” tirando as referências repetidas encontradas consideradas relevantes, foi encontrado apenas um texto *A linguagem não-binária na Língua Portuguesa: possibilidades e reflexões Making Herstory* (2019) de Heliton Diego Lau, Gabriel Jean Sanches, que se assemelhe à centralidade da pesquisa diante da possibilidade de uma linguagem não sexista, mostrando assim, uma discussão diante de pessoas que não se identifiquem com o binarismo de gênero e evidenciando sua importância como um segmento de inclusão social, linguística e cultural.

Quanto aos descritores “Pronome neutro” AND “não sexista” e “Linguagem neutra” AND “Queer” AND diversidade AND sexualidade só foram encontrados os mesmos trabalhos relevantes. Já no descritor “Linguagem Neutra” OR "Gênero “Neutro” OR “Pronome Neutro” OR .”Linguagem não binária” AND gênero NOT textual AND sexualidade AND diversidade, foi possível identificar uma dissertação *Os discursos de Gênero e Sexualidade na Formação de Professoras/es* (2018) de Bruno Barbosa que embora não trate sobre a linguagem não binária, faz um diálogo com as questões de Gênero e Sexualidade e em como elas estão sendo desenvolvidas em ambiente educacionais nas formações iniciais de professores/as, através de evidências empíricas, nos cursos de licenciatura.

A referida dissertação é importante nesta RS, pois, parte para o objetivo da terceira busca que é analisar se há ou não a produção de pesquisas que apontem para uma inserção da Linguagem Neutra dentro das escolas, a partir do ensino de Língua Portuguesa.

Por fim, no terceiro processo, isto é, a terceira busca, só foi encontrada produções somente no *Google Acadêmico*, através de uma pesquisa com mais de dois descritores e com o recorte temporal de 2015 até 2021, focando na relação dessa neutralização da linguagem através do ensino na educação básica por professoras/es de Língua Portuguesa. Conforme consta no

quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Bases de dados e descritores utilizados na Revisão sistemática

BASE DE DADOS	DESCRIPTOR UTILIZADO	RESULTADOS ENCONTRADOS	TRABALHOS RELEVANTES
<i>Google Acadêmico</i>	“Linguagem neutra” AND gênero NOT textual AND sexualidade AND ensino AND diversidade AND “língua portuguesa”	28	2
<i>Google Acadêmico</i>	"Linguagem neutra" OR "não binária" OR "gênero neutro" OR "pronome neutro" AND “não sexista” AND ensino AND “língua portuguesa”	53	4
<i>Google Acadêmico</i>	“Linguagem neutra” AND gênero NOT textual AND ensino AND língua portuguesa AND educação básica	18	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Um olhar crítico sobre alguns descritores da terceira busca

Pensando na importância e necessidade de levar a não binaridade da Língua Portuguesa para ambientes educacionais, principalmente no ensino básico, ficou perceptível na terceira busca dessa Revisão Sistemática, que há uma escassez de pesquisas sobre os/as/es professores de Língua Portuguesa diante do uso da Linguagem Neutra em sala de aula. Sendo então, a grande problemática desse objeto de estudo, a falta de trabalhos que tragam essas discussões.

Logo, é importante delimitar que é um estudo incipiente, que ainda está em um processo, construindo-se. Emerge o referido tema, principalmente, nas centralidades da internet, nas redes sociais e nas reivindicações das pessoas que se incorporam na comunidade LGBTQIA+, que não se enquadram na binaridade de gênero e por pesquisadores/as/es na área da educação que se interessam por essa temática.

No descritor “Linguagem neutra” AND gênero NOT textual AND sexualidade AND ensino AND diversidade AND “língua portuguesa” dentre os 28 resultados, foi encontrado apenas um único texto que é um Trabalho de Conclusão de Curso e que se repetiu nos demais descritores, denominado *Todxs, tod@s, todos ou todes?: uma análise do posicionamento de*

profissionais da área de Letras acerca da marcação de gênero no contexto da não-binariedade (2021) de Jorge Murilo Delgado. Em que, mesmo não se encaixando nos critérios de inclusão desta RS por ser um TCC, o trabalho acabou sendo analisado pela grande aproximação e por ser o único com a temática em questão, que é entender as possibilidades do ensino no contexto educacional, diante da não marcação de gênero na Língua Portuguesa através de profissionais que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa.

Neste trabalho, é apresentado pelo pesquisador (DELGADO, 2021, p. 4) o posicionamento de cinco profissionais da área de Letras acerca da marcação de gênero no contexto da não-binariedade. Acaba demonstrando um estudo que aborda a LP, na qual, sempre coloca o indivíduo em uma dicotomia: masculino/feminino. Esta dicotomia permite uma invisibilidade e uma invalidez linguisticamente, diante das pessoas transgêneras e/ou não binárias. Quanto aos dados levantados junto aos profissionais:

Analisar os posicionamentos dos profissionais da área de Letras nos permitiu identificar que esse debate já está alcançando o seu primeiro objetivo, que é ser discutido por aqueles profissionais (linguistas, professores, filósofos, sociólogos, filólogos, entre outros), que podem trazer construções/questionamentos que ajudem a desmistificar o padrão binário da língua. (DELGADO, 2021, p. 44)

Conquanto, ainda é notório que esse fenômeno linguístico ainda não está chegando às relações da docência na educação básica. E que, as três buscas, permitiram conhecer que há uma mínima quantidade de produções científicas sobre como é perpassado e tensionado as questões de Gênero, Sexualidade, Diversidade através dos/das/des profissionais de educação na educação básica, com ênfase na linguagem neutra.

O que fica bastante claro é que há discussões, ainda poucas, sobre essa temática da Linguagem Neutra mais voltada para o seu uso social, a sua importância para a visibilidade e representação de sujeitos/as/es LGBTQIA + em sociedade e a inserção de manuais e guias para o uso pessoal. No entanto, as buscas nos descritores apontam para uma ausência de trabalhos que analisem, que busquem dados, que tragam evidências empíricas e/ou teóricas sobre a prática pedagógica nas escolas diante do ensino ao gênero neutro por profissionais da educação.

Diante da investigação, dos levantamentos de dados e fazendo um paralelo nos dois bancos de dados *SciELO* e *Google Acadêmico* foi possível notar uma diferença nítida nos dois resultados, especificamente, nos gráficos da primeira busca, em que não há combinação de descritores. Vê-se a partir dos descritores sinônimos: "Linguagem Neutra", "Gênero"Neutro, "Pronome Neutro", "Linguagem não binária" que há uma discrepância nos resultados.

Resultando em uma falta incorporação de trabalhos no banco de dados do *SciELO*, mesmo havendo produções já feitas sobre o campo de estudo.

Outra importante constatação é que ao fazer o levantamento, quando se refere, a linguagem inclusiva ou neutralidade de gênero, entre as datas de 2015 até 2017 e início de 2018, os estudos são sobre a inserção de fonemas linguísticas (@, X, /, ()) que nesse ano de 2021, não são mais consideradas e caíram em desuso pela dificuldade na pronúncia, sendo inviável para pessoas com necessidades específicas e acaba saindo da lógica de uma linguagem que incluía. É possível perceber na citação a seguir, retirado do *Manual prático de linguagem inclusiva, uma rápida reflexão, 12 técnicas básicas e outras estratégias semânticas* (2020) de André Fischer:

No entanto X e @ não são recursos inclusivos pois criam problemas de leitura para deficientes visuais que utilizam programas leitores de texto, para pessoas com dislexia, alfabetismo elementar, em processo de aprendizagem da leitura ou que simplesmente não tenham sido informadas sobre o significado desse código específico. Além disso não promove uma real mudança na maneira de pensar mais inclusivamente. Não faz muito sentido ser neutro sem ser inclusivo. (FISCHER, André. p. 7. 2020)

Logo, os principais e relevantes trabalhos que possuem similaridade com o foco de investigação em questão, só foram produzidos na metade do ano de 2018 e início de 2019 até o ano vigente.

Além dessas premissas, ficou evidenciado, por fim, que há uma escassez de trabalho no que se refere à aprendizagem da Linguagem Neutra no ensino de LP na Educação Básica brasileira. O que acaba sendo um indicativo importante e necessário para que haja pesquisa e estudo dentro dessa seara.

WEB-TEIA III - CORPOS-TERRITÓRIOS: UMA EXPERIMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA NAS NARRATIVAS DA NEOLINGUAGEM INCLUSIVA EM REDES

Experimento cartográfico: Twitter¹¹

Essa Web-teia foi realizada no ano de 2021, o termo para o fenômeno estudado aderido pela pesquisadora foi “Linguagem Neutra”. Assim, a experimentação nas redes foi através

¹¹Esse subtópico *Experimento cartográfico: Twitter* foi uma produção de autoria minha e de prof^a Ana Lúcia Gomes da Silva, apresentado em evento e já publicado. MENEZES, Jadla Moraes et al.. Pânico moral: algumas notas rizomáticas sobre a linguagem neutra. *Anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero...* Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79229>>. Acesso em: 26/01/2022.

dessa palavra de busca. A cartografia são fluxos de mudanças e novas entradas. Pois,

No método cartográfico, a investigação da paisagem é algo constante. A paisagem que sempre se altera, a cada novo acoplamento, cada ligação que é feita entre ações, conceitos ou pensamentos. É como seguir caminhando sem saber o caminho, determiná-lo enquanto o percorre, em deriva. Assim como o objeto da pesquisa pode ser construído ao longo do trajeto, as estratégias de pesquisa também. (LEMOS; OLIVEIRA, 2017)

Ao caminhar como andarilha pelo território da pesquisa, vou catando algumas miudezas nos caminhos e trazendo algumas reflexões sobre um possível gênero neutro na língua portuguesa. Nesse processo de “catar”, fui mapeando algumas narrativas publicizadas no *corpus* de análise *Twitter e Youtube*, num movimento cartográfico na cibercultura, movida pelas seguintes perguntas: o que esses corpos-narrativas contornam em seus ditos/interditos diante de uma reivindicação à linguagem neutra? Quem tem medo da Neolinguagem inclusiva: a quem interessa que ela não seja adotada na educação básica? Parto da ideia de que os corpos e seus atos de fala são potências críticas para proliferação de debates, tomando-os como práticas e lutas, mas, que evidenciam também os preconceitos produzidos pelas narrativas publicizadas na rede e a sua relação com a moral.

A cibercultura é um conceito que surgiu na década de 1990 e se refere ao conjunto de práticas, ideias, valores e comportamentos que emergem da interação entre a cultura contemporânea e as tecnologias digitais, especialmente a internet. É um termo que engloba os aspectos sociais, culturais e tecnológicos relacionados à vida digital.

A cibercultura é caracterizada pela presença cada vez mais intensa e abrangente da tecnologia digital em todas as esferas da sociedade, desde a comunicação e o entretenimento até a economia e a política. Ela representa uma nova forma de sociabilidade e de construção de identidades, moldada pela conectividade e pela interação em redes virtuais.

Um dos elementos centrais da cibercultura é a internet, que funciona como uma plataforma que conecta pessoas ao redor do mundo, permitindo a troca de informações, o compartilhamento de conhecimento, a colaboração em projetos e o surgimento de comunidades virtuais. A internet é considerada um espaço de convivência e expressão, onde se desenvolvem práticas culturais próprias e novas formas de interação social.

A cibercultura também está associada à cultura da participação, onde os indivíduos não são apenas consumidores passivos de conteúdo digital, mas também produtores e colaboradores ativos. As redes sociais, os blogs, os fóruns e outras plataformas digitais permitem que as

peessoas expressem suas opiniões, compartilhem suas experiências, criem conteúdo e interajam com outros usuários.

Além disso, a cibercultura também abrange a cultura *hacker*, que valoriza a liberdade de acesso à informação, a criatividade tecnológica e a busca por soluções inovadoras. Os hackers são indivíduos especializados em explorar e modificar sistemas digitais, muitas vezes com o objetivo de melhorar a segurança e a eficiência desses sistemas.

A cibercultura também traz desafios e questões relacionadas à privacidade, segurança, desigualdades digitais, propriedade intelectual, entre outros temas. A velocidade e a amplitude das transformações tecnológicas na sociedade digital exigem reflexões e debates contínuos sobre como lidar com essas questões e garantir o uso ético e responsável das tecnologias digitais.

Em resumo, a cibercultura é o conjunto de práticas e valores que emergem da interação entre a cultura contemporânea e as tecnologias digitais. Ela representa uma nova forma de sociabilidade, de expressão e de construção de identidades, permeada pela internet e pelas possibilidades de interação em redes virtuais. A cibercultura envolve a cultura da participação, a cultura hacker e traz consigo desafios relacionados à privacidade, segurança e outras questões éticas e sociais.

A Língua Portuguesa, sempre ergueu definições, representações binárias e dicotômicas para mencionar algo/alguém, através dos artigos, preposições e pronomes classificatórios, além de delimitar o gênero gramatical masculino como representante geral e como um signo de uma cultura de subjugação ao domínio masculino. Essa divisão e hierarquia passa a ser contestada por alguns sujeitos que não se sentem incluídos/as/os e buscam assim, o direito a representação linguística da identidade como meio de visibilidade social e linguística. Com isso, procuro compreender as relações da Neolinguagem inclusiva e como ela surge nos debates e discursos de narrativas postas e atravessadas por diferentes subjetividades. Nesse processo de mapear, produzo rizomaticamente algumas notas-atos que carregam formas outras de dizibilidades, compreendendo a linguagem em seu papel social como forma de desnaturalizar alguns preceitos morais, heteronormativos e hegemônicos que criam, ainda, raízes na nossa cultura e no nosso meio.

É um experimento que adota como inspiração o procedimento de notas rizomáticas da cartografia, haja vista que o objetivo central é mapear os territórios entendendo as linhas de força que os constituem, primando pelas possibilidades e percorrendo as conexões e/ou (des)conexões que as narrativas de embate postas no *Twitter* trazem, acompanhando os

percursos em rede e entendendo as implicações e os possíveis desassossegos. Pois, navegar no ciberespaço, nesse contexto, é também explorar os ambientes geográficos, experimentando novos processos de territorialização e desterritorialização. (Albuquerque, A. S., Hennigen, I., & Fonseca, Tânia Maria G, 2018)

Para isso, trouxe um recorte de quinze posicionamentos de usuáries no *Twitter* como forma de contextualizar como a linguagem neutra é entendida e trazida pelas pessoas através dos seus posicionamentos, cartografando as implicações que ali são atravessadas, refletindo criticamente a forma como essa linguagem e seus sistemas de não demarcação de gênero atuam e se performatizam no mundo e com o mundo. Dentre as 100, fizemos um recorte e analisamos com mais cuidado, o total de 15 escritas, tendo como critério central os posicionamentos que falavam da LN, tema deste estudo, em diferentes pontos de vista,

[bloco de notas]

o que as telas em rede, quadradas, fotos posicionadas, corpos, linguagens tem a nos dizer ou não dizer?

Dentro das possibilidades da *linguagem hipermídia*, que combina texto, imagem, som e vídeo, permitindo a criação de conteúdo interativo e não linear. Destaco como a hipermídia desafia as estruturas tradicionais de comunicação e oferece novas formas de acesso à informação e ao conhecimento.

Logo, ao fazer um levantamento de narrativas na cibercultura e entendemos esse espaço como um lugar móbil e heterogêneo, que nos permite ter certa flexibilidade nos espaços virtuais, transitando por diferentes experiências e sentidos. E como nos diz Marco Silva:

Interatividade é a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura. Exprime a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressamente complexo presente na mensagem e previsto pelo emissor, que abre ao receptor possibilidades de responder ao sistema de expressão e de dialogar. (SILVA, 2010, p. 42)

O sociólogo brasileiro Marco Silva é conhecido por suas contribuições ao estudo da cibercultura. Em sua obra "Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea", ele explora as interações entre a tecnologia digital e a sociedade, analisando como a cibercultura influencia e é influenciada pelas práticas sociais, políticas e culturais. Segundo Silva, a cibercultura é uma cultura emergente que surge a partir das transformações tecnológicas e das práticas culturais possibilitadas pelas tecnologias digitais. Ele destaca que a cibercultura vai

além da mera utilização das tecnologias, abrangendo as implicações sociais, políticas e culturais dessas tecnologias na vida cotidiana.

Uma das principais contribuições de Marco Silva é a noção de "ecologia da informação", que se refere à complexa rede de interações entre as tecnologias digitais, os sujeitos e a sociedade como um todo. Ele argumenta que a cibercultura é caracterizada por uma multiplicidade de vozes e atores sociais, promovendo uma maior descentralização do poder e da produção de conhecimento.

Silva também destaca a importância das práticas de produção colaborativa na cibercultura, como o software livre, a cultura do remix e a participação em comunidades virtuais. Ele enfatiza que essas práticas promovem uma cultura de compartilhamento, colaboração e criação coletiva, desafiando os modelos tradicionais de produção e propriedade intelectual.

Além disso, Silva aborda as questões de identidade e subjetividade na cibercultura, argumentando que as tecnologias digitais permitem a construção e a performance de múltiplas identidades online. Ele discute a noção de "identidades múltiplas" e a forma como os sujeitos podem experimentar diferentes papéis e formas de expressão em ambientes digitais.

O autor, destaca, como a interatividade exprime uma educação com o espírito do nosso tempo, abrindo possibilidades de coautoria e engajamento dos interlocutores/as cuja dialogicidade comunicacional se expressa de modo horizontalizado. De igual modo, nos importa destacar que estamos concebendo a cibercultura conforme nos apresenta Edméa Santos (2019) que diz respeito à simbiose homem e tecnologia digital em rede enquanto processo de interprodução ou de coprodução cultural.

Assim, passamos por uma análise de 100 narrativas diante da palavra-chave "Linguagem Neutra", no campo de busca, e não nos preocupamos com demarcação de gênero, orientação sexual e/ou identidade de gênero de cada individualidade. Queríamos ter um panorama maior sobre como a LN é concebida por essas pessoas e como circulavam esses posicionamentos em forma de *Tweets para depois refinar a seleção para a análise*. Dentre as 100, fizemos um recorte e analisamos com mais cuidado, o total de 15 escritas, conforme já explicitado.

Entendendo o levantamento, organização, seleção e análise de dados como um processo nômade e o *corpus* de análise como um conjunto de materiais representativos de uma língua ou variante. E que, [...] os critérios de relevância referem-se à composição de materiais que, dado

o conhecimento prévio do pesquisador, são considerados pertinentes aos propósitos da pesquisa. (SILVA, Thaysa; SILVA, Edcleide, 2013).

Além disso, nos cabe salientar conforme Ana Lúcia Silva (2021) que os dados na pesquisa cartográfica não são concebidos no sentido mais tradicional do termo, mas gera efeitos e, portanto, a análise do processo é fundamental, ainda que não seja exercida sobre dados no sentido literal, mas o conhecimento gerado como ato criador, tanto na objetividade quanto na subjetividade baseada nas experiências cotidianas em que sujeito e objeto definem-se mutuamente, um em função do outro. Pois, a subjetividade tem ganhado destaque nas pesquisas pós-críticas, e é entendida como produzida pelos diferentes textos, pelas diferentes experiências, pelas inúmeras vivências, pelas diferentes linguagens pelas quais os sujeitos são nomeados, descritos, tipificados. (MEYER, PARAISO, 2014). Deste modo, os dados são processuais e produzidos coletivamente.

Na ampliação da compreensão dos dados na pesquisa cartográfica, e, considerando que cartografia é um método de pesquisa-intervenção que ao tempo em que pensamos, intervimos, (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2015) e está ligada ao acompanhamento de processos (BARROS,; KASTRUP, 2015) e à dissolução do ponto de vista do observador (PASSOS; EIRADO, 2015), torna-se imprescindível esclarecer em que sentido se compreende um dado cartográfico, a partir das autoras Letícia Renault e Maria Elizabeth de Barros (2016), pois se produzimos territórios e paisagens, assim como produzimos uma aula, ao promover a intervenção.

O processo de pesquisa faz emergir realidades que não estavam dadas, implicando reorganizarmos fronteiras, direções, concebendo o conhecimento como ato criador, de modo a lançarmos luz nos textos que trazem os posicionamentos dos sujeitos acerca da linguagem neutra, [...] “cujo procedimento analítico permite o aparecimento das condições de emergência do objeto, possibilitando a pesquisa a comportar a heterogeneidade e heterogênesse, como característica dos movimentos de subjetivação”. (BARROS; BARROS, 2016, p.178). Para tanto, a compreensão do sujeito neste processo é concebida como efeito de linguagens, posições sujeitos, ou formas-sujeitos que movidos pelos problemas, pois são eles que movem a análise cartográfica, e neste estudo, os problemas são os modos como a linguagem neutra interroga a linguagem, e que neste texto, elegemos analisar como [...] “procedimento de multiplicação de sentidos que inaugura novos problemas”, fazendo emergir no material analisado a decomposição do mesmo, sendo o/a/e pesquisador/a/e o/a/e analista.

Logo, pesquisador/a/ie-analista, indica no *corpus* de análise, os/as/es analisadores/as da linguagem neutra, mas não basta que os identifique, reconheçam ou legitimem, os/as/es analisadores elencados que emergiram, pois somente os/as/es analisadores, o constituirão analista. A análise pode, pois constituir-se em [...] “palavra de desordem, de conexão, de invenção, na contracorrente dos sedentarismos analíticos ‘solucionadores’, pois são implicantes e implicadas pragmáticas ou processualidades, elas insistem em problematizar” (RODRIGUES,2015,p.37). Assim nosso movimento como cartógrafas aprendizes, requer uma posicionalidade analítica que implica atitude, *ethos*, pois esta se faz por problematização. A cartografia não busca interpretações, mas problematizar, lançar as linhas, sem procurar o sentido objetivo dos dados, mas sim, os efeitos de sentidos, considerando as forças e os acontecimentos.

Nesse recorte, optamos por trazer posicionamentos que falavam da LN em diferentes perspectivas. Desde as “mudanças” que podem ocorrer na língua portuguesa diante da linguagem até sobre os projetos de lei que impedem o uso da LN nas escolas. Transcrevemos as escritas sem interferências externas, ou seja, sem acréscimos ou alterações das autoras.

Quadro 4 - Posicionamentos de usuáries¹²

¹² Utilizaremos a neutralização do “e” na palavra usuárie. Por trazer posicionamentos de sujeitos, em que, não é possível saber/identificar as identidades de gênero e/ou orientações sexuais.

<p>Usuárie 01: Linguagem neutra é uma coisa tão patética que eu não acho adjetivos para descrevê-la. Pessoas que não se identificam com o gênero feminino nem masculino... Se identifica com o que? Com uma planta?</p>	<p>Usuárie 02: é tão capacista achar que pessoas pobres e pessoas com deficiência não podem aprender a usar linguagem neutra</p>	<p>Usuárie 03: Blz, mas o q o cu tem a ver com as calças? Um é um projeto educacional e outro um social, um não exclui o outro. Acho válido o projeto de vetar a linguagem neutra em escolas, na escola a gente deve aprender o uso correto da LÍNGUA PORTUGUESA não de uma língua imaginária.</p>
<p>Usuárie 04: Eu tenho dislexia e não me incomodo com a linguagem neutra proposta e se quiser eu tenho uma thread de pessoas que usam libra falandp sobre como a linguagem neutra não afeta a libra</p>	<p>Usuárie 05: projeto de lei contra uso da linguagem neutra??vãofazer oq mandar pra cadeia quem usa elu/delu?? JJKKKKK que país patético, o desespero pelo conservadorismo é tanto que eles perdem a noção do ridículo. Última vez que proibiram o uso de alguma palavra foi na ditadura</p>	<p>Usuárie 06 Os professores e pofessoras usando linguagem neutra que loucura</p>
<p>Usuárie 07: Minha opinião sobre linguagem neutra é que tem gente colocando importância demais em "impedir" que ela seja usada</p>	<p>Usuárie 08: ativismo que se importa mais em impor linguagem não-binária (porque linguagem neutra é outra coisa) do que em acabar com a fome que está atingindo 16 milhões de pessoas)</p>	<p>Usuárie: 09 A linguagem neutra é uma antilinguagem, um fenômeno político/ideológico artificial, cuja função gira em torno da tentativa de destruir o elo entre realidade e signo. Não há comunicação entre os falantes, apenas a intenção de aniquilar a dimensão real da língua.</p>
<p>Usuárie 10: Projeto de lei contra a linguagem neutra VAI ME PRENDER? PARAR DE ENSINAR OQ EH PRONOME NA ESCOLA? TIRAR SOCIOLOGIA DA GRADE ESCOLAR?</p>	<p>Usuárie 11: O proibir uso de neutra linguagem não faz ela inexistir, pelo contrário, ela se intensifica. quanto mais tempo o Estado passar tentando moldar as mudanças de uma sociedade (as quais são NORMAIS), mais distância ele vai ter o próprio povo. fantasma comunista volta, por favor</p>	<p>Usuárie 12: que ter a linguagem neutra aplicada na escola + adaptação de suas regras. fico pensando q se esse processo acontecer em nossa geração, como próximas já crescerão habituadas a falar e escrever dessa forma e n vai ser considerado estranho entre elas</p>
<p>Usuárie 13: Eu espero que a JUSTIÇA BRASILEIRA não deturpe a língua portuguesa aprovando essa linguagem "neutra" que irá excluir os cegos e os surdos; além disso, ninguém pode nos obrigar a mudar a forma de falar por causa de alguns que querem impor as suas crenças e sei lá o quê mais . .</p>	<p>Usuárie 14: mds gente, essa de gente reclamando de linguagem neutra cansa, se tu não quer tratar a pessoa como ela se sente melhor, desapareça da vida dela... pqp, deixe q os outros usam em paz e se entrar nos livros e nas escolas vai rolar naturalmente e se pangm vai ta vivo de agr.</p>	<p>Usuárie 15: até esquecer de comentar outra coisa, lembra de quando falavam que a linguagem neutra nunca sairia do twitter e hoje tem até político lutando para impedir o avanço dela? pois é, mas é aquilo "pode matar uma, duas, três rosas mas nunca conseguir deter a chegada da primavera"</p>

Fonte: Twitter, 2021.

Os ditos-escritos aqui expostos nos convidam a entender, principalmente, que:

Nas conexões estabelecidas via internet, ao poder de divulgação, encontro e multiplicação aliam-se as possibilidades de pulverização, excesso e superficialidade. A liberdade coexiste com o controle. Nesse espaço, compor coletivos é tão fácil quanto desconectá-los. Com um simples apertar de botão, desresponsabiliza-se do compromisso mútuo. (WEBER; GRISCI; PAULON, 2012)

Quando o/a/e usárie 13 nos diz que a LN irá deturpar a língua portuguesa, precisamos entender em qual sentido. Este argumento traz algumas problemáticas. Vamos aos processos e ao terreno.

Começamos a dizer que as apreensões de mudanças na fala e escrita na língua portuguesa é algo que acontece o tempo todo conforme o curso das transformações que ocorrem nas sociedades, transformações históricas, culturais e políticas. Se formos parar para notar, linguisticamente, temos um percurso histórico em que muitas nomenclaturas que eram usuais no século XIX já estão em desuso no nosso século vigente. Atualmente com a chegada da LN temos visto a nossa língua sendo envolvida em discussões diante de um terceiro gênero possível para classificar as palavras e que sai dos limites do masculino e feminino.

Para se catalogar essa mudança é preciso ouvir diferentes comunidades para entender como, onde e porque essas mudanças aparecem. A LN entra como um novo espaço para o pensamento num contexto de profunda crise ética, política, econômica e de desmonte da educação. Remetemos a Gadamer (1997) para entender o sentido da linguagem e o próprio pensamento como uma unidade.

Neste caso, essa unificação é o que gera o resultado de algo maior, já que esta teoria diz que a compreensão dessa tese é universal: a comunicação e a linguagem coexistem e uma depende, de maneira intrínseca, da outra para haver sentido. Gadamer mostra que a linguagem é algo que não pode ser pensada como literal, pois a depender de como um determinado tradutor observa uma escritura, o sentido da palavra ou de um símbolo pode sofrer mudança. Isto é, a linguagem deve ser entendida como essa forma de comunicação flexível no sentido de que o/a/e autor/a/e-tradutor pode fazer modificações no uso e na interpretação de um determinado texto. Apesar da linguagem e pensamento serem universais e inerentes ao homem, o contato dos/das/des sujeitos/es com uma escritura pode ampliar, modificar e, por vezes, alterar o sentido dela.

Entendendo essa lógica da linguagem e sua respectiva comunicação, vamos agora a intencionalidade de reivindicação de alguns sujeitos em relação à LN. As reivindicações saem de dois grandes prismas: o olhar para a estrutura linguística que enquadra a língua portuguesa, em apenas dois gêneros como forma de fazer referência a alguém: masculino e feminino, não incluindo outras individualidades que não se veem dentro dessa dicotomia. E, ao masculino

genérico da língua, no qual, há uma predominância do masculino diante de uma referência a um conjunto de pessoas em seus diferentes pluralismos, o exemplo mais claro e debatido está na palavra: “todos”. As narrativas sobre a língua acabam trazendo à tona um debate que vem sendo construído, socioculturalmente e politicamente, sobre o papel dominante do homem em relação à mulher e que é uma das grandes pautas de luta e resistência.

Chegamos a usuárie 03, no qual, traz uma percepção voltada para as concepções da gramática tradicional. Quando diz: “Acho válido o projeto de vetar a linguagem neutra em escolas. Na escola a gente deve aprender o uso correto da LÍNGUA PORTUGUESA não de uma língua imaginária.” E isso passa a ser questionável, ao sair da premissa de que as regras gramaticais também se modificam, para atender as necessidades de transformações que ocorrem nas estruturas morfológicas das palavras.

A língua transcende a um instrumento de poder, porque a língua numa perspectiva discursiva carrega em si os modos de operar com as escolhas e discursos. A gramática não é a língua, a língua é viva, e produzida por seus interactantes e o usuárie 03 a reduz e concebe como gramática e, apenas um tipo de gramática, a normativa. Nossa defesa é a noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, privilegia a natureza funcional e interativa, língua tida como uma forma de ação social e histórica e que, ao dizer, também constitui a realidade sem, contudo, cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo, pois sabemos que as nossas escolhas lexicais são posicionalidades e guardam em si nossos modos de conceber, qualificar, analisar os temas e leituras do mundo.

Não é à toa que Michel Foucault, ao tratar do discurso afirma:

[...] em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as **regiões da sexualidade** e as da **política**: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 1999, p.9-10)

Foucault nos encaminha a analisar a narrativa da/de/do usuárie 01. Há um forte teor cerrado e resistente ao uso da LN. E esse teor está na grande questão da polarização do masculino e feminino visto culturalmente em nossa sociedade. Vamos nos mover sobre a discussão de gênero e sexualidade nas escolas, no ensino básico cartografando sobretudo desejos dos estudantes e suscitando o ensino com/como pesquisa, desafiados pelo ensinar a pensar . Para compreendermos o que essas falas nos trazem como pistas.

O formato da escola no Brasil tende a ser modificado cada vez mais ao passar dos tempos, visto que, dentro dessa ótica, as abordagens atreladas ao ensino-aprendizagem devem compor esferas que antes eram segregadas, o que isso já vem sido discutido por muitos de nós

e em ampla escala pelos gestories/as, professories/as. Principalmente, as questões de gênero, sexualidades, classe social e raça são concebidas por nós como pauta de vida, porque diz respeito ao currículo, aos sujeitos/eis. Mas, não deixamos de notar que também ainda há uma falta. Muitas escolas ainda são vistas e estruturadas de forma homogênea e excludente.

Os nossos embasamentos teóricos e metodologias de ensino estão obviamente em transição e, de algum modo, mais fortemente nas escolas públicas, visto que a diversidade cultural, religiosa e étnica, por exemplo, habita nesses espaços diante das suas próprias singularidades. Levando isso em consideração, devemos nos atentar para os modos operantes do ensino tradicional¹³, porque, em grande parte, alguns tentam replicar formas ainda baseadas em organizações metodológicas, ainda, do século XX para dar conta de algo que está além. Ou seja, como sustentar uma aula que possibilite o entrosamento de vários estudantes em contextos múltiplos de aprendizagem contentando-se em seguir um padrão uniforme de ensino? Neste caso, não há como contemplar a grande maioria no envolvimento engajado na aula. Precisamos estar atentes/as/os aos movimentos que nascem, as contradições que se manifestam. A LN nos mostra a importância de compreender essas manifestações que ocorrem.

A escola e, conseqüentemente, a educação, como espaço em que as contradições sociais se manifestam, converte-se em um dos cenários do multiculturalismo. A presença das múltiplas culturas não é uma invenção escolar, mas a convivência entre as múltiplas culturas existentes no ambiente escolar é fator importante no contexto que estamos tratando. Essa convivência é resultado das interações humanas, seja por processos de colonização, migração, êxodo, guerras etc. (FREITAS, 2011, p. 90).

Isto é, não se trata apenas de um espaço no qual o conhecimento é para ser replicado, até porque isso nos levaria de volta aos parâmetros superados da repetição de conteúdos, sem base crítica para fundamentá-los. A citação coloca em pauta a dinâmica de conhecimentos a serem postos em prática e de forma consistente, no qual, o sujeito tenha apropriação e protagonismo sobre aquilo que aprendeu. Na verdade, além disso, porque o sujeito inclusive precisa ser autônomo ao ponto de renovar suas bases de aprendizado, ampliando os olhares sobre aquilo que está disposto a estudar-ensinar. No cerne social, colocar tais conhecimentos em favor do bem-estar da comunidade, levando em consideração o respeito pela diversidade

¹³ A concepção de ensino tradicional em que referencio é a de um modelo educacional que se baseia em práticas estabelecidas ao longo do tempo, caracterizadas por uma abordagem mais diretiva, centrada no professor e focada na transmissão de conhecimento do/da/de professor/a/ie para o/a/e estudante. Essa abordagem é muitas vezes chamada de "ensino expositivo" ou "ensino frontal", onde o/a/e professor/a/ie desempenha um papel central na apresentação do conteúdo, e os alunos são considerados receptores passivos de informações. A concepção de ensino tradicional tem sido alvo de críticas por não promover uma aprendizagem ativa e engajadora, por não atender às necessidades individuais de cada educando e por não prepará-los/las/les adequadamente para enfrentar desafios do mundo contemporâneo, que exige habilidades como pensamento crítico, colaboração e criatividade.

que há.

No recorte em que trouxemos dos/as/esusuáries em suas narrativas, há um pânico moral. Talvez, um pânico que surja dessa falta de entender as relações das diversidades e diferenças que fazem parte de qualquer meio social. A LN é uma necessidade de inclusão de pessoas, em que, suas escolhas estão para além de um enquadramento elevado pela língua portuguesa. Nós, professorias/as somos uma comunidade educativa, que precisamos nos atentar a essas construções e (des)construções, a fim de que possamos nos co-responsabilizar colaborativamente e responsivamente por uma educação que integra, inclui, e enxerga humanamente cada sujeito em suas diferenças e singularidades. E como nos diz Guacira Louro:

Concebida inicialmente para acolher alguns - mas não todos- ela [a escola] foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/as quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" - e também "produzir"- as diferenças entre os sujeitos.(LOURO, 1997, p.57)

E nessa perspectiva de produzir das escolas, vemos a importância da educação, do conhecimento, como forma de diminuir e desnaturalizar os silêncios que ecoam e os preconceitos erguidos, ainda que de forma mascarada/velada. Quando o/a/e usuárie 06 diz: “Os professores e professoras usando linguagem neutra que loucura”, nos afirma a urgência tratar de gênero e sexualidade nas escolas e nos questionar por que estes corpos não foram pensados para estarem lá, assim como fazem cotidianamente com os corpos negros na escola. Loucura é não trazer este debate para a sala de aula e seu entorno social, é não reconhecer o currículo como pauta de vida. Todas as vidas nos importam!!!

As nossas lutas são pela construção cotidiana em nossas escolas como um espaço que oportunize também compreender a história da sexualidade, o que é o gênero como uma construção social e não biológica, os mecanismos de exclusão e de produção da norma sexual construídos ao longo do tempo e, assim, reconstruir o saber e as formas de ser, preservando e respeitando a individualidade e a diversidade entre os sujeitos.

Nessa falta de espaço, de identificações e reconhecimentos das singularidades, surgem as invisibilidades de muitos estudantes, principalmente, não binários. Precisamos de escolas, em que, crianças possam ter acesso a outras narrativas sobre o ser e estar no mundo. E que uma linguagem que não demarque gênero e que inclua efetivamente, não seja motivo de estranhamento ou recusa. Que nossas escolas sejam democráticas e que ensinem outras formas de co-habitar e conviver em sociedade diante das diversidades.

Dessa forma, apontamos como pistas para esse trabalho cartográfico na cibercultura, que, há ainda predominantemente, uma forte relação de poder sobre uma avaliação moral aos modos de ser e existir em sociedade. Entendemos que a educação é também uma construção da experiência humana, mas também o direito inalienável do sujeito de acesso, permanência e percurso educativo digno, visando assegurar a qualidade social da escola. As Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos em seu art. 5º dispõe que “a Educação em Direitos Humanos tem como objetivo central a formação para a vida e para a convivência, no exercício cotidiano dos Direitos Humanos como forma de vida e de organização social, política, econômica e cultural nos níveis regionais, nacionais e planetário”, remetendo-se aos ideais de respeito e de liberdade nas relações de convivência entre as pessoas em todo e qualquer espaço mesmo a níveis maiores (planetário), incluindo assim o ambiente escolar.

Precisamos, neste sentido, visibilizar as relações sociais, para que, os conhecimentos, as identidades e os valores se desenvolvam. A linguagem neutra faz parte desse papel social. Erguido por necessidades de falantes, que precisam se sentir incluídes/as/os linguisticamente em seus convívios na sociedade e na educação como direito humano. Aqui, abrimos, com a narrativa da/de/do usuárie 15 para que novas reflexões possam entrelaçar e criar outras redes, conexões. Nosso desejo é fornecer possibilidades da construção de uma experiência de identificação pelo tema em estudo, em que se dá quando a pesquisadora e os participantes se colocam individualmente, se dissolvendo, posteriormente, no coletivo, atentos e atentas às demandas dos sujeitos, sendo cartógrafas que educam com o espírito do nosso tempo. Sem impor uma moral e uma verdade únicas, professadas para os sujeitos. Antes, nossa mobilização é [...] nos ocupar com o tema da ética, estética e da existência, da verdade, do sujeito da ação e do sujeito da verdade. (FILHO, 2011, p. 13).

Os sujeitos anunciam-se, rivalizando a sujeição, insurgem, rasurando as tentativas de adestrar corpos e almas, enclausurar ideias e concepções, que pela força dos seus falantes, fazem brotar, anunciar a primavera, a despeito dos cerceamentos tanto da linguagem, quanto dos corpos, como se expressa da/de/do usuárie 15. Polemizar, criticar, tensionar, combater, desqualificar a linguagem neutra e o não uso dela, não impedirá que o falante com sua autonomia não a adote e nos brinde com seus usos em distintos contextos, pois como nos ensinam Félix Guattari e Suely Rolnik (2013), quando nos apresentam a concepção das micropolíticas como estratégias da economia do desejo no campo social, “devires minoritários”,

cujo pensamento de Deleuze se apresenta como inseparável de uma política menor¹⁴. Trata-se de uma invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, uma busca de saídas, desvios, arrombamentos, protestos, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas para territórios sem saída. Procuramos aliados, procuramos os inconscientes que protestam. (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p.19).

Experimento cartográfico: Youtube

Chego a mais um experimento. Há quem diga que escrever é escrever-se. Não só escrevo-me, mas também, escrevo imersa em territórios híbridos e através de diferentes corpos, vozes, escutas. Nesse tópico, percorrerei em uma análise a alguns vídeos disponibilizados e de domínio público na plataforma online *Youtube*. Analisando cartograficamente as narrativas que estão postas. Ao fazer um recorte de transcrição de 10 falas, foi possível perceber algumas ressonâncias e problematizações sobre a LN.

Nessa incumbência de experimentar, trago formas de escuta. Compreendendo os processos culturais, políticos e sociais que envolvem essa linguagem. Seguindo um caminho nas janelas do *youtube*, diante de diferentes falas e posições de cada individualidade e subjetividade. As transcrições aqui expostas serão extratos de falas de vídeos, sendo digitalizadas sem que haja, novamente, interferência textual.

Nesse experimento, recorro como ponto de partida ou ponto de encruzilhada para as falas em vídeos, um texto literário de Jorge Luís Borges, *El Impostor Inverossímil Tom Castro* (1980) em que trata do assunto da fixidez interpretativa com ênfase, questionando os modos estruturalistas de estudos com ironia. O texto narra como a trama de Bogle e Tom Castro possibilita uma visão de desconstrução. Bogle era um senhor de idade inteligente, o segundo, um rapaz cordial, como o próprio texto deduz. A narrativa diz sobre um golpe dado pelos dois em uma senhora chamada Lady Tichborne, que perdeu seu filho em um naufrágio, um navio que partia de Liverpool para o Rio de Janeiro.

A senhora era muito rica e os dois protagonistas resolveram se aproveitar dela, fazendo Tom Castro se passar pelo filho já falecido. Bogle disse a Tom que o plano daria certo,

¹⁴Como nos apontam os autores é preciso que não confundamos “minoritário”, que remete aos afectos, “enquanto devir ou processo”, com “minoria”, que indica um conjunto ou estado político-social estabelecido, mesmo que muitas vezes oprimido. Cf, v.4 para aprofundamento e o artigo “Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos”, de Roberto Duarte Nascimento. In: NASCIMENTO, Roberto Duarte de. Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos. In: GALLO, Sílvio; NOVAES, Marcus; GUARIENTI, Laisa B. de Oliveira (orgs). *Conexões: Deleuze e Política e Resistência e...* Campinas: SP, ALB; Brasília, DF: CAPES, 2013.

porque já haviam se passado anos desde que Lady Tichborne viu o filho, então, se ela questionasse o sotaque ou a aparência do rapaz, ele poderia apenas dizer que o tempo passou e não tinha sido generoso com ele. O plano deu certo e eles enganaram a mulher até um certo momento. Mas, neste caso, o que precisamos saber é que ela teve uma interpretação outra da verdade, dado os fatos que a própria passagem do tempo tinha estabelecido. Isto é, a mudança que há em um determinado período para o outro, seja no corpo físico ou nos pensamentos dos sujeitos. Os protagonistas estavam certos sobre o que é uma verdade, porque a instituição “veracidade” é uma construção social e Bogle se aproveitou disso. Esse texto mostra algo importante: a linguagem em si, é uma instituição social.

Em uma passagem no livro *Gramatologia* (1973, p. 16), Derrida afirma o seguinte: “[...] O signo e a divindade têm o mesmo local e a mesma data de nascimento. A época do signo é essencialmente teológica. Ela não terminará talvez nunca. Contudo, sua clausura histórica está desenhada”. O que pode ser retirado desse trecho é a conclusão de que algumas ideias anteriores e conceitos estruturais ainda são retomados como base de estudos posteriores, assim como a teoria do signo, significado e significante de Saussure, por exemplo, mas que são fontes superadas, que coexistem com as formas de análise atual para efeito de ampliação ou desconstrução.

Em um outro trecho do livro *Verdade e Método* (1997, p. 560, Gadamer, indaga o seguinte: “[...] Quando a tradução é necessária, não há outro remédio a não ser dar-se conta da distância entre o espírito da literalidade originária do que é dito e o de sua reprodução, distância que nunca chegamos a superar por completo. [...]”. Neste sentido, o teórico complementa aquilo que já vem sendo discutido, que não há uma linguagem fixa. Ou seja, a tradução é dotada de um distanciamento do texto original porque implica em sujeitos distintos tentando chegar a uma interpretação semelhante de uma obra, o que não se dá de maneira fiel, já que o texto, além de tudo, é um produto cultural e, portanto, se modifica na significação para o outro. A desconstrução de uma ideia estrutural amplia a visão de uma escritura, o que possibilita uma maior abertura de estudos sobre o texto e a linguagem em geral.

A LN é também vivenciar essa estratégia de efeito de ampliação e ou desconstrução em sua zona de (des)fixidez. Algo que não se prende, não se limita, não interdita, não enclausura. É pensar que as mudanças no mundo são capazes de criar outros tecidos de sustento para tantas outras Lady Tichborne, embora, não de forma ilusória. Mas, que traga consigo novas habitações e co-habitações nessa zona fronteira da linguagem.

Começo então a habitar nesta cartografia. (MENEZES, Antonio, 2008) Ao termo cartografia, arte de compor cartogramas, cabe também o significado de tratado dos mapas, guardada a ambivalência do que designa ou o duplo de um saber que se faz sobre si no transcurso próprio daquilo que efetiva. A linha é puxada com o/a/e usuárie “a” e “b”¹⁵, em que, trazem em seus posicionamentos díspares sobre a LN e o masculino em sua predominância na LP.

Quadro 5 - Transcrição da fala de usuárie “a” e “b”

[...] A língua como qualquer outro instrumento de poder, ela foi pensada por um grupo de pessoas. Uma cúpula detentora de poder e claro como qualquer outra instituição carrega em si morais, preceitos e preconceitos da sua criação. A nossa língua, por exemplo, é extremamente machista. Eu lembro inclusive de aprender isso na escola. Por exemplo, se eu tava me referindo a um grupo de pessoas que sejam cem pessoas, se tivesse uma pessoa que se considerasse homem no meio daquelas cem pessoas, eu tinha que usar o gênero masculino.

[...] Eu como homem cis, só posso imaginar a dor que é passar uma vida toda se sentindo excluído de quase tudo, inclusive se sentindo excluído da língua que se fala. Eu acredito que quem pensa que eu cuidar do neutro da linguagem é apenas uma frescura, muito provavelmente jamais sentiu na pele a dor de não ser abarcado, de não pertencer. E é esse o preceito sobre o qual eu vivo a minha vida. Eu quero viver uma vida que não machuque ninguém, que não faça ninguém se sentir excluído ou à beira. (Usuárie “a”, 2020) (*Ipsis litteris*)

[...] A questão é que se politizou tudo e quando se politiza a ciência, dá ruim. Não dá para politizar a ciência. E a língua portuguesa é uma ciência. Não dá para politizar também.. Então assim, as bandeiras são importantes, a gente precisa escutar todo mundo, dar voz para todo mundo. Eu valorizo todo mundo, acho importante isso, mas, dentro da língua portuguesa não cabe essa realidade da linguagem neutra hoje. Porque a norma padrão é a que vale, e, se a língua mudar, ela vai mudar de acordo com a norma padrão. Em um processo natural. “Ah mais pera aí, a língua portuguesa é machista e tal”. Não é, não é. O gênero neutro nasceu lá no latim, tinha o gênero masculino e feminino. Com essa história toda que eu contei da construção da língua, o gênero neutro em língua portuguesa foi absorvido pelo masculino. Ou seja, virou uma coisa só. Então quer dizer, quando eu falo assim: sejam todos bem-vindos, nesse “todos” têm masculino e feminino ali dentro e tudo junto. Todos os gêneros, não só masculino e feminino. Tem masculino e feminino e todos os gêneros possíveis. (Usuárie b, 2021) (*Ipsis litteris*)

Fonte: Youtube, 2020/2021.

Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária. (FOUCAULT, 1977). De modo foucaultiano: as narrativas de uma linguagem não binária por políticas de sentido vêm sendo uma força revolucionária. Os/as/es usuáries me fazem entrar em uma zona que discute a compreensão do gênero diante de corpos fluidos em sua construção discursiva e psicossocial. Ou seja, o gênero é construído a partir das práticas sociais e a partir do essencialismo biológico determinante. Afinal, um bebê não saberá se ele/ela/ile é homem ou mulher, quem ditará para ele/ela/ile o que ele/ela/ile é e o que será são as práticas da sociedade e seus discursos. De tal forma, penso a LN como uma política de agenciamento à afirmação como performatividades subalternizadas diante das suas orientações sexuais ou identidades de gênero e que fomenta

¹⁵ A escolha de letras para identificar os/as/esusuárie na análise das narrativas com as letras do alfabeto se deu como forma de fácil acesso ao leitor/a/e.

uma interação ao uso da língua não binária. Neste labirinto discursivo, é importante entender que há um jogo dualista em torno das questões performáticas para o homem e para a mulher, em que, são construídas formas fixas para identificar o corpo masculino e outro feminino. O/a/e usuárie “a” aponta para esse jogo, ao trazer em sua narrativa a sua vivência em escola, quando diz: “A nossa língua, por exemplo, é extremamente machista. Eu lembro inclusive de aprender isso na escola. Por exemplo, se eu tava me referindo a um grupo de pessoas que sejam cem pessoas, se tivesse uma pessoa que se considerasse homem no meio daquelas cem pessoas, eu tinha que usar o gênero masculino”. Creio que os papéis são predefinidos com um intuito: a homogeneização das formas plurais de vida para enfraquecer outras possibilidades políticas, sexuais e éticas na ecologia social da existência no mundo.

Em detrimento de uma gestão econômica e política que privilegia o corpo masculino, as relações entre os sujeitos são monitoradas a partir do discurso gerado pela instituição familiar, religiosa e educacional para que esses mesmos sujeitos heterogêneos se reconheçam dentro dessas identidades fixas e ajam por meio de uma cultura imposta, sendo formados modos de pensar e agir que são anteriores às suas próprias vidas. Essas instituições de poder condicionam os modos de vida para uma espécie de redoma ética e política, na qual, só podem existir duas formas de pensar o corpo e, assim, manter a posição superior masculina fixada.

Em outras palavras, a linguagem do masculino genérico está ligada a uma linguagem abissal, como diria Boaventura de Souza Santos (2010). O abissal é aquilo que define os papéis sociais para os sujeitos como em uma espécie de filtro, ou seja, o que é “válido” para o Estado tem de permanecer e o resto é jogado fora como se não pudesse existir. Abissal, nesse sentido, é um modo de pensar aquilo que pode e deve funcionar dentro da máquina do Estado e aquilo que deve ser considerado inútil, improdutivo e sem potência suficiente para ser considerado pela sociedade. Logo, quando o padrão masculino da língua é imposto como o que serve para ser referido simultaneamente ao homem/mulher, o feminino, nessa lógica é impotente e inútil. Há então, a dominância do masculino dentro do nosso vocabulário, dentro da nossa língua.

Quando o/a/e usuárie “b” traz para o debate a história do latim na língua como uma forma de afirmar e argumentar que a LP não é machista, ela reitera sem perceber o machismo aí residindo e definindo que na junção do neutro com o masculino a mulheres devem se sentir inclusas, pergunto: Como se estamos invisibilizadas e a primazia é do masculino? Há algumas indagações e inquietudes que aqui precisam ser exploradas. No caso da morfologia, é possível analisar o seguinte:

Na morfologia nominal do Latim havia três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro. Para diferenciá-los, podemos destacar que o feminino e o masculino eram usados para designar pessoas e objetos animados, enquanto o neutro, que ocupava a posição mais frágil, era usado para denominar seres inanimados (LUCCHESI, 2000, p. 164, apud PACHECO 2010, p. 36).

Nesse aspecto de fragilidade que existia no terceiro gênero no Latim, ocasionou em seu total desaparecimento no português brasileiro (PB). Fazendo com que, como nos traz o/a/e usuárie “b” “[...] o gênero neutro em língua portuguesa foi absorvido pelo masculino”. E isso, ainda, reflete a supressão de um gênero que seja neutro e não um masculino genérico na LP que destoa para um sexismo linguístico e uma discriminação. Vem nascendo então comunidades de falantes e escreventes que fazem uso de outras formas que transcendem o masculino como gênero neutro. Fiorin rebate isso explicitamente:

Em português, os seres são classificados em masculinos ou femininos. O genérico é expresso obrigatoriamente pelo masculino. Não posso expressá-lo pelo feminino nem tenho uma categoria genérica distinta do masculino. Homem é “ser humano do sexo masculino” e também “ser humano em geral”, enquanto mulher é apenas “ser humano do sexo feminino”.(FIORIN, 2009, p. 151)

A linguagem neutra se apresenta no contexto dessa lógica para romper com essa dominância e com as categorizações hegemônicas (homem/mulher). É possível perceber na citação a seguir.

A linguagem neutra visa se comunicar de maneira a não demarcar gênero no discurso linguístico, a fim de incluir todos os indivíduos. Aplica-se a pessoas não-binárias, bebês intersexo, ao nos referirmos a um grupo de pessoas com mais de um gênero ou quando não sabemos quais pronomes usar com determinada(s) pessoa(s). Por isso, se você sabe que os pronomes de tal pessoa são femininos, por exemplo, não precisa usar linguagem neutra para se referir a ela. Desde que nascemos estamos imersos a uma língua/linguagem binária (homem/mulher, ele/ela), é assim que aprendemos a nos comunicar, logo, não será “simples” se acostumar com a linguagem neutra, é necessário treino e reconhecer que o erro faz parte do processo de aprendizagem, então com o tempo se torna natural falar e escrever de forma neutra. (CAÊ, Gioni. 2020, p.6)

A LN foge de uma normalização e dos sistemas disciplinares. Operando contra comportamentos sociais de ordenamento. É uma realidade que quebra com os operadores de organização disciplinar que criaram raízes durante o século XVIII (censuras, recompensas, hierarquias, unificação, homogeneização) e que em dias atuais ainda se fazem presente. Não é fácil romper. Embora advuguemos, como já explicitado que linguagem neutra não revela a potencialidade de novas gramáticas inclusivas, por ser elas vivas, marcadas pela intencionalidade, posição discursiva e não neutralidade, que transcende ao que foi cunhado como “linguagem neutra”, haja vista não existir neutralidade na linguagem nem nos sujeitos como produtores de linguagens.

Em seguida, como amparo de análise crítica e agenciamento político tive que me desdobrar em uma descontinuidade e subjetivação para es/as/os usuáries “c”, “d” e “e”. Para um olhar mais devagar, pausado, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção [...] (LARROSA, 2002).

Quadro 6 - Transcrição da fala de usuárie “c”, “d” e “e”

[...] Os cara quer **usar pronome neutro até em time cara**, até onde vai a loucura da esquerda, dessa galera. Vocês vivem onde, cara? Eu acho que eles **vivem dentro do arco-íris**, dentro do guarda-roupa do Nárnia, trancados com eles mesmos. (*Ipsis litteris*)

[...] Eu não posso usar o pronome neutro, uma coisa não existe, não tem base. Estão querendo mudar o português, comum a coisa que já existe. Para que criar outra coisa, dificultar. Isso não existe, coloca na sua cabeça. (*Ipsis litteris*)

[...] Tudo que **esses caras querem fazer mais uma vez, é tentar modificar a língua portuguesa**. Tentar modificar as coisas que já são concretas, que já existem. Sabe, eles querem modificar tudo. E assim, numa boa, se você quer mudar algo, que seja para melhor. Mas isso aqui, não tem outra palavra a não ser retarda disse. (*ipsis litteris*)

[...] Na verdade, isso é mais uma forma de eles ficarem desconstruindo, inclusive, a nossa língua. Daqui a pouco, **a nossa língua tá desconstruída, a nossa cultura**, o nosso povo em si, os nossos símbolos tá tudo destruído e **uma sociedade que tá toda desconstruída**, obviamente, não tem nada construída. Ou seja, a gente não é nada. (Usuárie “c”, 2020) (*Ipsis litteris*)

[...] O termo “**neutro**” é um termo delicado né gente. A expressão “**linguagem neutra**”, ela não é a mais adequada ao meu ver. Propor uma adaptação na linguagem não é propor uma suposta neutralidade. **Não existe neutralidade. Nem na língua, nem no indivíduo**. Ao usar o pronome “**elu**”, nós estamos sim assumindo uma posição, que é a de **recusa do atual sistema binário de gênero** que também se expressa na língua e todas as demais ramificações disso. Mas, é mais que isso. Quando a gente pensa em incluir professorie, não há uma tentativa de eliminar o masculino e feminino da gramática. O que está sendo feito na verdade, é propor uma forma efetiva, não marcada de gênero e sexo para as pessoas. E essa não marcação servirá em diversas situações, em que de fato, o sexo barra o gênero da pessoa não é importante. E aí, eventualmente, ela servirá também para pessoas não binárias. (Usuárie “d”, 2021) (*Ipsis litteris*)

[...] Realmente **a língua é viva**. Falamos hoje “**você**” em vez de “**vossa mercê**”. Isso é uma mudança, isso é uma evolução. Sim, só que isso ocorreu de forma natural. Ao contrário da linguagem não binária, que é uma imposição. Ou você acha que alguém saiu por aí, dizendo: “**vamos falar você**”, “**basta, não queremos mais vossa mercê, queremos você**”. Não. Ninguém fez isso. Por quê? Porque as mudanças devem ser naturais. Então quando dizemos que uma língua é viva, nós nos pautamos na naturalidade da mudança, **não na imposição**.

[...] A linguagem não binária nasceu justamente onde, meu bem? **No contexto universitário**. Entre pessoas ligadas ao politicamente correto e as militâncias. E aí, para sair das universidades, passar para os artistas e para as empresas é um pulo. Afinal de contas, estamos vivendo na era “**politicamente correta**” mais incorreta que já tivemos. (Usuárie “e”, 2020) (*Ipsis litteris*)

Fonte: Youtube, 2020/2021.

Ao cartografar nas redes, percebo uma relação com a *ubiquidade* de maneira potencializada. Segundo Lemos (2004), a ubiquidade refere-se à presença constante e generalizada das tecnologias digitais em nosso cotidiano, permeando diversos aspectos da vida social, cultural e individual. Ele destaca que as tecnologias digitais, como dispositivos móveis, sensores e redes sem fio, estão cada vez mais presentes em nossos ambientes, tornando-se uma extensão de nossos corpos e espaços. As narrativas no *Youtube* e *Twitter* são essas extensões.

A ubiquidade redefine nossas interações com o mundo, criando uma conectividade e uma interação constantes. Estamos sempre conectados, acessando informações, trocando mensagens, compartilhando conteúdo e interagindo com outras pessoas em tempo real, independentemente de nossa localização geográfica.

Esse novo contexto de ubiquidade traz transformações significativas nas dinâmicas sociais, nas práticas culturais e na forma como nos relacionamos com a informação e o conhecimento. A ubiquidade afeta a esfera pública, a privacidade, a mobilidade, o consumo de mídia e a produção cultural.

Os impactos da ubiquidade estão na constituição de subjetividades e as tecnologias digitais nos permitem experimentar diferentes papéis, construir narrativas pessoais e participar de comunidades virtuais em constante interação. Para André Lemos (2004) a ubiquidade é uma característica marcante da sociedade contemporânea, resultado do avanço das tecnologias digitais. Seus estudos destacam como a ubiquidade redefine nossas interações sociais, nossa relação com a informação e o conhecimento, além de apontar para os desafios e oportunidades relacionados à inclusão digital e às desigualdades digitais. Esses usuários acabam sendo uma organização de uma comunidade virtual que trazem para a centralidade suas vontades e posicionalidades.

Retomando ao quadro 6 e aos posicionamentos, em um conceito preliminar do que seria de fato a linguagem, apresenta-se referências de sistema, comunicação e língua como requisitos necessários. E dentro desse processo linguístico, há a existência de funções relevantes na comunicação, sendo-os a função referencial, a expressiva, a conativa, a fática, a metalinguística, e por fim a poética. Mas, o que aqui se interessa estudar não é a abordagem da comunicação, particularmente, é que a linguagem está vinculada ao discurso, ou seja, a língua numa abordagem discursiva. Os/as/esusuários “c”, “d” e “e” trazem a natureza intrinsecamente política da linguagem e de suas manifestações.

A língua desenvolve-se historicamente e, uma vez constituída, impõe aos falantes uma maneira de organizar o mundo. (FIORIN, 2009). Muito se fala em construções naturais. Mas, o que é o natural? O que se constrói naturalmente? Isso vem sendo uma grande problemática. A língua não é natural, se pensarmos nela em seu mote social, é uma forma de utilização para que possamos nos organizar em um convívio social. Então, quando a/e/o usuário “e” apresenta a mudança do termo “você” como um resultado de um processo natural, há alguns apontamentos/questionamentos que faço a seguir:

1) Historicamente, o termo Vossa Mercê era utilizado exclusivamente como um vocativo para o rei e a rainha de Portugal na época do imperialismo. Mas, por influências sociais da sociedade, das experiências da comunidade, das crenças e estruturas sociais, o “Vossa Mercê” teve seu declínio para o uso em outras camadas sociais, especialmente, as mais baixas.

2) Cintra (1972, p. 25-36) faz a análise da ocorrência de Vossa Mercê:

A fórmula Vossa Mercê, inicialmente aplicada ao rei e à rainha, foi posteriormente destronada desse cargo – no qual foi substituída por, sucessivamente, Vossa Alteza e Vossa Majestade. O honorífico decadente passou a ser aplicado à nobreza, depois à burguesia, e continuou a descer na escala social, circulando em variantes morfológicas tais como vossancê e você, a última emergindo no século XVII, e chegou, principalmente em Portugal, ao extremo de ser percebido como ofensivo em certas camadas da população.

3) As transformações de uma língua são dadas pelo povo que a fala. Será que essa transformação é puramente natural como nos diz a/e/o usuárie “e” ou foi ocorrendo propositalmente através das mudanças de um meio, de sujeitos para sujeitos?

4) Como nos diz Barthes, há a possibilidade de “trapacear a língua”. A mudança de uma língua é trapaceada por quem fala, oraliza, e recria suas variações linguísticas. A maneira natural dessa mudança não se interpela. O que se interpela, propositalmente, é gerado pelos acordes geográficos de uma sociedade, pelas classes sociais, faixa etária, pelas novas formas de habitar o espaço que vem surgindo de pessoa para pessoa (e aqui vai movendo novas comunicações de um gênero neutro) de/para um povo. A mudança de uma língua surge pelo que é posto a cada indivíduo em um aspecto relacional, dentro de um contexto-dependente. E isso faz com que deixe de existir por si só uma ocorrência natural de transformação linguística.

Nessa possibilidade de trapacear a linguagem, a língua e o discurso tomo de assalto agora às palavras de/do/da usuárie “c”: “Eu não posso usar o pronome neutro, uma coisa não existe, não tem base. Estão querendo mudar o português, com uma coisa que já existe. Para que criar outra coisa, dificultar. Isso não existe, coloca na sua cabeça” e mais [...] “Os cara quer usar pronome neutro até em time cara, até onde vai a loucura da esquerda, dessa galera. Vocês vivem onde, cara? Eu acho que eles vivem dentro do arco-íris, dentro do guarda-roupa do Nárnia, trancados com eles mesmos.” Com essa fala desse usuárie “c” permito trazer em cena a transcrição da fala de usuárie “j”.

Quadro 7 - Transcrição da fala de usuárie “f”

[...] O que eu acho a respeito dessa discussão toda sobre a linguagem neutra é que ela está muito mais relacionada a **fatores ideológicos do que a uma preocupação de fato com a língua. Quem tem medo que a linguagem neutra invada as instituições de ensino, invada as escolas, as universidades, demonstram um desconhecimento a respeito do funcionamento das instituições de ensino e da seriedade com que nós, professores de língua portuguesa, tratamos o ensino da língua portuguesa.** Para fazer este vídeo, eu procurei entender algo crucial para mim. Quem quer impor a linguagem neutra nas escolas? Porque o que eu encontrei, foram vários documentos, vários projetos de lei tentando impedir a utilização da linguagem neutra, tentando proibir a utilização da linguagem neutra e sempre com uma estrutura com um de sujeito indeterminado. “Querem impor, querem ensinar pros nossos filhos, querem não sei o quê.” Mas a gente não sabe quem é o sujeito, quem quer. Eu não encontrei nenhum documento, nenhuma proposta de lei tentando impor o ensino da linguagem neutra nas escolas, não encontrei. Se vocês tiverem, por favor, me mandem. Eu **sempre encontrei a tentativa de barrar a linguagem neutra.** Então, o que me parece que é tudo isso, me parece que é um delírio assim, um terrorismo. As pessoas estão fazendo um terrorismo a respeito da linguagem neutra, uma tempestade, como se estivessem lutando contra um inimigo. Mas esse inimigo é imaginário. Se a língua se desenvolve naturalmente, é um processo natural e esse é um argumento dos que são contra sim, muito contra a linguagem neutra, não deve ser uma preocupação né, porque se não vai desenvolver naturalmente, se a linguagem neutra não vai pegar. Porque tantos projetos de lei, tentando proibir o uso da linguagem neutra? (Usuária “f”, 2021) (*Ipsis litteris*)

Fonte: Youtube, 2021.

Tem uma certa história sobre os sérvios croatas do escritor e radialista Michael Ignatieff (1994) em que, trarei-a como blocos. Fazendo dessa história como rastros cartográficos para um possível encontro com os posicionamentos dos/das/de usuáries “c”, “f” e “g”.

bloco: a divisão e os símbolos discursivos

São quatro horas da manhã. Estou no posto de comando da milícia sérvia local, em uma casa de fazenda abandonada, a 250 metros da linha de frente croata... não na Bósnia, mas nas zonas de guerra da Croácia central. O mundo não está mais olhando, mas toda noite as milícias croatas e servas trocam tiros e, às vezes, pesados ataques de bazuca. Esta é uma guerra de cidade pequena. Todo mundo conhece todo mundo: eles foram, todos, à escola juntos; antes da guerra, alguns deles trabalhavam na mesma oficina: namoravam as mesmas garotas. Toda noite, eles se comunicam pelo rádio “faixa do cidadão” e trocam insultos - tratando-se por seus respectivos nomes. Depois saem dali para tentar se matar uns aos outros. Estou falando com soldados sérvios - reservistas cansados, de meia-idade, que preferiam estar em casa, na cama. Estou tentando compreender por que vizinhos começam a se matar uns aos outros. Digo, primeiramente, que não consigo distinguir entre sérvios e croatas. “O que faz vocês pensarem que são diferentes?” O homem com quem estou falando pega um maço de cigarros do bolso de sua jaqueta aqui. “Vê isto? São cigarros sérvios. Do outro lado, eles fumam cigarros croatas.” “Mas eles são, ambos, cigarros, certo?” 7 “Vocês estrangeiros não entendem nada” - ele dá de ombros e começa a limpar a metralhadora Zastovo. (IGNATIEFF, 1994, p 1-2).

Estamos dentro dessa história, falando de um mesmo povo. Mas, ao mesmo tempo, falando de povos diferentes e que sentem a necessidade de marcar isso. A nossa sociedade brasileira sente a necessidade de marcar (esquerda barra direita) politicamente. Porque estou trazendo isso? Há um certo propósito nessa busca de entender o/a/e usuárie “c”, vejo que há um enquadramento ideológico e político existente e persistente que ronda sobre a linguagem neutra no Brasil.

Quando o/a/e usuárie “c” nos diz: “Os cara quer usar pronome neutro até em time cara, até onde vai a loucura da esquerda, dessa galera [...]”, ele assume uma posição. Assume uma

individualidade, uma diferença. E vai se constituindo através do outro. Isso é uma criação linguística. Quando alguém fala: “eu sou brasileiro/a/e”, automaticamente e implicitamente está afirmando que não é outra coisa, outra nacionalidade. Os nossos atos de fala e os sistemas de significação são os produtos que instituem as nossas performatividades.

Os embates de narrativas sobre a NI é uma divisão e, em muitos casos, ideológica e política. Assim como a história aqui exposta, os sérvios e croatas em sua zona de guerra, em uma necessidade de expor a nacionalidade através do outro: “ser um sérvio é ser um não croata” e vice-versa. Os agenciamentos de discursos vão construindo uma operação de incluir e excluir. Em uma dicotomia do “o que se é” para “o que não se é”. Há uma linha de demarcação. É um agenciamento de demarcação e classificação hierárquica. Os sistemas simbólicos hierarquizam as diferenças que estão postas. E isso tem acontecido, em uma certa frequência, com a LN. Em uma construção discursiva e simbólica.

Quando o posicionamento do/da/de usuárie “c” é colocado em evidência, percebemos uma necessidade de manutenção da ordem social, fazendo da LP um instrumento de disciplina, almejando a “normalização” da língua. Contudo, (MENEZES, 2008, p. 30) a normalização, núcleo deste mecanismo, “fábrica os indivíduos”, fixando-os no aparelho de produção e de controle da sua própria existência [...]. E, nesse campo, se percebe um certo adestramento sociolinguístico. Em uma rede histórica, a língua é vista como uma máquina do poder. Quando se tem uma divisão, segregação de/para/sobre uma linguagem por pessoas, percebemos relações de vida e poder.

E, a/e/o usuárie “f” tensiona isso de forma clara quando diz: [...] “O que eu acho a respeito dessa discussão toda sobre a linguagem neutra é que ela está muito mais relacionada a fatores ideológicos do que a uma preocupação de fato com a língua.” O que tem sido amparado desde o ano de 2018, é uma luta política para barrar a entrada de uma linguagem na teia social. E isso é visto, explicitamente, no bloco seguinte: *Quem tem medo da linguagem neutra?*

bloco: quem tem medo da Neolinguagem Inclusiva?

Mas a pergunta que eu fiz incomoda-o, de forma que, alguns minutos mais tarde, ele joga a arma no banco ao lado e diz: “Olha, a coisa é assim. Aqueles croatas pensam que são melhores que nós. Eles pensam que são europeus finos e tudo o mais. Vou lhe dizer uma coisa. Somos todos lixo dos Bálcãs” (IGNATIEFF, 1994: 1-2).

A/o/e usuárie “f” traz uma interrogação necessária: “Quem quer impor a linguagem neutra nas escolas?” E, acrescento: a quem interessa que ela não seja adotada na educação? Em

sua fala ainda é questionado o porquê de haver tantos documentos e projetos de lei que impedem a utilização de uma linguagem nas instituições de ensino. Qual o intuito de barrar algo que ainda está se construindo? *Quem tem medo da linguagem neutra?*

Essa linguagem, que aqui está sendo vista como alternativa se torna uma difusora para entender algumas marcas de resistência às mudanças no ensino da Língua Portuguesa. É uma linguagem que mobiliza questões de gênero, sexualidades e educação. Essa tríade quebra com a expectativa de ambientes escolares discretos e com falsos ordenamentos. E, em um aspecto histórico e cultural, a sexualidade é sempre um mecanismo silenciado, nesse sentido, a linguagem dentro dessa categoria passa a ser desconsiderada.

Nesse bloco “Quem tem medo da linguagem neutra?” Há muitas questões que atravessam. Começarei com uma discussão levantada pela/o/e usuárie “f”. Ideologia, política, e moral, como no geral dos depoimentos são reiterados: moralismo, preconceito linguístico, social, de gênero, sexualidade, microfascismos. Resgatando FOUCAULT (1985) “[...] onde há poder, há resistência”. Nesse entrelaço com as interdições, a censura, as correlações de forças são acionadas para barrar os avanços da LN nas instituições de ensino. A política serve para outras coisas: estabelecer campos de força, disputas simbólicas, batalhas pela lei, mas não para fundar a liberdade. Assim é que encontramos na política tantos homens e mulheres que não são livres. (FILHO, 2008, p. 13). A liberdade dentro da política é ilusória. Usufruirmos dos aspectos políticos para estabelecermos nossos jogos de interesse. É uma linha de poder que faz parte da sociedade. Pois,

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (FOUCAULT, 1979, p.12)

A sociedade em si busca uma segregação em estratos. Mas, não impede que o estado seja cada vez mais centralizado e funcione como um hierarquizador dos centros de poder. (GIVIGI, 2017). Os conceitos de como viver em instâncias políticas, econômicas, sociais, familiares, religiosas e trabalhistas recai pelo Estado, como um dispositivo que ancora discursos detentores de uma certa centralização que impõe marcas de classificações e construções de significados morais e éticos de razões e verdades sobre/para sujeitos.

Nessa atmosfera de “*quem tem medo da linguagem neutra?*”, temos uma ideologia dominante diante de um discurso que vem construindo-se, partilhado e exteriorizado em uma camuflagem disciplinar política e por uma manutenção das vivências sociais e suas regularidades. Tenho uma certa aproximação com o Vygotsky traz em detrimento a função de um contrato social que é desempenhada pela palavra, que, simultaneamente reverbera o comportamento social e da consciência de cada um/a/une. As performatividades e suas subjetivações vão se relacionando/produzindo/construindo através da palavra, do discurso do/da/de outro/a/e de maneira orgânica.

Vygotsky sobre a função de contato social desempenhada pela palavra, que é, ao mesmo tempo, constituinte do comportamento social e da consciência. A identidade pessoal é construída na relação com o outro. Assim, o ser humano social se constrói pela palavra, pelo discurso dos outros. Ele constrói sua subjetividade a partir do que lhe é dito em suas relações. É a distinção orgânica que define a diferença entre o masculino e o feminino. Mas essa distinção se completa num sistema de relações sociais, dentro de contextos históricos, tendo como elemento fundamental a palavra, pois tudo o que é dito inscreve-se no sujeito.

Viver uma política geral da verdade é captar os mecanismos e dispositivos que adestram os corpos, as vontades, a sujeição. Ao me territorializar na cibercultura, especificamente, no *Youtube*, *identifico* que, muito se tem importado corpos que se comunicam por uma liberdade fantasiada. Há corpos-domesticados pelo que é “verdadeiro”, a “verdade”. A LN, nessa ótica, é sancionada como uma alegoria. É um simulacro para esses corpos. Para eles/elus/elas não é capaz de produzir sentidos reais. Assim como usuárie “g” se posiciona a seguir.

Quadro 8 - Transcrição da fala de usuária “g”

[...] Linguagem neutra que antes estava sendo usada, principalmente, no gueto e entre as pessoas que eram não-binárias, homossexuais, enfim. Passou a ser **usada nos eventos, agora estão querendo usar dentro das escolas**. Aliás, já estão usando nas escolas, em comunicados com os alunos dentro de sala de aula, temos aqui vídeos, *prints* de professores se dirigindo aos alunos “a todes” etc e tal. E vai ser usada em uma novela da globo e a gente **vê assim um total desprezo para nossa cultura, pelo nosso patrimônio cultural** que é a nossa língua portuguesa, né?. E **não dá para levar muito a sério essa questão da linguagem não binária** ou linguagem neutra não, gente. Porém, o que parecia ser uma brincadeira, o negócio tá ficando muito sério né. E a gente não pode brincar com isso, porque está se tornando **uma verdadeira ameaça**, que não tem nada de divertido. Os progressistas estão indo longe demais. Vivemos em um país onde a maioria das pessoas são semianalfabetas e ao invés deles tentarem melhorar essa situação, eles estão tentando piorar cada vez mais. Por quê? Para os progressistas, para os esquerdistas, comunistas, quanto mais pessoas ignorantes, burras, que não sabem ler, escrever, ouvir né, é bem melhor. Porque é muito mais fácil de manipular. Então, é, a gente tem que barrar essa situação. (Ipsis litteris)

[...] Eu acho de uma fantasia muito grande, usurpação, de um autoritarismo, de uma soberba e arrogância muito grande das pessoas quererem né, essa minoria de pessoas, querem ditar como as pessoas serão chamadas, como as pessoas vão aprender. Por isso que **nós estamos aí, é, tentando fazer com que seja proibida a linguagem neutra nas escolas**. (Usuária “g”, 2021) (Ipsis litteris)

Fonte: Youtube, 2020.

Permito-me nessa trilha, fazer uma relação com o texto *Cartografia das produções sobre profissão docente em contextos de diversidade na Bahia* (2021), pois muito se relacionado à minha experiência com o estudo ao gênero neutro na LP. O texto teórico citado é uma produção contemporânea que afirma a necessidade de inclusão e discussões sobre as políticas de diversidade em contextos educacionais.

Ao fazerem uma cartografia de 2007 até 2018 das contribuições de produções científicas sobre Diversidade e Educação na Profissão Docente, as autoras/ autor, colocam em cena, a valorização e centralidade de discursos e efeitos de verdades obre a diversidade cultural. E, em como a transversalidade/dimensões (raça/etnia, gênero/sexualidade, identidade, geração, inclusão) perpassam nesses estudos científicos.

O texto traz qual a filiação teórica ocupada pelos autoras e autor na ordem do discurso quanto ao conceito da Diversidade, considerando que o referido conceito acaba provocando polissemia, ou seja, outras projeções de significados e sentidos. Esse aspecto polissêmico pode ser explicado, conforme os diversos agenciamentos (subjetividades, fatores históricos, culturais, sociais, hierárquicos). Porém, se faz necessário compreender essa discussão da Diversidade para além da tolerância, principalmente, em uma política pedagógica. Como é possível compreender nas citações abaixo:

A diversidade biológica pode ser um produto da natureza; o mesmo não se pode dizer da diversidade cultural. A diversidade cultural não é, nunca, um ponto de origem: ela é, em vez disso, o ponto final de um processo conduzido por operações de diferenciação. Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu

centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las. (SILVA, T. da., 2000).

A diversidade não é tomada como um conjunto segregado das diferenças com vistas apenas ao reconhecimento das mesmas. Estas são concebidas como elementos que marcam a complexidade dos seres em seus modos identitários no plural, por apresentar processos e expressões diversos de marcadores sociais de raça, gênero, cultural, religiosa, classe, sexualidade, deficiências, entre outras. (SILVA, A. L. G.; RIOS, N. A.; DA SILVA, F. O, 2019, p. 327)

Entre as contribuições ao debate, está o desdobramento da relação de como o ambiente escolar é capaz de naturalizar, ainda, a diferença e as identidades. Vem afirmar que, por mais que haja debates sobre o reconhecimento do multiculturalismo e, a escola seja vista como um espaço de “interação e acolhida do outro”, ainda não supre, a grande problemática dessa esfera: a falta de compreensão social, cultural, política, identitária, que envolve a complexidade da diversidade.

O que faz, por si só, caracterizar e validar a importância da cartografia das produções científicas. Produções essas, que fazem nascer a disseminação de estudos, intervenções, questionamentos e novas descobertas para o contexto da Profissão Docente e suas práticas em instituições de ensino. Essa referência teórica, tensiona a compreensão para a necessidade da importância desses temas produtores e propositores das diferenças, que são transversais e geram a desacomodação no ambiente escolar.

Falar em sexualidades é sempre um rompimento com as relações de poder. Cabe aqui inserir Foucault (1977) para dizer que o sexo e o poder é uma via de mão dupla. Se entendermos os mecanismos (A relação negativa; A instância da regra; O ciclo da interdição; A lógica da censura; A unidade do dispositivo. Essas cinco configurações que Foucault faz em detrimento do dual: sexo e poder. Para concluir que o poder é uma forma de instância (lei) que nega, proíbe, oculta, marginaliza, coage, limita o sexo e o sujeitado que dele faz uso) aderidos pelo teórico citado em detrimento à sexualidade, entendemos que o apossamento do sexo é algo conflituoso. Em um meio social enriquecido pelas normas e modelos de conduta e de ação, sair da construção binária da sexualidade como algo entre os sexos (masculino e feminino) e se permitir pensar além da predeterminação existente de uma língua, especificamente a LP ainda padronizada pelo masculino é transgressor.

Preciado (2002) aponta que ao romper com esses modelos universalistas, reconhecemos que existe uma multiplicidade de diferenças.

[...]Opõe-se às políticas republicanas universalistas que concedem o “reconhecimento” e impõem a “integração” das “diferenças” no seio da República. Não existe diferença

sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida.”(PRECIADO, 2002, p.18)

Logo, é um caminho reconhecer dentro da nossa LP que essas diferenças devem ser anunciadas, afirmadas e apropriadas por aqueles que lutam para serem reconhecidas/as/os diante de uma sociedade que anuncia o igualitarismo, mas, que na verdade é categórica e desigual. Quando alguém utiliza um pronome que não demarca o gênero no discurso linguístico está promovendo uma fissura com as normas gramaticais e superando a lógica da LP como sexista e afirmando que a língua é viva, mutável e que anuncia politicamente sua posição de sujeito, de seu interesse e da sua disputa simbólica, gerando assim, uma potência de vida.

TEIA CARANGUEJEIRA – PRODUÇÃO DE FIANDEIRAS

Nesta teia, destaco algumas linhas metodológicas dessa pesquisa já tecidas ao longo do texto sem fixar num capítulo metodológico, mas sim, fazer emergir aqui, para dar relevo a esta busca de modos-pensantes e de agir através dos experimentos, nesta cartografia que é infixa e que possibilita tessituras orgânicas de corpos e lugares. Esse capítulo, em sua conjuntura, é composto por três fios e que seguem narrativas-afetivas, bifurcações, assimetrias, terrenos em suas defasagens, harmonias e desencontros. Ampliando assim, experiências cartográficas de uma neolinguagem numa imersão que se abre para os aspectos metodológicos e éticos deste trabalho, tecidos ao longo de sua feitura, ou seja, em processo.

Nesse processo de experimentar o método cartográfico e não falar apenas sobre ele, faço uma experimentação ancorada no real e na vida no tópico *Fiandeira I - Experimento do método cartográfico: (des)locamentos de uma imersão*. Imersão essa, que se movimenta diante de uma cartografia-corpo que emerge formas, posições, dizeres e forças de estudantes e professoras dentro de um âmbito escolar, em um diálogo sobre a Neolinguagem e os seus embates. Nessa travessia e nesse trabalho, adoto a cartografia como método, episteme e procedimento de análise, apresentando a minha filiação teórico-epistêmica na ordem do discurso, ou seja, a minha posicionalidade.

No tópico *Fiandeira II - Notas sobre a dimensão ética em uma pesquisa cartográfica* apresento as tramas éticas de uma pesquisa-intervenção, dialogando com os processos e riscos das subjetividades que fazem parte da minha pesquisa, abrindo o espaço para o cuidado com o outro e para o outro. Na constatação da ética, trago notas que agencia e interroga o meu saber-fazer no campo da prática e na relação com os/as/es participantes. Já que, [...] cartografar é intervir – percorrer a vida entre-mundos e por eles ser afetado, assim que afe-tá-los. (POCAHY, Fernando; SILVA, Ana Lúcia Gomes da. DOURADO, Emanuela. 2020).

Ao adentrar o tópico *Fiandeira III - Teias-cast: proliferação final de aracnídeas e a cartografia das conexões e desejos*, deixo/monto alguns fios-pegadas dos aspectos de subjetivação da pesquisa e sua intervenção, elencando o paradigma pós-crítica pós-estruturalista que acompanham essa rede de cartografias. E, embarcando considerações sobre/para o lócus escolhido e a afetação-relação com/para os sujeitos que serão envolvidos/as/es nas *Teias-Cast*. Pois, para (POCAHY, Fernando. SILVA, Ana Lúcia Gomes da. DOURADO, Emanuela. 2020) estamos ao mesmo tempo produzindo novos planos de experimentação da vida; ou, minimamente, agenciando algum efeito na relação com os sujeitos

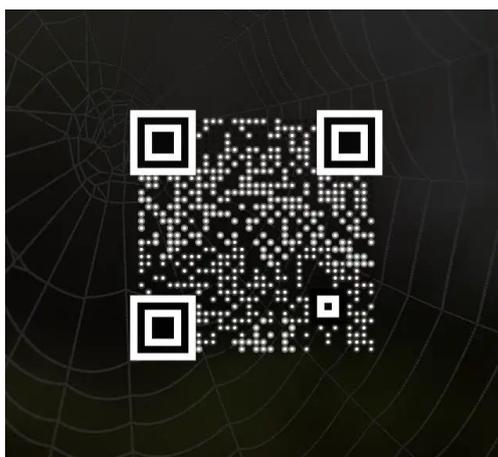
e comunidades com quem entabulamos alguma conversa interessada, seja na direção dos efeitos que um determinado objeto ou relação social produz sobre nós mesmos/as, modificando-nos.

FIANDEIRA I - EXPERIMENTO DO MÉTODO CARTOGRÁFICO: (DES)LOCAMENTOS DE UMA IMERSÃO

fio-rizoma *Desejo criar um mapa. Não, desejo criar uma cartografia de desejos. Pois o mapa é estático, marcado, incorruptível. Já a cartografia é mutante e é desenhada ao mesmo tempo que os desejos. Não cabe a ela os desejos que já não vibram.. Me considero apta a fazer uma antropofagia do que me ilumina. Nada obsoleto cabe mais.*

(TESKE, Sílvia. 2018, p. 1)

Essa Fiandeira I está apenas uma síntese. Os resultados na íntegra desta experiência de aproximação de campo, encontra-se no *Qr Code* a seguir , no texto da qualificação.



O termo para esse experimento, na época, adotado pela pesquisadora e pelos colaboradores/as/ies da pesquisa foi “Linguagem Neutra”. Termo que em 2023 e nessa pesquisa, ficou em desuso. Porém, a construção dessa imersão possibilitou descobertas importantes para a pesquisa. Como se compreende o método cartográfico? Compreendi algumas das suas nuances pelo próprio ato de ex-perien-ciar. E aqui deposito a minha primeira experiência ao realizar a discussão e algumas narrativas sobre a LN para estudantes, professoras e gestão em uma instituição de ensino pública. Como traz Teske em seu poema, essa experiência é uma cartografia de desejos, um desejo que surgiu no ano de 2019 , através do meu estudante. Esse tópico que narro a seguir, é resultado da experiência realizada em 2021 no colégio estadual

de Jacobina que apenas sintetizo aqui, porque já foi apresentado completo no texto de qualificação.

fio-rizoma

Vou desenhar os afetos que me tornam rica, intensa...devoradora de sonhos. Em meu caminho abro meus olhos para o que me move. Não tenho um endereço marcado, um lugar estipulado para a chegada. Antes, me interessa o trânsito, mesmo que transitório. Como o desenho, essa linha, que ao mesmo tempo que marca, é volátil. Ferve de possibilidades e estéticas inenarráveis. Quero estratégias múltiplas, onde a sensibilidade não seja um desconforto, mas torne-se a abolição dos fantasmas. (TESKE, Silvia , 2018)

“Em meu caminho abro meus olhos para o que me move”. Fui movida e fui movendo-me com o plano de ação criado previamente, tive toda uma organização estratégica do que levar, como levar e em como poderíamos abordar, tateei assim, os meus engatilhados iniciais.

Os experimentos cartográficos na cibercultura, especificamente, *Youtube* e *Twitter* foram os dispositivos em que me debrucei, analisando múltiplos posicionamentos. E foram uma âncora para essa imersão. Pois, levei algumas das narrativas para o encontro. Como procedimento de análise dos dados para essa experiência, repousei-me sobre a cartografia [...]a cartografia, dessa forma, não só como um método, mas também como um modo pelo qual nos subjetivamos, como sendo constituinte de nossos modos de estar em agenciamento com o mundo. (Albuquerque, A. S., Hennigen, I.,& Fonseca, T. M. G. (2018, p. 3).

Pensando essa imersão-cartográfica como um mapa, ele “[...] é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, traz modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.30). Buscando reflexões e modos de dizer sobre o campo institucional da educação através de corpos-territórios, criando/inventando assim, forças-devires que correm para fora do senso comum, através de uma política menor que hibridiza e que corre de encontro para uma heterogênes¹⁷.

O habitar um terreno desconhecido é um deslocar-se da comodidade. Houve desacomodação. E, com ela, fui criando as linhas da imersão, com o cuidado e acolhida ao outro/a/e e com o/a/e outro/a/e. Tomei como premissa que estaríamos fazendo uma pesquisa-conjunta com pessoas menores de idade. E que estaria levando discussões sobre gênero e sexualidades. Não poderia deixar de ter um olhar atento a toda dimensão ética que envolve as pesquisas.

¹⁷A heterogênes¹⁷ é um processo de criação coletiva diante da diversidade. Hetero: diversidade, gênese: criação.

Cheguei à imersão em um cenário da hiperconectividade, através da imersão híbrida nas conexões do *Google Meet*. Os/as/es participantes que eram estudantes não abriram as câmeras. Não houve contato visual. Mas, houve verbal. Como nos diz Albuquerque, A. S., Hennigen, I., & Fonseca, T. M. G. (2018) o pequeno corpo humano, aumentado agora por seus acoplamentos cibernéticos, carrega consigo as possibilidades do mundo-cidade, percorre trajetos de olhos fixos no cursor de uma tela [...]. E dentro desse mundo-cidade, houve um mundo de pistas que ajudaram na minha pesquisa nesse manejo de montar e desmontar, como bifurcações o dispositivo de construção de dados *Roda de conversa* e o *diário de bordo*.

O diário de bordo permitindo assim, um (des)guia à pesquisa Albuquerque, A. S., Hennigen, I., & Fonseca, T. M. G. (2018)[...] “como os viajantes com seus diários de bordo, o cartógrafo traça o seu percurso no movimento em que ele acontece, produzindo um registro que servirá não como roteiro pronto a ser seguido, como o das metodologias do tipo decalque, mas como inspiração para novas viagens singulares.” E o dispositivo *Roda de conversa* como uma oportunidade territorial de troca de experiências de formação e auto formação, gerando caminhos e (des)caminhos na construção de opiniões diante das interferências sociais que compõe a roda. Já que, [...] o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. (MOURA; LIMA. 2014, p. 25).

O evento foi construído como em um diálogo aberto. Tive um momento específico de fala para a pesquisa. Nessa entrada, experimentei o “apresentar” meu tema de estudo. Mas, antes de abrir e apresentar-lhes, acabei interrogando-os com a seguinte questão disparadora: *Você já ouviu falar sobre a LN?*” *Se sim, escreva no chat qual foi sua primeira impressão.* Abro a seguir um fio.

fio-rizoma-narrativa-chat

A primeira vez que me foi apresentado essa ideia de Linguagem Neutra, foi navegando pelo Instagram, acabei parando em uma postagem de uma conta cujo a ideia é salientar as pessoas da própria comunidade Lgbtqia+. No post veio explicado que os pronomes neutros servem como uma forma de se expressar com pessoas que se identificam não binários e etc, para manter o respeito (e evitar preconceitos no sentido literal da palavra).

(Tarântula, 2021)

Tarântula me aponta para uma pista que já estava ali diante dos meus olhos, mas, acaba se confirmando através do seu dito. Muitos outros sujeitos têm sido apresentados/as/es a LN dessa forma, nas redes, na cibercultura. O lugar onde os embates emergem e coexistem como uma força capaz de dizer-nos impositivamente ou não o que é aquilo, para que serve ou não

serve. O que acaba gerando a informação, a desinformação e/ou a propagação de *fakenews*¹⁸ nesses espaços. Os discursos, como já foi apontado anteriormente em minha escrita, são simbólicos e trazem consigo as subjetividades e suas relações no contexto social dos/das/des falantes. Como em uma redoma não neutra.

De acordo com LEMOS (2003) as cibercidades tem levado as múltiplas performatividades a novos contextos nesta era contemporânea. Trazendo uma nova cultura de hábitos, manuseios, vivências, estética e estilos de vida no mundo da interatividade tecnológica. Para LEMOS (2003) e para SANTOS, (2022), a cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais num encontro em que a co autoria e co criação forjam currículos e aprendizagens nas mais variadas ações humanas em rede de relações . Vivemos a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, *palms*, *pages*, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Em tempos de cibercultura e na era da mobilidade como nos diz Edméa Santos (2019) “[...] podemos, através das redes, das mídias locativas e dos dispositivos móveis, acionar diversas possibilidades de interação”.

Depois desse movimento, fui me movendo sutilmente pelos conhecimentos adquiridos com o processo de pesquisar a LN. Não adentrei em aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa. Percorri um foco de agenciamentos discursivos sobre como a Linguagem Neutra insurge no mundo para nos dizer que somos sujeitos da linguagem e que habitamos socialmente, culturalmente e politicamente pelas palavras, pela língua. Fui explicando como essa linguagem era trazida, vista, a quem ela afetava, como estava sendo erguida e por quem. no processo do diálogo no *chat* com eles/elas/elus, um outro fio se apresenta como um posicionamento diante do uso da LN na língua portuguesa:

fio-rizoma-narrativa-chat

Sim, a mudança tem que ser de forma natural. Não de forma forçada... (Aranha-caranguejeira, 2021)

A Aranha-caranguejeira me traz uma pista que já venho tentando compreender, ao cartografar narrativas em disputa no *Youtube*. Há uma certa disseminação do uso da LN ser um fato que virá como uma imposição, como uma forma de modificar a estrutura da língua portuguesa. A gramática é fixa, mas, a comunicação social não, a língua é móbil. As variações linguísticas acontecem de forma proposital, diante do fluxo que ocorre nas transições históricas

¹⁸ Informações noticiosas falsas que não condizem com a realidade.

e sociais de uma sociedade. A aranha-caranguejeira, talvez de forma não proposital, trouxe isso à tona para o debate e acabou potencializando a discussão.

Mas, algumas indagações surgiram em relação ao dito desse/a/ie estudante. Recorro a uma linguagem neutra, mas, há neutralidade nas coisas? O que seria uma mudança natural na língua? Como, a cartografia nos diz que não há uma ordem nessa leitura-escrita-rizomática, não há uma entrada ou uma saída, portanto, essas questões são trazidas no tópico *Corpos-territórios: uma experimentação cartográfica nas narrativas da linguagem neutra em redes*. Voltemos então, a algumas casas. E acrescento: a língua não previne a guerra, mas a realiza: é um terreno de guerra e de conflito. Não é um convite ao entendimento, um espaço exterior ao poder, seja social ou bélico, mas sempre a imposição do mal-entendido, do impasse quanto ao sentido. (SOUZA; COELHO, 2012). A língua é produzida pelo próprio ato de guerrilhar. Após esse momento de levar um pouco sobre as possibilidades da LN e ter uma escuta atenta ao que achavam sobre a LN. Fui para um segundo atravessamento. Entendendo a cartografia como uma pesquisa suja, que permite múltiplas aberturas, me autorizei a levar duas narrativas para os/as/es colaboradories da pesquisa. Essas narrativas produziam significados e percepções diferentes e estavam postas na rede, especificamente, no *Youtube*, ou seja, em um domínio público. O primeiro vídeo compartilhado foi da professora de LP Cíntia Chagas, com *Cinco contra-argumentos para o não uso da LN* (2021).

Figura 3- Vídeo sobre linguagem neutra de Cíntia Chagas



Fonte: https://youtu.be/e5t_a4VrAa8

O segundo vídeo posto, foi de autoria da linguista e professora Jana Viscardi, intitulado: *08 polêmicas sobre gênero neutro na língua* (2021), trazendo um diálogo desmistificando algumas polêmicas viralizadas sobre o gênero neutro.

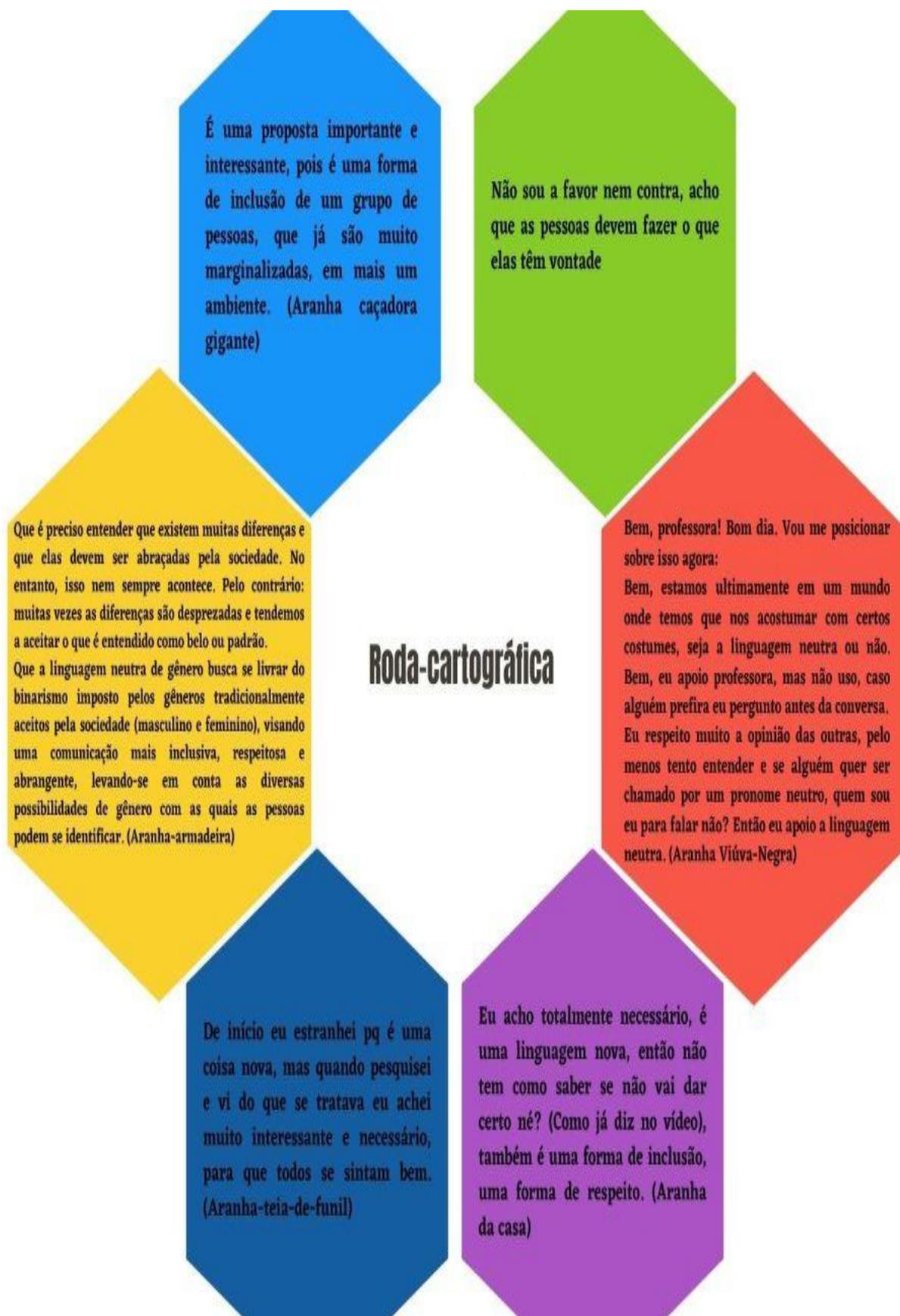
Figura 4: Vídeo sobre gênero neutro de Jana Viscardi



Fonte: <https://youtu.be/TMNBbsV8LKc>

Levei essas projeções para os/as/escolaboradores da pesquisa. E pedi através do dispositivo *Google Forms* que trouxessem seus discursos/posicionamentos sobre a linguagem neutra. Em seguida, encontra-se a roda-rizomática com algumas das respostas produzidas pelas/os/ies estudantes. Diante da pergunta disparadora: qual é o seu posicionamento sobre a LN?

Figura 5: Roda-cartográfica I



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Figura 6: Roda-cartográfica II



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Figura: Roda-cartográfica III



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

fio-rizoma-pistas

35 respostas. Alguns embates.

É preciso, portanto, observar o mundo em minha volta e perceber no que ele se engendra, no que se afirma. Será que é afirmação para mim? Ou não estarei apenas coexistindo como espectadora? Para criar minha cartografia de desejos, é preciso saber do que sou íntima. É preciso ter claro o que me deixa confortável, mas que também não me amordaça. Nesse percurso, tenho que ter bem claro a diferença entre confortável e cômodo. (TESKE, Silvia, 2018, p-1)

“É preciso, portanto, observar o mundo em minha volta e perceber no que ele se engendra, no que se afirma.” Nesse engendramento, tive ao todo 35 respostas. Nos posicionamentos deixados no *Google Forms*, é possível perceber que houve argumentos diversos para a inclusão de um possível gênero neutro na língua portuguesa. Responderam sobre a importância do uso, da inclusão de pessoas, outros não quiseram se posicionar (e isso me permite compreender como pista. Quais os fatores intrínsecos desse se abster?). Alguns alegam a falta de conhecimento e apenas um estudante disse ser contra o uso da LN.

Aranha de jardim, Aranha saltadora e Aranha de areia de 6 olhos, trazem algo que sinalizo como uma questão relevante para se compreender a ideia de docência e as políticas de educação. Nessa posição que trazem de não ter conhecimento para falar a respeito, de não ter uma opinião formada ou de não ter interesse sobre o assunto, há, implicitamente, uma produção de um modo outro de inteligibilidade, o de si mesmo. E, precisamos, estar atentas/e/os a essa escuta do não saber, não conhecer, dos sentidos ocultos do negacionismo. Pois, para (LUZ, 2017) a tática da negação, quando eficiente, ajuda a consolidar os argumentos que naturalizam e cristalizam a situação denunciada.

Nesse sentido, problematizar as estratégias da docência e da educação nesse campo do negacionismo se torna um desvio diante de um condicionamento para a política do que vale como “bom” ou “ruim” como produto de conhecimento sobre os corpos, as coisas, o mundo. Quando negamos ou abstermos a existencialidade de algo ou não nos colocamos propositalmente a disposição a conhecer, estamos sendo movidos por uma situação de poder sobre si diante do outro, estabelecido pela condição sociocultural desta ótica dualista do: bom e ruim. Basicamente, as situações já pré-estabelecidas sobre algo/alguém fazem esse círculo de atos normativos e cristalizados de distanciamentos, abstenciamientos, silenciamentos. E, a LN tem estado muitas vezes dentro desse círculo.

Como estratégia educacional diante desse círculo e para que então, nós, docentes possamos nos manifestar através das nossas performatividades e que possamos percorrer um experienciar dentro de um terreno educativo diante de uma acolhida e não uma desacolhida, recorro em paráfrase a MEYER (2013) a redirecionar nossos olhares para ver o que usualmente não se olha:

as pequenas e minúsculas coisas que teimamos em deixar escapar ou a não registrar, por tomá-las como desimportantes. Redescrever a nós próprios, detalhando com pormenores as faltas que nós, e nossas instituições, abrigamos e os tipos de sofrimento e desigualdade que, com elas e por meio delas, contribuímos para implementar e manter. **Formas de ver produzem formas de ver-se.** (MEYER, 2013 p. 75, grifo nosso)

Produzir formas de ver-se é criar descortinas de reproduções às imposições que são habitadas diariamente no ninho da escola, e, tomo de assalto o conceito de ninho através de PEREIRA (2016) que o entende como espaço de abrigo, proteção, respeito e formação, onde os/as/es sujeitos/as/es são acolhidos até se sentirem prontos/as/es para fazer “movimentos primários de constituição de si, de autoapropriação, de escolha” e enfim estarem prontos para deixar o ninho e viver o/no “fora”.

Que esses estudantes-aranhas tenham em seus caminhos, outras constituições sobre o si, o meio, os círculos. Que tenham a capacidade e a consciência de também estar para fora deles. E que a “auto apropriação de escolha” seja algo de suas pessoalidades e não somente de fatores externos, que comprometem suas próprias decisões. Que, nós, como escola, estejamos mais próximos de balançar tais condicionalidades. Já que, para (RAGO, Margareth, 2008, p. 266,), se podemos refazer nossas construções subjetivas, se podemos ser outros/as, então podemos criar novos mundos, novos imaginários, relações e conexões, ampliando nossos repertórios e enriquecendo a experiência.

Nesse contexto, a Aranha de costas vermelhas, trouxe um efeito importante em sua mensagem para esse estudo. Utiliza a própria linguagem como um sentido de afirmação. Quando se apropria do pronome “elu”, traz consigo um amparo social, um desejo político e uma força de minorização. Consegue capturar o fenômeno em seu modo e no seu processo em devir, visando apreender o que está por vir, em processo, nas intensidades de forças que operam em nós, e que desafiam nossos corpos e linguagens, a fim de rasurar, contaminar a leitura maior dos discursos circulantes sobre o gênero neutro, dotado de fundamentalismo religioso, preconceitos e apriorismos que fixam.

Ainda não tenho respostas prontas para o que essas aranhas puderam me trazer e não sei se as terei, mas o mais importante é qualifiquei as questões buscando respostas ainda que provisórias, tanto quanto a vida e seu dinamismo próprio e apropriado da mutabilidade e efemeridade. O conjunto de pistas lançadas que embaralham o cânone da ciência clássica universal, foram as pistas dos ditos e não ditos que me ajudaram a construir essa pesquisa. Considerando os posicionamentos de estudantes do primeiro ano de ensino médio, da educação básica, de uma escola pública cuja abertura para comigo e a pesquisa, são resultados que também apresentarei para docentes da escola a qual escolhi como lócus desse estudo no acompanhamento do campo por dois anos após a defesa da pesquisa.

Nesse processo de TDR, fui cambiando pelo parar, sentir, olhar, escutar, vivenciar, experienciar. Tentando ter um olhar mais atento, saindo da ação automatizada e premeditada,

para poder refletir, pensar e repensar. Abrindo espaço para que venha “o acontecer”. Tomei novamente de empréstimo o sujeito da experiência apresentado por Larrosa (2002) o qual, é o sujeito território que capta os acontecimentos, o sujeito que recebe as interferências, as pausas. Tentei encontrar os fios-narrativos que moviam para o meu estar sendo sujeito-território-passageiro, que abriga acontecimentos e que possa, acima de tudo, sentir as experiências.

fio-rizoma

Desejo a inconsciência lúdica que faz da vida um brinquedo novo. Não quero mais estar armada, prefiro absorver o espírito das coisas. Inventar uma língua de movimentos, expressão e sentido, e com isso inaugurar mundos, que sejam múltiplos. Apropriando-me de imagens, textos e atitudes, ao mesmo tempo expropriando-me do que não me serve mais. Devoro o espírito do tempo, sua insensatez, liquidez, pressa. (TESKE, Silvia, 2018)

fio-pista

*é no meio, aqui, que (re)começo essa pesquisa cartográfica.
a imersão abriu novos fios.
vou às conexões. (MORAIS, Jadla. 2021)*

FIANDEIRA II - NOTAS SOBRE A DIMENSÃO ÉTICA EM UMA PESQUISA CARTOGRÁFICA

Parto do pressuposto que a dimensão ética faz parte de qualquer pesquisa que envolva, principalmente, seres humanos e animais. Quando se fala em ética no que tange a pesquisa científica, estamos falando sobre um conjunto de movimentos que orientam o/a/e pesquisador/e e que acaba naturalmente garantindo a integridade dos/das/des participantes da pesquisa. Pois, diante da intervenção a mera relação do sujeito com o campo modifica-o, alterando seu objeto (e o próprio sujeito). A ruptura com a asepsia científica reinante. (PEREZ; MEZA; ROSSOTTI; BICALHO, 2010)

É um fato que precisamos da ética nos trabalhos de pesquisa, pois não há uma ciência neutra, nem tão pouco pesquisadores/as/ies neutras/os/es/as. A ciência acontece nas relações humanas e em suas subjetividades. Por isso, a dimensão ética, nessa pesquisa é atravessada de modo transversal no meu processo de pesquisar, me permitindo ter uma atitude crítica. No contexto dessa atitude, tenho como fundamento alguns princípios pilares, ou seja, autonomia, equidade e justiça do ser investigadora-investigado. Eu, como pesquisadora, preciso ter também o cuidado com as informações que são produzidas para que não haja o plágio (citação indevida sem referenciar) diante dos ditos dos/das/des investigados/as/os/es na hora da intervenção.

Tenho como compreensão de que toda pesquisa envolve imprevisibilidades. Não pensando em um código de ética, mas como uma ética orientadora. Pois, [...] o código de ética absoluto e mandatório que se mostra insatisfatório para a orientação ética da pesquisa, na medida em que ele gera emperramento burocrático, paralisação dos fluxos e cristalização dos processos de produção de conhecimento. (TEDESCO, Silvia, 2015, p. 44).

Surge assim, como um aspecto orientador, isto é, um suporte pedagógico para os acontecimentos, mudanças, alterações não delimitadas no projeto e que podem surgir na prática em campo. Por isso, a ética surge como uma orientação e situa-me, nessa pesquisa, em relação aos meus julgamentos, princípios, decisões, crenças, valores e comportamentos, resumidamente, os meus pressupostos axiológicos. Nos quais, podem acabar interferindo no meu objeto de estudo e nos/nas/nes atuantes do trabalho científico. O que resulta em um dos grandes desafios que perpassam, principalmente, nas pesquisas-intervenção nos Mestrados Profissionais em Educação (MPE) e por isso acaba consolidando a importância de uma ética orientadora como um apoio e sustentação no e para a integridade física e emocional dos/das/des participantes em redes.

Tornou-se, nesse sentido, uma chave para uma nova configuração a vivência de formação já desenvolvida por mim, mestranda, e trazendo uma visão mais reflexiva e crítica para minha realidade educacional. Provocando-me a produzir, através, da imersão em campo em Jacobina e nas teias-cast com os sujeitos envolvidos na cibercultura e povoam seus posicionamentos e concepções sobre a Neolinguagem Inclusiva, são a partir deles/delas/delus que essa pesquisa é realizada e trazem consigo produtos/reflexões e alcançam um novo caminho, um novo conhecimento e uma nova prática.

Logo, essa pesquisa cartográfica que ampara mecanismos de intervenção que podem ser levados em consideração que, por vezes, foram tratados como um assunto menor na educação, que é a questão de gênero, sexualidade e inclusão e diversidade. Tende, principalmente, pela importância da dimensão ética e entende que [...] somos estudantes, e filhos, e amigos, e fascistas, e libertários, e anarquistas, em um eterno agenciamento das pluralidades - e por que não dizer abundâncias? - que nos constituem como “sujeitos”. Somos uma dobra de articulação das múltiplas maneiras de ser, estar, viver e sentir o mundo. (PEREZ; MEZA; ROSSOTTI; BICALHO, 2010).

Deste modo, vou trilhando e re-trilhando formas transversalizar. Realizando na intensificação/aposta nos devires que está presente na NI, indicando o que nela há de diferentes graus de abertura e potências de criação. Transversalizar a partir/com as Teias-cast os sujeitos

que quiseram dela tomar parte. Considerando este plano em que a realidade toda se comunica. A tecedura deste plano não se faz, portanto, só de maneira vertical e horizontal (maioria x minoria; molar x molecular), mas também transversalmente. A operação de transversalizar produz um desarranjo no sistema binário de definição/categorização do objeto da pesquisa permitindo conectar devires minoritários. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.298). É exatamente esta a nossa pretensão desejosa ao apresentar uma cartografia possível da Neolinguagem que já se manifesta nos corpos e modos de existir e falar dos sujeitos aqui cartografados e milhares de outros no mundo. Tendo um sentido ético [...] na direção do respeito à natureza processual e inventiva da pesquisa e da subjetividade. Desafia-nos a incitar, através da experiência compartilhada de intervenção sobre o mundo, o movimento insistente de invenção de novos conhecimentos e de rumos singulares de existência. (TEDESCO, Silvia, 2015, p. 44)

FIANDEIRA III – TEIAS-CAST: PROLIFERAÇÃO FINAL DE ARACNÍDEAS E A CARTOGRAFIA DAS CONEXÕES E DESEJOS

Figura 8 -Um rizoma, (des)caminhos e inventividades



Fonte: Deleuze e Guattari - Rizoma • Mil Platôs • Razão Inadequada (razaoinadequada.com), 2020.

Cartografar! Cartografar é sentir a experiência da pesquisa sobre outra perspectiva: a da paisagem, contingência, fragilidade, incerteza (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Chego a um (des)caminho de *Teias-cast*. Um rizoma que, em suas conexões múltiplas vai (des)caminhando por um ambiente vivo, de movimentos e vivências. [...] nos descobrir e nos movimentar, de modo aventureiro e sedento em busca de métodos e dispositivos de pesquisa que respondam as exigências dos objetos de estudo. (SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da. 2020)

Andarilhando nessa pesquisa enredo o movimento apresentado pelas autoras citadas a fim de promover novas formas de fazer pesquisa em educação, no rastreio de linhas, elos e pistas, com ênfase na diversidade. (SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da, 2020). E, trazendo traços de ressignificações na visão sobre a língua, linguagem, sobre a cultura, a política e a sociedade diante da NI, vou criando fios que ampliem o nosso modo de intervir no Ciberespaço, atendendo, assim, uma teia da heterogeneidade e de uma demanda multicultural, como a do nosso país.

Imersas na cibercultura escolhemos como lócus o *Instagram* e *Youtube*. O objetivo foi apresentar/socializar num primeiro momento, um recorte das projeções dessa pesquisa para sujeitos ativistas, da comunidade LGBTQIAPN+ mapeados/as/es/na cibercultura e que fosse

de livre adesão, a fim de escutá-los/las/les, ampliando nossa cartografia da Neolinguagem. A forma de expressão na colaboração dessa pesquisa foi a realização de áudios para a construção de um Podcast, intitulado aqui como Teias-cast, sendo o dispositivo inventivo de construção-intervenção de dados.

Caminharemos diante das suas posições acerca da NI, em um processo de articular as Teias-cast como uma busca/lugar para uma reflexão sobre nós mesmos, da nossa prática e ação em sociedade, dialogando sobre os modos operantes da NI, movimentando-nos em uma discussão baseada nas formas de inclusão e exclusão da nossa língua.

Este movimento circunda a esfera da politização dos sujeitos, através do que é ensinado por meio das temáticas abordadas, tomando suas experiências como sujeitos que se inserem na diversidade, considerando o aprendizado sobre a língua e linguagem nesta concepção inclusiva perpassa pela esfera das competências críticas e subjetivas de cada sujeito e, tais abordagens dependem de como a sociedade se encontra em termos estruturais e como os currículos são fundamentados para atender as demandas necessárias dos sujeitos inseridos no contexto atual. Refletindo sobre isso e na singularidade do que é estar sendo um sujeito sempre em devir, impulsionando o praticar, ir a campo, seguir processos, lançar-se na água, experimentar dispositivos, habitar um território, afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita, sempre levando em conta a produção coletiva do conhecimento. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p. 203).

Diante dessas inferências, entendo que nos lócus escolhido e trilhando, produzimos rastros, gestos e atos em colaboração com participantes, fazemos troca de experiências, saberes, vivências e existências em um ato-mor de emancipação-formativa através das Teias-Cast em diálogo com o uso do diário de bordo/pesquisa da pesquisadora. O diário é um dispositivo capaz de dar vida aos modos de dizer e aos modos de experiências em um aspecto de narratividade. “O registro do trabalho de investigação ganha, dessa forma, função de dispositivo, não propriamente para concluir o trabalho ou apresentar seus resultados finais, mas como disparador de desdobramentos da pesquisa.” (PASSOS; BARROS. 2015, p. 173).

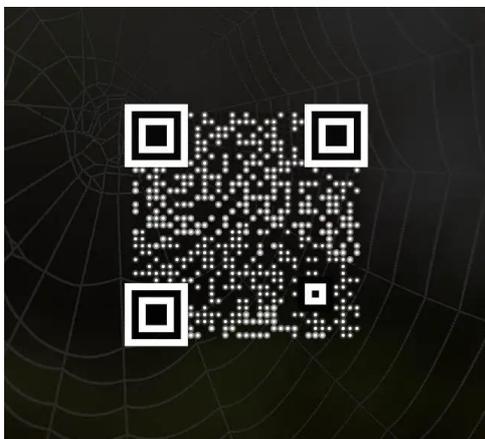
Tentamos ao menos, criar artistagens, posicionalidades e brechas de entradas/inclusão para a NI, em ações cruzadas e em uma construção de conhecimento em conexões. (SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da. 2020). Deste modo os critérios para a escolha dos/das/des participantes, foram: estarem na cibercultura, ativistas, e que, pertençam a comunidade LGBTQIAPN+. A adesão se dará por livre espontaneidade, podendo retirar-se da pesquisa a qualquer tempo, sem prejuízos de nenhuma ordem (pessoais ou profissionais). Como

pontos de exclusão, serão considerados os que não atenderem aos critérios de inclusão anteriormente apresentados. Ratifico sobre o sigilo dos depoimentos por eles/elas/elus realizados, assim como, de suas cartografias. Em uma promoção do ethos da confiança empreendido durante todo o processo.

Considerando os objetivos específicos, os dispositivos de pesquisa e o procedimento de análise que foi o próprio método cartográfico. Aqui, caminho, re-caminho e (des)caminho algumas pistas para o rizoma da Neolinguagem Inclusiva a partir dos/das/des colaboradoras da pesquisa. Pensando em subjetividades em suas complexidades e em constante devir, buscando compreender as dinâmicas sociais e políticas que as afetam. Ao total foram cartografados 15 sujeitos no *Instagram* e *Youtube*, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão para a participação na segunda fase da pesquisa.

Apenas 02 puderam contribuir nesta etapa da pesquisa, mas, as estratégias para que nos desdobramentos da pesquisa possam ser fígados pelas teias da aranha, continuam sendo pensadas, rabiscadas, esboçadas a cada diálogo com a orientadora. Deste modo, para a nova fase, que se constitui do acompanhamento do campo, a estratégia já em ação, tem sido dialogar com todes que estão cartografados na teia da aranha, apresentadas a seguir, comentando as postagens, curtindo, falando dos seus posicionamentos, citando o estudo que estou realizando com esta pesquisa, a fim de se lançarem na teia-fiandeira da neolinguagem e possam no porvir, contribuir com seus *Teia-cast*, de modo a ampliar, dar mais robustez e visibilidade a este estudo tão imprescindível a todas as vidas e corpos, buscando saídas para territórios ainda com barreiras na saída, através das brechas e frinchas, como fez nosso primeiro fiandeiro João Victor Mendes, a seguir e nosso segundo fiandeiro Caê, que preferiu se expressar por mensagem ao invés de gravar um Teia-cast.

Link para acessar a *Teia-cast I*, o *Qr Code*:



Teia-cast I - João Victor

By Jadia Morais Menezes

Artista, ator e professor, preto e viado.
Formado pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

🎧 Ouça no Spotify

💬 Send voice message



João é artista, professor, preto e viado traz em sua teia capturas-chaves importantes de serem ressaltadas. Primeiro a nomeação. Ele referencia como Linguagem neutra ou não binária. Algo que foi contextualizado nos capítulos anteriores. Outras capturas importantes do seu posicionamento a NI foram:

Captura de teia I - *Respeito à Autoidentificação:*

Ele traz que a neolinguagem inclusiva reconhece e respeita a autoidentificação das pessoas em relação a gênero e orientação sexual.

Captura de teia II - *Quebra de Normas Binárias:*

Ele diz que a linguagem tradicional muitas vezes se baseia em normas binárias de gênero, o que pode excluir e marginalizar aqueles que não se encaixam nesse sistema. A neolinguagem inclusiva desafia essas normas, permitindo que as pessoas se expressem de maneira mais autêntica.

Captura de teia III - *Inclusão de Identidades Não-Binárias:*

João aponta que a neolinguagem inclusiva reconhece e inclui identidades não-binárias e de gênero diversificado, que muitas vezes não são reconhecidas na linguagem tradicional. Isso contribui para uma representação mais precisa e respeitosa da diversidade humana.

Captura de teia IV – *O masculino universal ainda se faz presente.*

João traz essas capturas em sua teia-cast e que dentro da concepção pós-crítica, às diversidades étnicas, culturais e políticas são ressaltadas como um ponto de partida para compor um emaranhado de reflexões sobre como se organizar a prática inclusiva nos espaços formais e não formais. A educação como uma intensa força de aprendizado construtivo e crítico, não sob uma reincidência contida na repetição de dados comuns do saber, pois, dentro dessa condição pós-crítica, o avanço no aprendizado está fundamentado na ampliação dos conhecimentos prévios por meio de sujeitos reflexivos e dinâmicos.

É a partir do pensamento de João e com os estudos pós-críticos que podem beneficiar a conjuntura social no avanço de uma responsabilidade de formar sujeitos que possam respeitar a diferença e formarem suas próprias opiniões sobre o meio em que vivem. Além disso, é uma forma de estabelecer maiores tensões em torno de alguns poderes soberanos persistentes na sociedade de modo negativo: o sexismo, machismo, xenofobia, racismo e tantos outros.

Este diálogo com João me lança ao conceito de paradigma como [...] um conjunto de saberes e fazeres que garantam a realização de uma pesquisa científica por uma comunidade. O paradigma determina até onde se pode pensar, uma vez que dados e teorias, sempre que aplicados a uma pesquisa, irão confirmar a existência desse paradigma. (KUHN, p. 353, 1977).

Faço alguns enlaces nesse fio sobre o paradigma dessa pesquisa e em como posso pensar uma pesquisa cartográfica que busca a inserção da NI na cibercultura através das teorias pós-críticas e pós-estruturalistas. A minha intencionalidade aqui é articular o movimento entre o método cartográfico, os/as/es colaboratories, a educação e política, porque são, necessariamente, entrecruzamentos que formam um *modus operandi* no meio da construção dessa pesquisa que compõe os sentidos de uma não binaridade na língua portuguesa. Isto é, entender como as discussões na cibercultura, as teias-cast dentro de uma organização pós-crítica pode contribuir para a mediação e aprendizado do saber, respeitando as diversidades que envolvem a rede social da qual fazemos parte.

A seguir o próximo participante, Caê Almeida, traz seu posicionamento por escrito.

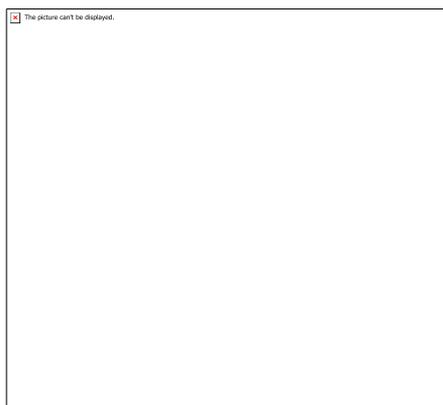
Figura 7 – Captura de tela – Conversa no *Instagram*



Caê Almeida é trans não-binário e defensor popular, ele traz uma captura de que é de suma importância reconhecer que a sociedade é desigual e que as hostilidades criadas através de estereótipos e outros preconceitos têm uma função comum, que é a manutenção dos poderes.

A NI entra nessa seara. Principalmente pela resistência das pessoas em relação a 1. **Tradição Linguística:** algumas pessoas apegam-se à tradição linguística e sentem que a Neolinguagem infringe nas normas e convenções estabelecidas há muito tempo. Podendo considerar difícil ou desnecessário adotar novos termos e formas de linguagem. **2. A Compreensão e Clareza:** Argumentar que a neolinguagem inclusiva pode prejudicar a clareza da comunicação, especialmente para aqueles que não estão familiarizados com os novos termos. Eles podem se preocupar que isso possa levar a mal-entendidos e dificultar a transmissão eficaz de informações. **3. Resistência à Mudança:** a resistência à mudança é uma reação natural a novas ideias ou abordagens. Muitos/as/es se sentem desconfortáveis com a mudança e preferem manter a linguagem tradicional com a qual estão familiarizados. **4. Complexidade e Adaptação:** a adoção da neolinguagem inclusiva requer que as pessoas aprendam novos pronomes, termos e formas de expressão. Algumas pessoas acham isso complicado ou podem ter dificuldade em adaptar-se a essas mudanças. **5. Ceticismo em Relação ao Impacto:** Questionam se a neolinguagem inclusiva realmente levará a uma maior inclusão e igualdade. Acreditando que a mudança linguística é apenas superficial e não aborda questões mais profundas de desigualdade.

Trazendo essa resistência evidente, deixo o *QR code* para acesso a matéria de uma nova lei que proíbe o uso da NI em escolas. “Foi publicada neste sábado (19), no Diário Oficial do Município de Belo Horizonte, uma lei que proíbe a utilização e o ensino da chamada linguagem neutra nas escolas públicas e particulares da cidade. A lei nº 11.581”.



É importante reconhecer que a resistência não é uniforme e que cada pessoa pode ter seus próprios posicionamentos para questionar ou opor-se à neolinguagem inclusiva. Promover um diálogo respeitoso e aberto sobre essas preocupações pode ser uma maneira construtiva de abordar essa questão e encontrar maneiras de avançar em direção a uma linguagem mais inclusiva. E é sobre isso que Caê afirma quando diz: “Mas ouvir/ler linguagem neutra em espaços públicos é o caminho.”

Trazendo isso para mais perto desta pesquisa, pude notar que o paradigma pós-crítico que se apresenta nesta cartografia na cibercultura, é também uma pedagogia que, ao mesmo tempo que ensina, deixa o sujeito livre para formas outras de saberes e outras concepções de mundo. De que modo isso acontece? Na libertação das forças que binarizam as redes de conhecimento, do saber, das práticas. Caê e João trazem formas e concepções de mundo diante da NI. Eles abrem novas maneiras de organizar o ensino, de modo que impulse o desenvolvimento do respeito pelas diferenças.

Assim, não busco somente do que já foi dito, mas desconstruindo e reconstruindo esses saberes, em um continuum de interrogar, questionar, desconstruir, ressignificar. É um trabalho que pensa a NI dentro dessa possibilidade de reorganização do modo de viver, de uma língua, tentando contemplar as múltiplas diferenças entre os indivíduos e suas comunidades.

Esses dois colaboradores foi apenas um pontapé inicial do que se pretende para essa pesquisa em seu desdobramento. Sabemos que na era da cibercultura, as redes sociais se tornaram espaços de expressão, engajamento e (des)construção de sujeitos. O *Instagram*, em particular, emerge como uma plataforma onde os usuários exercem sua voz e individualidade. Entre as várias discussões que permeiam essa esfera digital, a questão da Neolinguagem Inclusiva vem assumindo destaque. Nesse cenário, observamos uma diversidade de posições e argumentos que refletem a complexidade das opiniões e atitudes dos/das/des usuários/ies em relação a essa abordagem linguística.

A NI, que visa desconstruir as normas binárias tradicionais e reconhecer a multiplicidade de identidades de gênero e orientações sexuais, encontra tanto apoio entusiástico quanto resistência firme na cibercultura do *Instagram*, *Youtube* e *Twitter* (corpus de análise cartografados). Os/as/es usuários/ies que abraçam essa forma de linguagem frequentemente enxergam-na como uma oportunidade de respeitar a autodeterminação das pessoas, promovendo inclusão e desconstruindo estereótipos de gênero. Eles veem o uso de pronomes neutros e outras adaptações linguísticas como um ato de inclusão social e linguística, uma maneira de afirmar o direito de cada falante.

Na cultura digital do *Instagram* e *Youtube*, os debates sobre a NI ocorrem em postagens, comentários e *Stories*. As séries de postagens informativas e os infográficos ajudam a educar o público sobre os fundamentos e a importância dessa linguagem. *Lives* e *IGTVs* apresentam painéis de discussão com especialistas e pessoas que compartilham suas experiências. O uso de *hashtags* relacionadas ajuda a agrupar discussões e conecta indivíduos interessados no tópico.

A cibercultura no *Instagram*, oferece um cenário dinâmico e diversificado para a troca de ideias sobre a NI. Através dessa plataforma, usuários/ies expressam suas visões, compartilham informações e desafiam as normas linguísticas tradicionais em busca de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Esses debates refletem a natureza em constante evolução das conversas online, impulsionando a conscientização e a mudança em questões sociais importantes. Assim, ainda estamos cartografando dentro do *Instagram* sujeitos ativistas, transgeneros, não binários, professorias, da comunidade LGBTQPNA+ que possam trazer para essa pesquisa suas vivências, posições e modos-de-vida a partir dessa Neolinguagem. Nas **figuras 8 e 9** a seguir apresento o início da interação, que também trouxe limitação. O da não resposta dos sujeitos.

Figura 8 – Interação da pesquisadora com os sujeitos cartografados

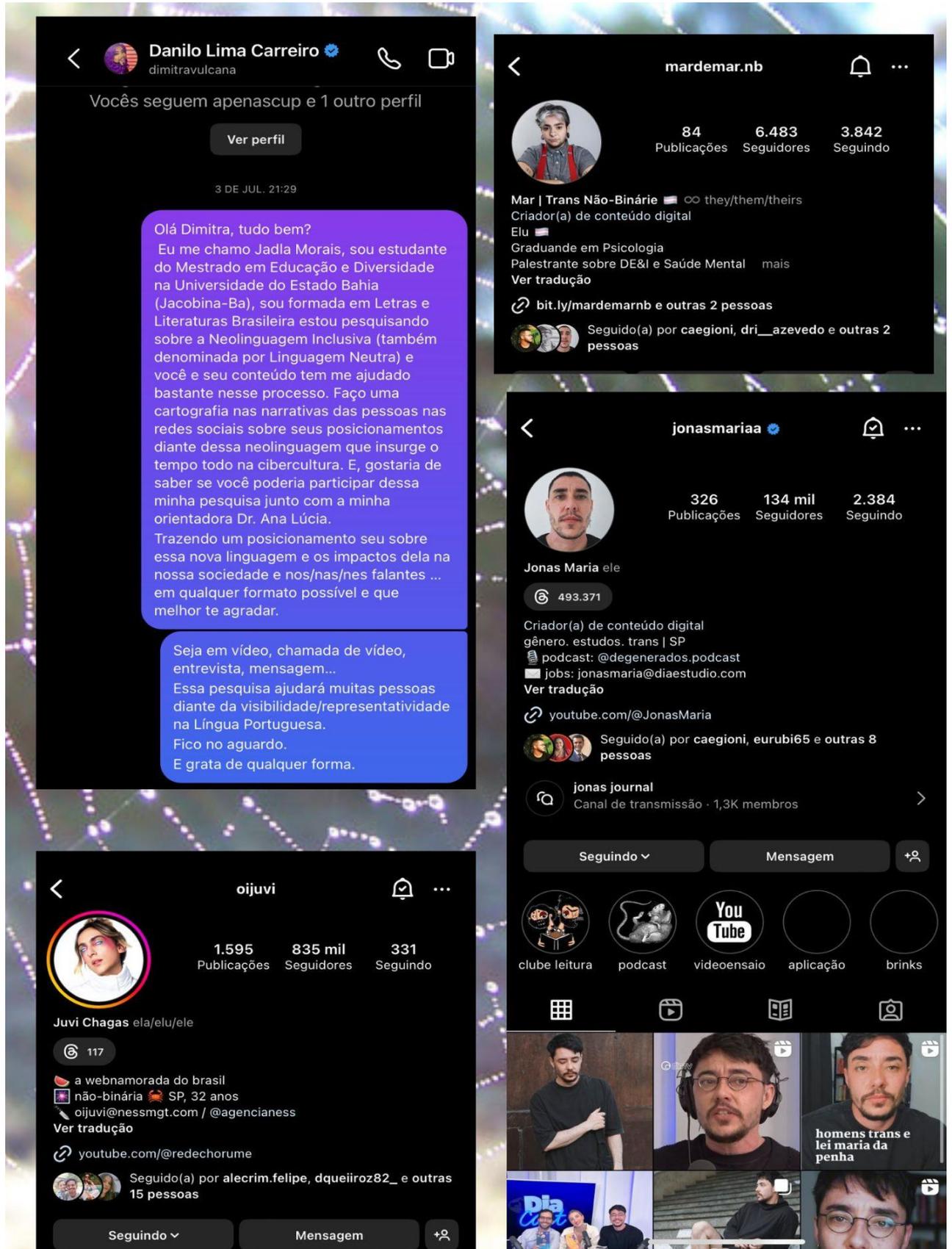
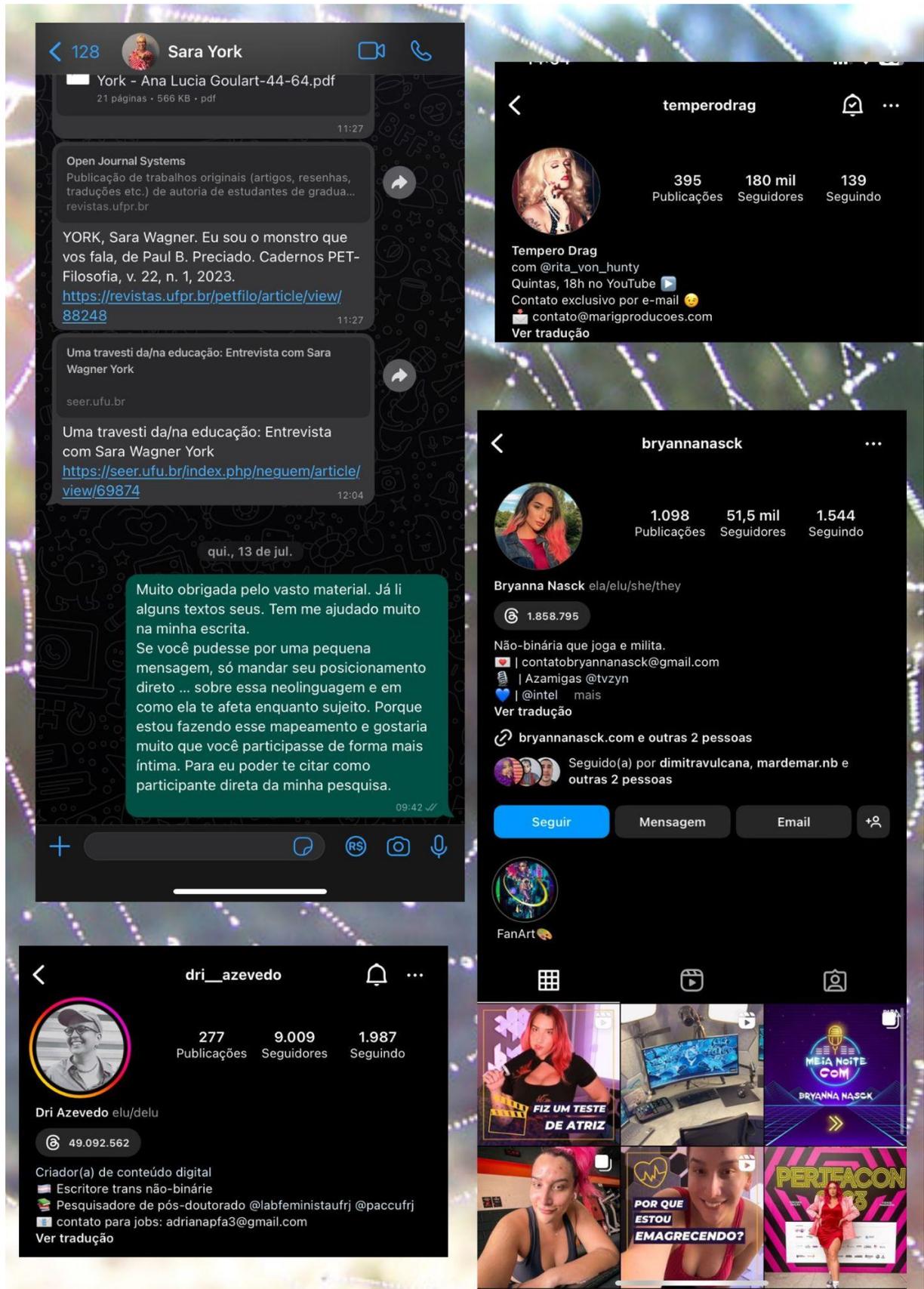


Figura 9 – Interação da pesquisadora com os sujeitos cartografados



O silenciamento da participação dos 13 entre os 15 sujeitos cartografados em redes, já nos diz algo, diz muito, porque na cartografia o conjunto de dados diz respeito a operacionalização na desmontagem e remontagem dos dados, a fim de dar inteligibilidades aos resultados de pesquisa aqui cartografados. Nosso mapa possui uma coreografia desmontável, aberto ao improviso grudado na precariedade da realidade. “Um mapa é uma questão de performance, enquanto o decalque remete sempre a uma presumida ‘competência’ “ (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30). Assim o operacionalizamos na desmontagem e remontagem dos dados, a fim de dar inteligibilidades aos resultados de pesquisa.

Apontamos ainda que será apenas o início de um desdobramento para essa pesquisa em um doutorado²². Pois, a cibercultura nos lembra de que as plataformas digitais são muito mais do que meros veículos de entretenimento. Elas representam espaços onde as vozes individuais podem convergir para formar um coro diversificado e de teias. No caso da Neolinguagem Inclusiva, a discussão se estende além da linguagem, refletindo a busca por inclusão, igualdade e entendimento de uma sociedade em constante evolução.

(Re)começo a partir daqui novas teias e chamo Tatiana Nascimento para dar uma pausa breve a este estudo datado, que precisa ser concluído, considerando seu objetivo central atingido ao cartografar a Neolinguagem e fazê-la proliferar no presente e nas presenças de tantas e diferentes gentes, como estratégias de luta, de visibilidade por uma educação diversa, como justiça social.

en

tu

me

ser:

diz

faz minha gramática com péta

lágrimas pesadas riscam a pelexata de nu

vento arredio me desorganiza, também, a sem

²² A pesquisadora tem por objetivo levar o resultado dessa pesquisa para a educação básica. Apresentando aos/as/es docentes das escolas em que trabalha e fazendo ateliês de escuta. Escutar os posicionamentos de docentes sobre a NI diante do levantamento dessa pesquisa na Cibercultura.

sa(cia)ção sintética de uma sintaxe dos afetos, que tão diz

ordenando-seu é outro idioma

vara a curva do meu desejo

enciclopé

dica:

a menor distância entre dois plexos é mergulhar

no abismo da paixão & dum

si

(l)en

cio

dum dum... dum dum... dum dum...

(TATIANA NASCIMENTO, 2015)

REFERÊNCIAS

- ANDRIGHETTIL, Graziela; PERNA, Cristina. O ensino de pronomes em aulas de português como língua adicional: ampliando discussões. *BELT*, Porto Alegre, 2016; 7 (2), p. 129-145
- BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. *RELVA*, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016.
- BORGES, Jorge Luis. “El impostor inverosímil Tom Castro”. In: *Prosa Completa*. Barcelona: Editorial Bruguera, 1980, p.161
- BONDÍA, Jorge Larossa, *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: *Revista Brasileira da Educação*, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DERRIDA, Jacques. “A escritura pré-literal”. In: *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 3-32.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad: Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, São Paulo: Editora 34, 2011.
- CAÊ, Gioni. *Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa*. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa. Acesso em 05/06/2021.
- CASSIANO, Ophelia. *Guia para “Linguagem Neutra” (PT – BR)*. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acessado em 220/08/2020.
- CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre Formas de Tratamento na língua portuguesa: ensaios*. Lisboa: Horizonte, 1972.
- COLLINS, Patrícia. H. “Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade política emancipatória”. Tradução de Bianca Santana. *Parágrafo*, v.5, n.1, Jan/Jun. 2017, p. 06-17.
- COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a._____. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.
- COVAS, Fabíola Sucasas Negrão; BERGAMINI, Lucas Martins. Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+. *BrazilianJournalofDevelopment*, Curitiba, v.7, n.6, p. 54892-54913 jun. 2021

FIORIN, *Língua, discurso e política*. Alea. Volume 11 número 1 janeiro-junho 2009 p. 148-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2009000100012>. Acesso em 5 de novembro de 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder/Michel Foucault*; organização e tradução de Roberto Machado. p.12-23 – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

FOUCAULT, Michel. *Introdução à vida não fascista* (1977). Disponível em: <https://pimentalab.milharal.org/files/2012/05/foucault_anti_edipo.pdf>. Acessado em 25 de agosto de 2021.

GIVIGI; DORNELLES. Ana Cristina Nascimento (org.); DORNELLES, Priscila Gomes (org.) *Babado acadêmico no Recôncavo Baiano: universidade, gênero e sexualidade*. In. LUZ, Nilton. *Discriminação às avessas: um argumento de defesa de violências*. 1º ed. Salvador: Edufba, 2017.

GIVIGI; DORNELLES. Ana Cristina Nascimento (org.); DORNELLES, Priscila Gomes (org.) *Babado acadêmico no Recôncavo Baiano: universidade, gênero e sexualidade*. In. MEYER, Dagmar. *De coisas que aprendi durante o exercício da docência no ensino superior: aportes dos estudos de gênero e culturais e da teorização foucaultiana*. 1º ed. Salvador: Edufba, 2017.

GIVIGI, Ana Cristina Nascimento (org.); DORNELLES, Priscila Gomes (org.) *Babado acadêmico do Recôncavo Baiano: universidade, gênero e sexualidade*. In. GIVIGI, Ana Cristina Nascimento. *O incômodo jeito de lutar com alegria e a assepsia política*. 1º ed. Salvador: Edufba, 2017.

JORGE, Murilo Delgado. *Todxs, tod@s, todos ou todes?: uma análise do posicionamento de profissionais da área de Letras acerca da marcação de gênero no contexto da não-binariedade*. 58 p. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras - Português e Literatura da Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2021.

JÚNIOR; VEIGA-NETO; FILHO. *Cartografias de Foucault*. In: FILHO, Alípio de Souza. *Foucault O cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 13-26.

JÚNIOR; VEIGA-NETO; FILHO. *Cartografias de Foucault*. In: RAGO, Margareth. Michel Foucault e o Zoológico do Rei. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 253-267.

JÚNIOR; VEIGA-NETO; FILHO. *Cartografias de Foucault*. In: MENEZES, Antonio Basílio Novaes Thomaz de. *Foucault e as novas tecnologias educacionais espaços e*

dispositivos de normalização na sociedade de controle. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 27-39.

LARROSA, J. Experiência e Alteridade em Educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>. Acesso em: 25 jan. 2022.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, [Rio de Janeiro], n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.

LARROSA, J. *Tecnologias do eu e educação*. In: SILVA, T. T. (org.). *O Sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEMOS, A. . *Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2004.

LAU, Diego Heliton; SANCHES, Gabriel Jean. A linguagem não-binária na Língua Portuguesa: possibilidades e reflexões MakingHerstory. *Revista X*, v. 14, n. 4. 2019.

LEMOS; OLIVEIRA. Mapeamento, Processo, Conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa. *Paralelo 31*. issn: 2358-2529, 2017.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente hoje: elementos para um quadro de análise*. In: *O trabalho docente : elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas* / 4. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.p.15-54.

TEDESCO, Silvia. A ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações. *Rev. Polis e Psique*, 2015; 5(2):32 –47. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/53952/pdf_23 .Acessado em 20. Ago. 2023.

SANTOS, Ana Lucia Pessotodos. Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela Língua(gem) inclusiva. *Revista Ártemis; João Pessoa* Vol. 28, Ed. 1, (2019): 160-178.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na Cibercultura*. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2019.

SANTOS, Edméa. *Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 192p.

SCOTT, Joan. *Gênero, uma categoria útil para a análise histórica*. New York, Columbia University Press. 1989.

Silva, D. M. da, & Rezende, T. F.. Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa. *Porto Das Letras*, 4(1), 174 - 202. 2018. Disponível em: [Periódicos - UFT | Porto das Letras](#). Acessado em: 01/07/2021

SILVA; COSTA; PEREIRA. Formação de professores/as pesquisadores/as: contribuições e implicações do método cartográ' co para as pesquisas em educação. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*. Canoas, v. 23, n. 2, 2018. Disponível em: [Formação de professores/as pesquisadores/as: contribuições e implicações do método cartográfico para as pesquisas em educação | da Silva | Educação, Ciência e Cultura \(unilasalle.edu.br\)](#). Acessado em: 20/02/2022

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; RIOS Ádina Nunes; DA SILVA, Fabrício Oliveira. Cartografia das produções sobre profissão docente em contextos de diversidade na Bahia. In: *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*.v. 2, n. 3, p. 318-342. jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8099>. ISSN: 2675-6889.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Valdina Gonçalves da; PEREIRA, Diego Carlos (Org.) *Ateliês de pesquisa formação de professores(as)-pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação*. In. SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Valdina Gonçalves da. O método cartográfico na pesquisa em educação: ateliê de pesquisa como dispositivo formativo. SciELO - EDUNEB, 2020

SOUZA, Bruno Barbosa de. *Os discursos de Gênero e Sexualidade na Formação de Professoras/es*. 2018. 158 f. Dissertação(Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018.

PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual – Práticas subversivas de identidade sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.

PEREZ; MEZA; ROSSOTTI; BICALHO. *Formação: ética, política e subjetividades na Psicologia*.Org:Carlos Eduardo Nórte Raiana Micas Macieira Ana Lucia de Lemos Furtado. In. Da ética e da formação: cartografando práticas para além das normas. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 2010. 200 p. 2010

PRECIADO, Beatriz. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*, Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. IN: Epistemologias do sul. Org: Boaventura de Souza Santos; Maria Paula Meneses. São Paulo: Editora Cortez, 2010, p. 31-83.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. *Cartografar é habitar um território existencial*. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa*

intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre:Sulina, 2015. p. 131-149.

BARBOSA, Mariana. *Um corpo que experimenta e avalia: a ética em deleuze à luz da “grande identidade” spinoza-nietzsche*. KRITERION, Belo Horizonte, nº 141, Dez./2018, p. 867-890.

FERREIRA, Nikolas. *Pronome neutro: querem cancelar o português*. Youtube. 9 de set. de 2020. Disponível em: [PRONOME NEUTRO: QUEREM CANCELAR O PORTUGUÊS! - YouTube](#). Acessado em: 01/11/2021.

FILHO, Alípio de Sousa. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: ALBUQUERQUE JR; Durval M de; VEIGA-NETO, Alfredo, FILHO, Alípio de Sousa. (orgs). *Cartografias de Foucault*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

FREITAS, Fátima e Silva de. *A diversidade cultural como prática na educação*. Curitiba: IBPEX, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Tradução: Graciano Barbachan. Publicação Original: 1970. Livro em PDF disponível em www.sabotagem.revolt.org. Digitalização em 2004.

GUATARRI Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. A virada ontológica da hermenêutica no fio condutor da linguagem. In: *Verdade e Método*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 558-709.

GALVÃO; RICARTE. revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *LOGEION: Filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019/fev. 2020. Disponível em: [Revisão-Sistemática-de-Literatura.pdf \(usp.br\)](#). Acessado em: 01/11/2021.

HUR, Domenico. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. *Revista Práxis Educacional* v. 17, n. 46, p. 275-292 , jul./set. 2021

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós - estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOURA; LIMA. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *Interfaces da Educação*. Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014. Disponível em: [Vista do A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível \(uems.br\)](#). Acessado em: 20/02/2022.

NUNES, Felipe. *Eliza explica posicionamento contra 'linguagem neutra'*. Youtube, 9 de out. de 2021. Disponível em: [Eliza explica posicionamento contra 'linguagem neutra' - YouTube](#). Acessado em: 01/11/2021.

SANTOS, Eliziane Santana dos.; FREIXO, Alessandra. Quando o plantio de feijão nos atravessa: experiências e experimentações nas ciências naturais no campo. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 10, n. 3, p. -2 , set./dez. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/38189/25842> . Acessado em 20/08/2023

SILVA, Thaysa; SILVA, Edcleide. *Mas o que é mesmo Corpus? – Alguns Apontamentos sobre a Construção de Corpo de Pesquisa nos Estudos em Administração*. Rio de Janeiro / RJ - 7 a 11 de setembro de 2013.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. *Profissão docente na educação básica no Piemonte da Diamantina: cartografias em construção*. Curitiba: CRV, 2021.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. *Digital de tecnologias cognitivas*. Número 3. janeiro-junho, ISSN, 1984-3585. 2010.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. WEBER; GRISCI; PAULON. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. *Cad. EBAPE.BR*, v. 10, nº 4, artigo 4, Rio de Janeiro, Dez. 2012.

SILVA, A. L.; SÁ, M. R. MESTRADO PROFISSIONAL: cenários e singularidades em intervenções na educação. *Plurais Revista Multidisciplinar*, v. 1, n. 1, 22 ago. 2018

SCHELLES, Suraia. *A importância da linguagem não-verbal nas relações de liderança nas organizações*. Revista Esfera, n. 1, 2008.

PASSOS, E.; BENEVIDES DE BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da.(org) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. In: BARROS; PASSOS Diário de bordo de uma viagem-intervenção. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 172 – 200.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 109-130.

POCAHY, Fernando. SILVA, Ana Lúcia Gomes da. DOURADO, Emanuela. A cartografia social e a pesquisa intervenção na formação de professores. *Revista Ciências Humanas - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil*, v. 13, n 1, edição 26, Janeiro/Abril 2020.

RODRIGUES, H. C. de B. Analisar. In: FONSECA, T.; NASCIMENTO, L.; MARASCHIN, C. (Org.). *Pesquisar na diferença*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editorada. UFRGS, 2011.

TESKE, Silvia. Cartografia poética. *O Município*. Brusque, 15 de agosto de 2018. Disponível em: [Cartografia Poética | O Município \(omunicipio.com.br\)](http://omunicipio.com.br). Acessado em: 08/11/2021.

TUDO SOBRE POLÍTICA E CULTURA. *Professora de português detona o pessoal do “pronome neutro”*. Youtube, 24 de set. de 2020. Disponível em: [PROFESSORA DE PORTUGUÊS DETONA O PESSOAL DO "PRONOME NEUTRO" - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acessado em: 01/12/2021

MUNHOZ, A. V. Um Modo de Existir na Docência. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 47, e124421, 2022.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. *Revista Ensaio*. Belo Horizonte. v.14. n. 03. p. 351-358. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epec/v14n3/1983-2117-epec-14-03-00351.pdf> . Acessado em: 01/11/2021.